



Três VEZES PAI

SPIN-OFF DE OPERAÇÃO BEBÊ A BORDO

A. C. NUNES



Três
VEZES
PAI

SPIN-OFF DE OPERAÇÃO BEBÊ A BORDO

A. C. NUNES

Sumário



[SINOPSE](#)

[PLAYLIST](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[EPÍLOGO](#)

[OPERAÇÃO BEBÊ A BORDO](#)

REDES SOCIAIS



Eu estava quebrado.

Após um trauma brusco e doloroso, o homem que fui um dia não conseguia encontrar o caminho de volta. Até que, em uma noite chuvosa, me deparei com uma desconhecida na estrada que me ofereceu uma carona. Tão quebrada quanto eu, ela decidiu que uma única noite de sexo casual sem envolver nomes era uma boa para um coração partido. Apenas uma noite, nada de nomes e apenas um bilhete de despedida na manhã seguinte que me deixou arrasado.

Eu não poderia prever que aquela ocasião traria três pequenas e adoráveis consequências. Sei que a garota teve que lidar com elas da melhor maneira que pôde enquanto, aos poucos, curava seu coração. Foi por acaso que nós nos reencontramos e eu descobri que tínhamos três filhos. Agora, havia uma razão para eu superar e seguir em frente: três crianças que precisavam de um pai de verdade e a garota linda da noite chuvosa que eu nunca fui capaz de esquecer.



Ouçá a *playlist* da história. Abra o aplicativo do Spotify, vá em buscar, clique na câmera no lado superior direito da tela e escaneie o código abaixo. Você também pode tirar *print* da tela e, fazendo o mesmo processo anterior, selecionar a imagem da sua galeria de fotos.



Se preferir, [clique aqui](#).

Capítulo 01



Lauren

A chuva está impiedosa e bate com força contra o para-brisa do meu carro. Os limpadores trabalham arduamente e, ainda assim, é difícil enxergar a estrada à minha frente. Uma música que não gosto muito começa no rádio e pulo três faixas até uma que não me faça lembrar dele. Procuro pelas horas e noto que são dez da noite. Torço para que, a essa altura, ele já tenha ido embora. Torço para que quando eu chegar em casa, suas coisas já não estejam mais lá. Eu lhe dei algumas horas para que se mudasse. Rodei por cidades a tarde inteira nesse meio-tempo, convencendo-me de que foi a melhor decisão.

Claro que foi.

Limpo uma lágrima teimosa que escorra pelo meu rosto e seguro o volante com mais força. Não vou chorar por causa dele. Não vale a pena. Inspiro fundo e me concentro na música para afastar a tristeza que ameaça avançar sobre mim de novo. Aquele homem já teve lágrimas demais de minha parte. Chega de lágrimas.

Estou atenta à estrada quando vejo uma silhueta se formar sob os faróis do carro. Alguém está caminhando no acostamento, à minha direita. Aperto os olhos para melhor enxergar e diminuo a marcha. Conforme me aproximo, reconheço que é um homem. É alto, usa roupas esportivas — bermuda, regata e tênis — e caminha debaixo de chuva em passos que não são nem apressados nem lentos demais. A postura um pouco encurvada, entretanto, passa uma impressão de abatimento.

Quase parando, passo ao seu lado. O homem olha através do vidro do passageiro, seus olhos encontrando os meus. Na pequena fração de segundos em que fazemos contato visual, noto que é jovem, talvez entre vinte e cinco e trinta anos. É bonito. Freio a cinco metros dele, em uma atitude impensada, engato a ré e acelero. Paro ao seu lado e abro a porta do passageiro.

— Quer uma carona? — ofereço de forma completamente irresponsável.

Dar carona a um homem desconhecido em uma estrada quase deserta a essas horas da noite? É praticamente pedir para morrer. Ainda assim, não me importo o suficiente para ter medo ou me preocupar. Ele não parece perigoso e confio nos meus instintos que sempre foram muito bons.

O rapaz fica imóvel. Os pingos de chuva encharcam seu cabelo loiro escuro e caem sobre suas pálpebras, as íris fixas em mim por longos segundos. Ele olha melhor ao redor, talvez ponderando se aceita a oferta, talvez calculando quanto ainda falta para chegar ao seu destino.

— Para onde está indo? — pergunta, piscando diversas vezes para afastar os pingos d'água.

— Santa Mônica. Você está indo para lá também? — Ele assente. — Entra — insisto. — Eu te dou uma carona.

Ele aceita com um sorriso pequeno. Não pergunto o seu nome, embora fique curiosa em saber por que estava solitário na estrada. Coloco o carro para andar e dirijo por dois minutos em silêncio.

— Está com frio? — Ao olhar para o rapaz, ele parece perdido enquanto observa o lado de fora através do vidro. — Devo ter um casaco masculino no banco de trás.

Ele se vira para mim, sem sorriso dessa vez, as íris abatidas, até um pouco sombrias. Não sinto medo apesar disso. Ele não aparenta ser perigoso. Só... entristecido. Com um movimento silencioso de cabeça, ele encurva o corpo para trás e encontra o casaco, jogando-o sobre o ombro, sem de fato vesti-lo.

— Não acha perigoso dar carona a um estranho? — Sua voz é baixa e um pouco rouca. Por um instante, desvio o olhar para ele e percebo que o rapaz não está me olhando de volta. — Eu posso ser um maníaco.

Dou de ombros, pego meu celular no bolso da minha calça e, com atenção redobrada, tiro uma foto dele quando o chamo e ele se vira para mim.

— Mandeí sua foto para uma amiga e estou compartilhando minha localização com ela em tempo real a partir desse momento. — Ele ergue uma sobrancelha, e um sorriso muito pequeno surge no canto da sua boca. — Vai pensar duas vezes antes de me fazer algum mal.

Guardo o celular de volta depois de mandar um áudio para Bianca avisando que dei uma carona a um rapaz estranho e que devo chegar à cidade em mais ou menos meia hora.

— E você... não tem medo de andar por aí no acostamento a essas horas da noite? Com essa chuva e a parca visibilidade não seria difícil ser atropelado.

O rapaz dá de ombros.

— Estou acostumado com o percurso, mas a chuva me pegou desprevenido. Não tinha nada que eu pudesse fazer a não ser voltar para casa assim mesmo.

Assinto e suspiro ao entender que ele estava correndo.

— De quem é? — pergunta algum tempo depois. Olho-o de relance e entendo que está referindo-se ao casaco.

— Do meu ex-noivo. Pode ficar para você. — Com um sorriso, avalio-o rapidamente, dividindo minha atenção com a direção. — Parece que vai servir perfeitamente.

— Ele não vai querer de volta?

Aperto o volante entre meus dedos.

— Ele nem vai se lembrar desse casaco. Fique *pra* você porque se não ficar, vou atear fogo. Vou atear fogo nesse casaco e em todos os pertences dele que ainda estiverem na minha casa, se por acaso ele não tiver tirado tudo como eu mandei.

Há um pequeno silêncio entre nós.

— Uau. Ele pisou mesmo na bola com você.

Abro um sorriso amargo.

— “Pisar na bola” é eufemismo. Bruno... foi um completo sacana comigo.

— Sinto muito.

Não respondo. Dirijo por mais uns dez minutos, em silêncio, apenas as músicas da minha *playlist* preenchendo o carro. Vez ou outra, eu me pego avaliando-o rapidamente. Há algo nele que me chama a atenção, que me

atiça à curiosidade. Há uma aura de mistério que o ronda, disso tenho certeza, e desejo desvendar tudo o que se passa na sua cabeça. O que ele está sentindo para parecer tão entristecido? E por que mesmo quero saber disso tudo?

Como se não bastasse, eu me atento à sua aparência. Ele é bonito. Rosto barbado, sobrelhas grossas, braços fortes — braços de quem faz muito exercício físico. Não resisto e tento espiar um pouco o abdômen. A camisa molhada marca um pouco seus músculos e dá para ver os gominhos salientes.

Suspiro, afastando a ideia maluca da minha cabeça.

Lauren, pelo amor de Deus, ele é um completo estranho.

— Você tem namorada? — Quero saber. Sinto meu coração acelerar levemente porque não consigo, de nenhuma forma, afastar a ideia que brotou em meus pensamentos.

Você nem o conhece!

Mas eu não sou nenhuma puritana e não seria a primeira vez que faço sexo com um estranho. O último homem desconhecido com quem transei, dois carnavais atrás, virou meu noivo e minha vida de ponta cabeça.

Eu posso arriscar. Foda-se. Não precisamos de nomes, só de uma noite. Uma única noite.

Ele não responde nada por segundos que acho longos demais. Não me olha, mas posso ver, pelo reflexo do vidro da janela do passageiro, que a menção causou um efeito negativo nele.

— Tinha.

— Terminaram há muito tempo?

Outra leva de segundos de silêncio. O rapaz se vira para mim, ajeitando o casaco sobre os ombros, e bate o queixo de frio.

— Ela morreu. Fez um ano na semana passada. — Engole em seco e pausa por um minuto inteiro. Um minuto inteiro que eu me praguejo por ter feito essa pergunta, mas também aliviada por entender a tristeza por trás dos seus olhos. A curiosidade ia me matar se eu não descobrisse. — Foi minha culpa.

— O que aconteceu? — murmuro, compadecida dele. Dou seta e pego uma saída à direita.

Ele balança a cabeça de um lado a outro.

— Não quero falar disso.

Respeito sua decisão e apenas assinto.

— Por que a pergunta? — Sinto seu olhar atento e analítico sobre mim. — Por que queria saber se eu tinha uma namorada?

De novo, aperto os dedos com força em volta do volante. Pondero se devo ser sincera ou se arranjo uma desculpa qualquer. Tenho medo de ofendê-lo com minhas reais intenções. Talvez ainda ame aquela garota e a ideia de se envolver com uma estranha seja terrível para ele. Ou talvez ainda ame aquela garota e a ideia de se envolver com uma estranha seja um modo de aliviar a dor. Como é o meu caso.

— Preciso gozar — digo, sem cerimônias. Ouço quando ele engasga com a própria saliva, pego por eu ter sido tão direta. — Passei os últimos dois anos da minha vida em uma relação meia-boca em que ele não me fazia gozar. Eu gosto de gozar sozinha, sei gozar sozinha, mas especificamente hoje, necessito de um cara que me faça gozar.

— Ah, meu Deus — ele sussurra. — Eu preocupado com você dando caronas a estranhos por aí, mas você é que deve ser uma maníaca.

Não controlo uma risada baixinha. Ficamos mais um tempo em silêncio e confiro as horas. Estamos quase chegando agora. Só mais uns quinze minutos de viagem.

— Faríamos no carro? — Sua pergunta me dá um pequeno susto. Eu me viro na sua direção por um instante. — Se fôssemos trepar, faríamos no carro?

Pigarreio e olho melhor o entorno, reconhecendo onde estamos.

— Tem um motel não muito longe daqui que frequento.

— Não tenho dinheiro comigo agora. Desculpa.

Inclino-me ligeiramente até o porta-luvas e retiro um cartão de crédito no nome do meu ex-noivo de lá de dentro e o estico para o desconhecido. Bruno me emprestou na noite passada, antes de eu descobrir

sua canalhice, para que eu comprasse um lanche quando voltasse do trabalho.

— Nada mais justo, não acha?

Ele ergue as sobrancelhas.

— Ele ficou com você por dois anos e não te fez gozar nenhuma vez. É um preço mais do que justo a pagar.

— Além do mais, ele foi sacana comigo.

— É, ele foi sacana com você.

Sorrimos um para o outro e, em silêncio, entramos em um consenso.



— Vou tomar um banho antes. *Pra* me limpar e me aquecer — o estranho diz, assim que entramos no quarto de motel.

Eu assinto e ele se retira enquanto pego meu celular e faço uma chamada de vídeo para Bianca. Ela me atende sem demora, querendo saber onde estou e por que diabos resolvi dar carona para um homem desconhecido.

— Eu não sei. — É toda minha resposta. — Ele estava na chuva, a quinze quilômetros de casa. Só quis ajudar.

— *Lauren, você é completamente doida. O Bruno fodeu de vez com sua mente, sabia? Onde estão agora?*

Dou de ombros, sentando-me na cama. Em um ponto ela tem razão. O Bruno fodeu de vez com meu psicológico.

— Ele é bonito — digo, olhando rapidamente na direção ao banheiro. — E vamos transar. O cara prometeu que vai me fazer gozar, algo que não aconteceu nos últimos anos com o Bruno.

— *Lauda: maluca* — Bianca diz, um tom de indignação e ironia ao mesmo tempo. — *É um homem, Lauren. Acreditou na palavra dele?*

— Não custa tentar. Ele pode ser bom. Se não for, paciência.

Um suspiro pesado atravessa a chamada de vídeo.

— *Tudo bem, você é adulta e sabe o que faz. Só que eu não vou ficar tranquila enquanto não chegar. Qual o nome dele? Me manda uma foto dos documentos dele, qualquer coisa assim, caso seja necessário. Embora eu torça para que não precisemos.* — Nisso, ela bate os nós dos dedos na madeira da mesa.

Mordo o lábio inferior.

— Ele está sem documento. Estava correndo. Não sei o nome dele e não quero saber.

— *Lauren...* — O tom é de advertência.

— Eu vou ficar bem, Bianca. Estamos em um motel, tem registro dele nas câmeras de segurança, e, por precaução, eu pedi que deixasse o nome com o recepcionista. Não ouvi porque fiquei longe. Eu realmente não quero nada dele além de uma noite incrível de sexo. Espero que ao menos isso seja capaz de me proporcionar.

— *Ele pode ter mentido sobre o nome dele.*

Abano a cabeça em negativo.

— O recepcionista o procurou nas redes sociais, o adicionou e tudo mais. O funcionário me garantiu que ele passou o nome verdadeiro. Esse cara não vai me fazer mal. Não se não quiser parar atrás das grades.

Outro suspiro.

— *Me mande mensagens constantemente, tá?*

— Pode deixar.

Encerro a ligação, deixo meu celular sobre o aparador perto da porta e caminho até o banheiro. O estranho ainda está sob o chuveiro e não faço cerimônia de invadir seu espaço. Arranco minha roupa sob seu olhar analítico, silencioso, e entro no box só de calcinha. Mordo o lábio inferior, analisando seu corpo. Ele é gostoso. Direciono os olhos para seu pau, já duro.

— Posso? — pergunto, aproximando minha mão do seu membro.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Por favor.

Fecho meus dedos em torno da sua ereção e o bombeio devagar. A respiração dele falha um instante e, quando o olho, seu maxilar está trincado, as pupilas dilatadas, os olhos azuis fixos em mim. Antes que eu espere, ele me puxa para um beijo rude e profundo. Faço menção de não o tocar mais, contudo, ele envia um sinal de que não devo parar e me beija indecentemente conforme o masturbo, deliciando-me com o gemido rouco que escapa da boca dele para a minha. Nesse instante, eu sei. Eu simplesmente sei que a noite vai ser mágica.

Capítulo 02



Lauren

Os lábios dele se movem contra os meus, agora mais devagar, enquanto minha mão ainda o rodeia, acariciando-o lentamente. Ele desliza a língua pela minha pele, junto com um toque suave e delicioso até o vão das minhas pernas. Seus dedos brincam com o tecido molhado da minha calcinha antes de avançar por dentro e me cobrir com toda sua palma. Ele abre os olhos e me encara, o polegar procurando meu clitóris. Aumento a pressão ao seu redor em resposta. Ele geme baixinho e gostoso, um gemido que se mistura ao meu, de mesma intensidade. Fecho os olhos, deliciando-me com esse som.

Antes que eu tenha tempo de assimilar, sua boca está na minha de novo, calando um suspiro que deixo escapar quando ele encontra meu ponto de prazer e o aciona. Junto minhas coxas e aperto sua mão entre elas ao me contorcer um pouco, atingida pela corrente de prazer.

— Aquele idiota mamava sua boceta? — sussurra e mordisca meu lábio inferior, o polegar ainda lá, fazendo maravilhas.

Levo um milésimo de segundo para responder:

— Dificilmente. Quando fazia, ainda era péssimo.

Ao abrir meus olhos, me deparo com um par de íris azuis intensas, dilatadas, carregando toda luxúria do mundo ali.

— Quero fazer o serviço completo — ele continua e desvia as mordidas para os meus ombros. — Quero te foder com o pau e com a língua. Esse último, só se você quiser.

Eu me agarro aos seus braços cheios de músculos e o olho, quase desesperada.

— Eu quero. Por favor, eu quero!

Como resposta, ele me vira, em um movimento que é brusco, mas também sensual, e deixa meu rosto perto dos ladrilhos opostos ao chuveiro. Sua palma nas minhas costas me conduz, levando-me a inclinar a bunda na sua direção. Ele amacia minha carne por um minuto, depois, escorrega o

indicador por entre meus lábios vaginais, devagar, provocante, quase enlouquecedor. Antes mesmo que esteja dentro de mim, sei que ele vai ser bom.

O toque dos seus dedos se vai e, no lugar, sua língua me preenche assim que minha calcinha está rodeando apenas um dos meus calcanhares. Ele chupa, suga e me invade, as mãos apertando minha carne, a barba pinicando a pele. Toda a combinação é incrivelmente deliciosa. Eu gemo sem qualquer pudor, liberando de mim todo o prazer acumulado. Era tudo que precisava no momento. Um homem bonito, gostoso e que sabe foder.

Ele sobe, passando a língua pelas minhas costas até eu sentir seu hálito na minha nuca, a ponta de sua ereção contra a minha entrada. Separo as pernas e me inclino mais, convidativa, praticamente implorando. Seu braço esquerdo me contorna, uma mão brinca com o bico do meu seio e um beijo estrala abaixo da minha cerviz.

— Fica aqui, não se mova — pede, afastando-se de mim.

Eu obedeço, e ele não demora a voltar. Dou uma espiada por cima do ombro e sorrio ao notar que se revestiu com uma das camisinhas que o motel disponibiliza. Bonito, gostoso, responsável. Um de nós precisa ser, porque eu estava esquecendo-me completamente. Uma mão se embola nos meus cabelos e me puxa para trás, firme e sexy. Novamente, sinto sua ereção contra minha entrada. Ele se ajeita melhor atrás de mim e, conforme me puxa pelos cabelos, me penetra. Ele começa lento, estocando forte, fundo, mantendo o aperto nos meus fios a cada estocada. Eu entro em chamas, deliciada com sua dedicação e potência, sentindo pontadas de prazer dentro de mim. Quando seu ritmo lento ganha força e velocidade, aperto os olhos, relaxo e me entrego como pouco fiz em uma vida.

Ele me come vigorosamente. Ele me fode com toda força. Ele me proporciona um prazer sujo, obsceno e indescritível. Eu me sinto suja, obscena, indescritível e plenamente feliz e realizada porque vou gozar com um cara pela primeira vez em muito tempo. O entendimento disso me causa um choque no vão das pernas, e eu me contraio inteira, sentindo o orgasmo vir.

— Faça isso mais uma vez — ordena, ofegante. — Me aperta de novo com a boceta.

Eu atendo e sinto quando ele joga a cabeça para trás, gemendo baixinho.

— Estou quase gozando — confesso, entre um gemido e outro e com alguma vergonha, é verdade. Não sei se é a minha necessidade, se ele é que é bom demais, ou se é um pouco de cada. — Meu Deus, eu estou quase gozando!

Como se me conhecesse o suficiente, ele separa um pouco mais minhas pernas e abre minha bunda, estocando ainda mais rápido. Menos de um minuto depois, meus joelhos tremem quando atinjo o pico de prazer e gozo. Preciso me apoiar contra a parede para me manter em pé e luto para conseguir respirar. Ainda estou me recuperando quando o sinto me virar para ele. Pisco duas vezes, localizando-me. O chuveiro agora desligado, eu no colo dele, minhas pernas contornando sua cintura, seu membro duro ainda dentro de mim, ele me levando para o quarto.

Minhas costas recebem um colchão macio, e meus lábios, os lábios dele, que ainda me come, só que agora mais lento. Suspiro contra sua boca, enfiando os dedos nos seus cabelos molhados, e afundo mais na cama. A sensação de bem-estar me deixa lenta e feliz. Feliz o suficiente para sorrir contra sua boca, embora ele não o faça de volta.

— Fica aqui — pede mais uma vez, saindo de cima de mim.

Brinco com meu clitóris e fecho os olhos, regozijada.

— Não pretendo ir a lugar algum. Pelo menos, não sem mais três ou quatro gozadas. Será que você dá conta?

Ao abrir os olhos, ele está aqui de novo, como se não tivesse me deixado por alguns segundos, e só sei que me deixou por pouco tempo porque está segurando uma toalha branca.

— Claro que aguento. Por isso, não devemos enxarcar a cama porque vamos usá-la muito essa noite.

Ele me puxa pelo punho e me seca, passando o tecido pelo meu corpo com alguma veneração e delicadeza. Ele se detém um tempo na curva dos meus seios, no meu abdômen e na minha vagina. De novo, sua boca está ali, a barba roçando minha pele entre as pernas. Não é menos delicioso do que a primeira vez. Ele me joga na cama e fica em pé na beirada, trocando a camisinha. Então, engatinha na minha direção e se ajeita sobre mim.

— Ponha as duas pernas aqui — comanda, indicando seus dois ombros.

Seguro a respiração ao notar o ângulo que vou ficar nessa posição e já antecipo o prazer com um gemido baixo. Ele vem sobre meu corpo, empurrando meus joelhos na direção do meu rosto, ao mesmo tempo que me penetra. Sem tirar os olhos de mim, ele entra e sai em um ritmo gostoso e cadenciado. Ficamos um longo tempo nessa posição, sem que nenhum de nós deseje trocar. O ângulo que seu pau atinge dentro de mim é incrível, seus movimentos são perfeitos, e seus gemidos despudorados são tudo para mim.

— Quero esporrar — ele murmura —, mas não assim. Me deixa te foder de barriga *pra* baixo?

Ele não precisa pedir duas vezes. Um instante depois, já estou nessa posição, mão no meu clitóris, meu quadril subindo e descendo ao mesmo tempo em que estoca dentro de mim. Ele anuncia que está gozando, e eu vou junto. Ele rola de cima de mim dois segundos depois, assim que digo que também gozei, e se levanta até o banheiro para descartar a camisinha usada. Eu me deito de lado, deixando meu rosto perto do dele quando o desconhecido faz o mesmo.

— E então? — pergunta, erguendo uma sobrancelha. — Supri suas expectativas e necessidades?

— Até demais — digo, com um sorrisinho. — Podemos repetir assim que nos recuperamos?

Como resposta, ele se vira para pegar o controle da televisão sobre a mesa de cabeceira. O rapaz zanza pelos canais disponíveis, sem dizer mais nada, enquanto eu envio mensagens para Bianca. Converso com minha amiga por uns dois minutos antes de deixar o celular de lado e me atentar à programação que ele escolheu. Para minha surpresa, sou arrastada para seu tórax, e ele acaricia meus cabelos sem me olhar. Confesso que gosto desse ato mais do que deveria. Será que estou afetada e carente demais a ponto de me sentir confortável com isso?

— Quão sacana seu ex foi com você? — pergunta, algum tempo depois, ainda sem me olhar.

Abro um sorriso leve contra seu mamilo.

— Vai me contar o que aconteceu com sua namorada e por que se sente culpado?

Ergo os olhos para ele, que segue negando-se a fazer contato visual comigo. Ao menos, por mais uns cinco segundos. Seus olhos azuis se direcionam para mim depois desse tempo, e eu aguardo, acreditando que ele vai contar.

— Não.

— Então também não vou contar.

— Eu diria que é muito mimado de sua parte, mas é justo na verdade — diz, com uma pitada de humor.

Sem pensar muito, eu me ergo um pouco e deixo um beijo na sua boca. Ele retribui e por algum tempo nós só namoramos sem qualquer conotação sexual. Apenas beijos molhados e carinhos que não deveriam estar acontecendo entre nós. Depois, pedimos algumas fritas, hambúrguer e refrigerante para recuperarmos a energia.

— Sabe — digo, lambendo a ponta dos meus dedos e mastigando o pedaço do lanche —, o que me deixou mais triste e puta na minha história com o Bruno, foi eu ter feito planos. — Olho-o com cuidado antes de perguntar. — Você e sua namorada fizeram planos?

O desconhecido não me olha, mas sinto alguma tensão emanando dele pelo modo como mastiga seu lanche e joga as fritas na boca.

— Que tipos de planos?

— Sei lá. Qualquer um. Casar, ter filhos, viajar, comprar uma casa juntos, mudar de cidade, trocar de carro, abrir um restaurante.

— Abrir um restaurante? — Ele ri um pouquinho, e noto que é muito raro de sua parte sorrir. Dou de ombros. Ele suspira. — Não sei se posso dizer que eram planos, mas... falávamos em casar um dia quando...

Espero.

— Quando...? — incentivo-o, ao notar que ficou quieto por tempo demais.

— Não importa. A sua pergunta era se tínhamos planos. Tínhamos. O clichê da maioria dos casais: casar, ter filhos, trocar o carro. Abrir um

restaurante, não. Só cozinávamos o básico. Eu *ainda* só cozinho o básico.

Sorrio um pouco e pego outra batata palito.

— Poderiam contratar pessoas que cozinhassem bem.

Ele me empurra com seus ombros em um ato amigável.

— Uma vez — ele continua —, ficamos deitados na cama, escolhendo o nome dos nossos futuros filhos. — Nesse momento, eu o olho com alguma admiração, sem saber por quê. — Fizemos uma lista de nomes que queríamos. Escolheríamos por sorteio.

— Que nomes você escolheu? — pergunto, com uma risadinha.

Ele se estica um centímetro para pegar dois guardanapos para limpar os lábios e os dedos.

— Arthur, Lucas e Gabriel. O primeiro, escolhi por causa do meu velho que se chama Arthur e é a pessoa mais incrível que eu conheço.

— São nomes lindos. E para menina?

— Yasmin, Lavínia e Louise.

— Um desses é o nome da sua mãe, não é? — pondero, bicando minha Coca-Cola.

— É, sim. — Ele aponta para sua porção de fritas. — Te dou minhas batatas se adivinhar qual é.

Penso por segundo.

— Lavínia?

Ele balança a cabeça.

— Louise.

Tento surrupiar suas fritas mesmo assim, mas ele as protege como se fossem sua cria.

— É estranho eu saber o nome dos seus pais, mas não o seu?

O rapaz dá de ombros, engolindo o último pedaço do seu lanche.

— Você quer saber?

Balanço a cabeça em negativo.

— Não precisamos de nomes. Só de uma noite incrível de sexo.

— Você quem sabe.

Sorrio um pouco, observando-o juntar sua parte na bagunça e descartar tudo no lixo. Quarenta minutos depois, estou debaixo dele, minhas pernas contornando sua cintura, ele dentro de mim me dando mais um orgasmo.



Paro sob o umbral da porta do banheiro, vendo-o dormir. O desconhecido está nu, o lençol cobrindo apenas sua parte inferior, ele debruçado, as mãos debaixo do travesseiro, o rosto virado na minha direção, os lábios entreabertos e um ronronar baixo preenchendo o ambiente. Já vestida e pronta para partir, caminho com cuidado até o aparador perto da porta de entrada. Tem caneta e um bloco de notas que uso para escrever um bilhete. Deixo à vista para que, quando acorde, possa ver meu recado. Junto meus pertences e, silenciosamente, vou embora.

Capítulo 03



Mattia

Um ano e meio depois

Inspiro fundo, concentrando-me, e forço minhas pernas no último quilômetro de corrida. Sinto as panturrilhas e o abdômen queimarem e tento pensar em qualquer outra coisa, e não em quando vou terminar o percurso de quinze quilômetros.

Minhas costas pingam de suor pelo esforço, ao mesmo tempo em que a sensação de bem-estar vai tomando conta do meu corpo e da minha mente. Gosto de correr porque me deixa mais relaxado, confiante e desestressado. Desvio de alguns transeuntes na calçada, muitos deles apressados para chegar ao trabalho e começar o dia. Atravesso a rua, perto de chegar em casa, e alguém me cumprimenta nos últimos quinhentos metros. Não sabendo de onde veio o cumprimento ou de quem, apenas aceno com a mão.

Por fim, chego em casa. Dobro-me sobre meus joelhos, recuperando o fôlego um minuto antes de caminhar em torno do quarteirão do bairro para esfriar e descansar meu organismo da corrida. Só então, vou direto para o chuveiro. Estou vestindo-me no quarto quando ouço barulho vindo da cozinha.

Suspiro, passando o cinto na calça e pensando em como ela é teimosa. Eu disse que estava bem e não precisava vir. Na cômoda, pego uma camisa branca, e meus olhos estacionam em um retrato meu com Natália. Estávamos na Argentina, tinha neve por todo lado e estávamos vestidos com roupas pesadas, gorros e óculos de esqui, perto de um teleférico. Foi nossa última aventura juntos antes de sua morte. Abotoo minha camisa sem tirar os olhos da fotografia, administrando minha dose de culpa diária. Faz dois anos e meio que ela me deixou. Dois anos e meio que não consigo me livrar do sentimento de que eu poderia ter evitado sua morte.

— Mattia? — mamãe me chama da cozinha. — O café está quase pronto. Vai demorar muito ainda aí?

— Não — grito de volta.

Jogo um blazer por cima e pego minha carteira. É meu costume sempre pegar uma camisa na cômoda e ficar olhando para minha foto com Natália enquanto me visto, como é do meu costume abrir a carteira e, antes de ir para meu plantão, retirar o bilhete *dela*. A garota da estrada de um ano e meio atrás. Eu ainda não acredito que ela teve coragem de ir embora na manhã seguinte e me deixar apenas esse bilhete idiota. O papel colorido, de uns quinze centímetros por dez, tem marcas das inúmeras dobras e das inúmeras vezes que o amassei e pensei em jogar no lixo. Nunca consegui. Como se não bastasse, volto com frequência no ponto em que nos encontramos naquela noite chuvosa. Já perdi as contas de quantas vezes corri até lá na esperança de reencontrá-la. Por que disso também nunca entendi. Acho que só tenho o desejo de confrontá-la, perguntar por que foi embora sem nenhuma palavra verbalizada.

— Poderia ter sido pior — digo para mim mesmo, ainda encarando o bilhete. — Ela poderia ter deixado a conta para você pagar.

Suspiro e leio o recado mais uma vez.

“Oi, estanho. Talvez esteja me odiando nesse momento, mas eu fui clara quando disse que tudo o que queria era só uma noite de sexo. E que noite, não é? Não sei se foi tão bom para você como foi para mim, mas de qualquer forma, para alimentar seu ego masculino, saiba que você me deu uma noite incrível e inesquecível. *Você* foi incrível e inesquecível. Mas foi só isso, estranho. Obrigada por tudo. Por favor, não tente me encontrar, vir atrás de mim, saber quem sou. Vai ser perda de tempo. Espero viver na sua memória como você sempre viverá na minha.”

Mais uma vez, tenho o ímpeto de jogar essa droga de recado fora. Outra vez, estou agarrado sentimentalmente demais a ele para conseguir. Assim, apenas guardo de volta na carteira e faço menção de seguir para cozinha. Topo com minha mãe na entrada do quarto.

— Não espere o café esfriar, querido.

— Eu já estava indo.

Mamãe arrumou a mesa com esmero: estendeu uma toalha azul, distribuiu os pães em um cesto, colocou uma faca para cada

acompanhamento e tirou do meu armário um jogo de xícaras que ela me deu quando meu irmão e eu viemos morar juntos, mas estava juntando pó porque eu só uso caneca.

— Filippo está chegando hoje de viagem — mamãe diz, colocando um pouco de café para mim enquanto me ajeito no meu lugar. — Seu pai quer todo mundo para recepcioná-lo. Você vai poder ir?

Filippo é meu irmão mais novo. O segundo de três filhos de dona Louise e seu Arthur. Foi um filho planejado assim como eu (ao menos, por uma das partes), diferente da minha irmã caçula, Paola, que veio ao mundo de enxerida.

— Meu plantão vai começar às sete, mãe — digo, procurando pelas horas. Seis e meia. — Só saio amanhã no mesmo horário. Desculpa.

— Não tem problema. Promete almoçar lá em casa amanhã, quando sair do plantão? É domingo, e sabe como seu pai gosta de todo mundo em volta da mesa.

— Prometo.

Ela se senta do meu lado e corta um pedaço de pão, fazendo algum comentário sobre a empresa. Meus pais trabalham com produção de multimídia e, já há alguns anos, conseguiram o controle acionista da Conecta Mídia. Um sonho que conquistaram juntos.

— Como você está, Mattia? — Sua pergunta é cuidadosa. Não preciso de mais que isso para compreender suas intenções.

Eu passei por uma fase delicada desde a morte da Natália. Por um tempo, vivi um luto sombrio demais. Eu me isolei das pessoas, pedi afastamento do trabalho por algumas semanas, não fazia nada além de ficar entocado dentro de casa. Depois, passei a descontar minha tristeza nos exercícios físicos. Veja, eu comecei cedo. Aos dez anos, já praticava uma porção de esportes no ginásio da cidade. Aos dezoito, comecei a me preparar para aventuras... digamos... que deixariam meus pais preocupados.

Quando Natália morreu, eu voltei para os exercícios físicos mais comuns. Voltei a correr, levantar peso, malhar. O problema é que estava estressando demais o meu corpo. Muito frequentemente ficava lesionado, não respeitava meus limites e o tempo de descanso entre um treino e outro. Meu joelho quase foi comprometido por causa da intensidade das minhas

corridas. Meu ortopedista me deu um xeque-mate: ou eu maneirava ou nunca mais na vida ia fazer exercícios de alto impacto.

Fui obrigado a maneirar e não pude mais descontinuar minha tristeza correndo uma meia maratona a toda potência diariamente. Mais tarde, em uma das minhas sessões de terapia que meus pais me convenceram a fazer, me dei conta que eu estressava meu corpo assim porque queria as lesões, as dores de pós-treino. Eram elas que confortavam minha mente.

— Eu estou bem, mãe.

— De verdade? Não está mais se exercitando exageradamente, está?

Abano a cabeça em negativo.

— Já passei dessa fase, dona Louise. Juro que estou respeitando meu corpo.

Ela pega minha mão sobre a mesa e afaga o dorso com carinho.

— Precisa voltar para as sessões com seu terapeuta. Você parou de frequentar sem ter tido alta.

— Eu estou bem.

— Mattia, isso é sério. Sei que parou porque foi viver um tempo em outra cidade, e você sabe o quanto argumentei para ficar ou fazer o acompanhamento psicológico online, mas você teimou que retomaria as sessões presenciais assim que retornasse para cá. Já tem dois meses que voltou e nem sequer te vi fazer menção de marcar um horário com o doutor Fagundes.

Minha mãe está coberta de razão. Tenho consciência de que não estou com a minha mente completamente saudável. O fato de ainda me sentir culpado e de sentir que eu poderia ter evitado a morte da Natália são os sintomas de que preciso mesmo voltar para a terapia. A questão é que eu não quero. Se voltar, leve o tempo que for, sei que vou conseguir me livrar desse sentimento. Se eu não sentir isso, o que mais vou sentir então?

— Sei que está preocupada comigo, mãe, mas eu estou bem, de verdade.

— Eu queria que você ainda fosse uma criança só para eu poder te levar ao médico! — protesta, e eu solto um riso baixinho. — Ia te arrastar para a terapia sem que pudesse negar.

Termino meu café e me levanto, deixando um beijo nas bochechas da mamãe.

— A senhora se preocupa demais, dona Louise. Mas, vamos fazer assim? Prometo procurar o doutor Fagundes se se eu notar tendências masoquistas. — Ela sorri e concorda, então mudo de assunto: — Sabe quanto tempo o Filippo fica na cidade?

Minha mãe suspira e também se levanta para tirar a mesa.

— Não sei, mas acredito que ele vai descansar um tempo antes da próxima expedição. Juro que ficaria mais aliviada se ele também largasse essa vida de esportes perigosos.

Dona Louise me olha na mesma hora, um pouco alarmada, notando o que acabou de dizer. Eu só deixei de praticar esportes perigosos por causa da morte da Natália. Sei que ela não quis que esse fosse o motivo de eu parar, mas fico afetado da mesma forma. Esforço-me para não demonstrar o que estou sentido.

— Querido, não foi minha intenção...

Eu a tomo em um abraço e a beijo de novo.

— Sei que não. Estou atrasado, mãe. Deixa a louça aí. Eu lavo outra hora.

— Não posso te pegar pelas mãozinhas e te levar ao médico, mas posso te contrariar, lavar sua louça e dar uma organizada na sua casa.



Minhas primeiras doze horas de plantão estão quase vencendo e estou prestes a sair para jantar quando uma enfermeira da triagem me traz uma nova ficha. Menino, dez meses, febre e dor de garganta.

— Naiara, não tem outro médico de plantão?

— A doutora Janaína ainda não voltou do horário dela. O senhor já estava de saída?

Franzo o cenho.

— Senhor, Naiara? — Ela fica sem graça. — Só tenho trinta e dois. Eu pretendia sair para ir comer algo, sim, mas espero pela Janaína e atendo o rapazinho. Pode mandar entrar.

Enquanto a enfermeira vai chamar o paciente, dou uma organizada na minha mesa e esterilizo maca e equipamentos do consultório. Dois minutos depois, uma moça jovem entra carregando o mocinho no colo. Ele está envolto em uma manta azul que parece quentinha e resmunga bastante. Seus olhinhos estão inchados de chorar, e ele parece bem *amuadinho*. A responsável pelo menino tenta acalmá-lo, balançando-o vagarosamente, e se senta de frente para mim.

Mais perto agora, eu fico surpreso em como esse menino lembra a mim quando eu era criança. Os olhos azuis, os cílios longos, os cabelinhos loiro-escuro, o formato do rosto. Quase poderia dizer que esse menino é meu filho. Eu me apresento à menina, que se apresenta de volta para mim. Bianca. Amiga da mãe do menino.

— O que ele está sentindo, Bianca? — pergunto, com a ficha dele em mãos e uma caneta entre os dedos.

— Ele está irritado, chorando muito, não come nada, não consegue dormir e está com febre. Medi a temperatura antes de vir para cá, e ele estava com trinta e nove graus.

Eu anoto os sintomas na ficha e só então peço para que ela o sente na maca. A menina fica ao lado do bebê enquanto eu pego um termômetro e um palito de sorvete. O rapazinho está inquieto e, para distrai-lo, encho uma luva descartável, como se fosse uma bexiga, e desenho um rosto com uma caneta piloto vermelho. Ele agarra a bexiga improvisada e fica mais quietinho. Aproveito o momento para, primeiro, tirar a temperatura dele e constato que realmente está febril. Depois, avalio sua garganta e, em seguida, o ouvido.

— A garganta está inflamada — digo, descartando o palito. — As vias nasais também estão congestionadas. Ele está resfriado. Vou receitar um anti-inflamatório para aliviar o desconforto e algumas orientações para adotar em casa que vão ajudar.

Volto para minha mesa, pego a nota de receitas e prescrevo a medicação. Assim que carimbo e assino, volto para a moça, ainda segurando

o menino na maca.

— Vou recomendar que a alimentação dele seja baseada em coisas fáceis de ingerir. Sopas e caldos mornos. Evite alimentos muito quentes ou muito frios porque podem intensificar a inflamação. Liberado purê de frutas, iogurte em temperatura ambiente, chás sem açúcar e água. Bastante água.

— Sucos naturais não?

Movo a cabeça em negativo.

— Eu não aconselharia. Só a partir de um ano e em doses limitadas. — Ela concorda, atenta, e eu explico o motivo por trás do meu conselho. — Frutas *in natura* estão liberadas.

Bianca assente mais uma vez, atenta às minhas orientações. Olho para o menino mais uma vez, sorrio um pouquinho e o pego no colo. Ele me olha com bastante atenção, levantando a bexiga de luva para mim. Seus olhinhos ainda estão úmidos e eu os limpo.

— Então, Gabriel — digo, mencionando seu nome —, *pra* ficar melhorzinho, vai ter de se agasalhar bastante e peça para a mamãe, quando for te dar banho, fechar bem as portas e janelas do banheiro porque o vapor d’água pode ajudar a descongestionar esse narizinho. — Dou um peteleco na ponta do seu nariz, o que faz o menino abrir um sorriso para mim. — E também a limpar a garganta. Nada de ir para creche se estiver com muita febre. Aproveita bem esse momento para chantagear a mamãe e conseguir carinho ou dormir com ela.

Ele ri com essa última parte, como se tivesse entendido o que eu disse. Estou para entregar o menino à responsável e dispensá-los quando Naiara bate à minha porta e informa que a mãe dele chegou. Permito que ela entre e me viro na direção do menino quando ele chama minha atenção de novo, colocando a bexiga de luva na minha frente e murmurando um “ó, ó”. Troco com ele duas palavras antes de olhar para o outro lado da sala ao ouvir a voz da mãe dele perguntando se o filho está bem.

E é aqui que eu congelo. Engulo em seco, pego pelo reencontro. Um segundo depois, ela me vê e também congela. Seus olhos assustados vão de mim para o garotinho no meu colo. Como se eu fosse atingido por um raio, eu me viro lentamente para Gabriel. É com algum horror que eu pondero que esse menino no meu colo pode ser meu filho.

Capítulo 04



Mattia

— *O dr. Mattia acabou* de consultar o Gabe, Lauren. Ele está bem, só está resfriadinho — Bianca diz.

Eu ainda estou congelado no meu lugar com o menino no meu colo, olhando para essa criança extremamente parecida comigo e digerindo tudo. Volto-me lentamente para frente, encontrando os olhos castanhos dela — agora sei que seu nome é Lauren —, e ela também me olha de volta, mordendo o lábio inferior.

— Só um resfriado — Lauren murmura, desviando o olhar de mim para a amiga. — Eu estava tão preocupada. — Ao dizer isso, vem na minha direção e o pega do meu colo. O menino fica um pouco agitado ao ver a mãe, que beija suas bochechas coradinhas.

— Passei algumas instruções a Bianca. — Pigarreio, tentando disfarçar o desconforto desse reencontro. — Vão ajudar a aliviar o desconforto dele, junto com a medicação.

Ela acena e entrega o menino à amiga.

— Pode me deixar um minuto sozinha com o dr. Mattia?

A moça acena, enrola o menino no seu cobertor e se retira encostando a porta. Assim que estou completamente sozinho com Lauren, sussurro, um pouco alarmado:

— Ele é meu filho?

— Mattia, aqui não é o melhor lugar...

— Lauren, ele é meu filho?

Ela suspira pesadamente.

— É.

Passo a mão nos cabelos e ando pelo consultório de um lado a outro.

— Temos que conversar — digo.

— Não aqui.

Concordo.

— Tem um bar-restaurant a três quarteirões daqui que frequento nos meus intervalos. Pode me encontrar lá em — olho no relógio — meia hora?

— Posso.

Meia hora depois, estou sentado no balcão do lugar, terminando de comer uma porção de batatas fritas quando Lauren chega. Ela se senta do meu lado e apoia a bolsa em um lugar vazio. Esticando a mão na minha direção, diz:

— Lauren Vilanova.

Não contendo uma risada pequena. Limpo os dedos no guardanapo antes de aceitar seu cumprimento.

— Mattia Massari. Quer beber alguma coisa?

— Só uma água. Sem gás. Temperatura ambiente.

Repasso seu pedido ao barman, que traz uma garrafinha descartável e um copo. Lauren dispõe um pouco de água para si enquanto diz:

— Tentei te procurar assim que soube da gravidez. — Ela me olha por um segundo, levando o copo à boca. Após um gole curto, continua: — Voltei naquele motel para descobrir seu nome com o recepcionista. — Assinto, lembrando que até o adicionei nas minhas redes, uma exigência de segurança que achei esperta da parte dela. — Mas ele não estava mais trabalhando lá, ninguém sabia onde morava e ele tinha um nome e sobrenome muito comum para achá-lo em uma rede social com milhões de usuários.

— André Silva.

Lauren sorri e bebe mais um pouco da sua água no copo. Um silêncio estranho ronda nós dois, ainda que o bar-restaurant esteja movimentado. Muitas pessoas conversando e música saindo do sistema de som.

— Você disse que eu não precisava me preocupar — menciono, referindo-me àquela noite. Em uma das nossas rodadas de sexo, pouco antes de eu cair no sono e acordar sozinho em uma cama de motel, a camisinha estourou. — Alguma coisa sobre não estar nos seus dias férteis.

— Você é médico. Deve saber que tabelinha não é o método anticoncepcional mais seguros de todos. — Tem uma pitada de humor na sua

voz. — Eu realmente não me preocupei porque meu ciclo é muito regular e eu tinha tudo meticulosamente anotado e calculado por aplicativo. Por algum motivo, tive uma ovulação tardia. É o que tudo indica.

— Fez exames de ISTs? Era o recomendável por causa da camisinha estourada. Eu fiz logo no dia seguinte.

— Também fiz assim que voltei para casa. Negativo. Repeti seis meses depois. Negativo.

— Fiz o mesmo. Negativo nos dois casos.

Ela rouba uma batata do meu cesto e bebe o restante da sua água.

— Tem mais uma coisa que precisa saber — ela diz, bastante séria.

Corrijo minha postura enquanto a vejo revirar a bolsa atrás de algo. De lá, retira o que me parece uma fotografia, o que confirmo quando arrasta na minha direção. Meus olhos param na imagem, meu coração dando um salto errático. Esfrego as pálpebras, só para ter certeza de que não estou vendo errado. No retrato, reconheço Gabriel entre mais duas crianças que parecem ter a mesma idade dele. Pelas roupas, mais um menino e uma menina. Entreabro os lábios, um pouco perdido. É uma pergunta idiota, mas, ainda assim, a faço, com um ar de dúvida:

— São... *trigêmeos*?

— São. Os outros dois ficaram com a babá, e eu pedi a Bianca para trazer o Gabe ao hospital.

Sinto quando me desequilibro da banquetta e quase caio para trás. Minha reação causa um barulho estrondoso quando o banco despenca no chão e todo mundo olha na minha direção. Coloco o banco no lugar com a ajuda de Lauren, que me pergunta se me sinto bem.

— São três... — murmuro, estarrecido.

— Entendo sua reação. Eu mesma só não caí para trás porque estava deitada na maca durante o ultrassom.

Desvio meu olhar da imagem e a encaro.

— Quais os nomes dos outros dois?

Ela aponta para cada um dos bebês e dita os nomes deles, começando pelo do meio.

— Gabriel, que você já conheceu. Arthur. — Indica o da esquerda.
— Lavínia. — E aponta para a da direita, com uma roupinha amarela.

— Você colocou... — digo, sentindo a voz embargada. — Todos os três, são os nomes que teria escolhido.

— São. Achei que fosse um modo de... sei lá. Te homenagear? Acreditei que se um dia improvavelmente descobrisse sobre eles, ia gostar. São nomes bonitos, de qualquer forma, então...

Não nego que realmente gostei. Olho de novo para a fotografia, atento ao sorriso que os pequenos dão à câmera. Eles estão deitados sobre um tapete de E.V.A, felizes como se mais nada na vida importasse. Sempre fui apaixonado por criança, não é à toa que sou pediatra, e saber que esses três carregam uma parte de mim desperta alguma coisa diferente dentro do meu peito. Por Deus, eu acabei de saber que sou pai e já estou afetado dessa maneira.

— Como foi a gestação? — pergunto, sem tirar os olhos da fotografia. Tem um milhão de sentimentos dentro de mim. Estou confuso, eufórico, feliz, com medo, assustado, apavorado, alegre, ansioso.

— Difícil em todos os aspectos que pode imaginar. Eles não completaram os nove meses de gestação, obviamente. Nasceram de trinta e duas semanas.

— É o mais comum em gravidez de trigêmeos. Já peguei uns casos assim. — Ergo os olhos na direção dela, lambendo os lábios. — Eu quero conhecê-los, Lauren.

Ela fica séria de novo. Muito devagar, assente.

— Tudo bem, mas... tem outra coisa que precisa saber.

— Não me diz que um deles não é meu.

Um segundo depois, noto como minha sentença foi completamente idiota. Lauren não parece ofendida. Até solta uma risadinha gostosa.

— São todos seus, Mattia — confirma. Então, corrige a postura, ficando austera. — Se lembra que te falei do meu ex-noivo sacana? — Assinto. — Ele pensa que é o pai dos bebês.

Pisco um par de vezes e entreabro os lábios, tomando ciência do quão grave isso é.

— Por que você...?

— É uma longa história. — Lauren revira a bolsa de novo e retira papel e caneta. — Nem você nem eu vamos ter tempo para isso agora. Por esse motivo, me procura nesse endereço quando puder. Me liga antes para confirmar se estou em casa porque posso estar trabalhando. — Ela me estica o papel em que está anotado um endereço e um número de telefone.

— Está bem.

Lauren pega sua bolsa e a encaixa no ombro. Antes de ir, ela deixa um beijo suave na minha bochecha.

— Dessa vez, pelo menos você se despediu direito — brinco, olhando-a nos olhos. Ela me dá um sorriso pequeno e se vai.



Acordo com meu telefone tocando e vibrando sobre a mesinha de cabeceira. Sem tirar a cabeça debaixo do meu travesseiro, procuro pelo aparelho e atendo a chamada sem conferir a identificação. É minha mãe do outro lado da linha, querendo confirmar se vou almoçar com eles hoje. É domingo, meu irmão está na cidade, e Paola já está por lá. A família toda está quase completa. Só falta eu.

— Que horas são? — pergunto, voz sonolenta, os olhos fechados.

— *Onze e meia da manhã. Sei que virou vinte e quatro horas trabalhando, Titi...*

— Mãe, não me chama de Titi. Eu já tenho mais de trinta anos.

Uma risada gostosa atravessa a linha.

— *Faz um esforço para vir? Seu pai não para de olhar para a porta da entrada esperando por você.*

Giro na cama, ficando de costas, e abro os olhos.

— Chego em uma hora.

Enrolo mais algum tempo debaixo dos edredons. Depois de um banho para despertar, visto uma roupa de domingo e sigo para a casa dos meus

pais. Eles já estão todos em torno da mesa, exceto pelo meu cunhado, o marido da Paola, quando chego. Meu pai sai do seu lugar ao me ver e me recebe com um beijo no rosto.

— Sua mãe deixou seu lugar pronto — diz, encaminhando-me até uma cadeira vazia na mesa. Dona Louise já está colocando comida para mim, selecionando as opções que ela sabe que eu gosto. — É bom que esteja aqui, Mattia.

— Tem sido difícil ver você, maninho — Filippo provoca e rouba uma rodela de pão do cesto.

— Eu estou sempre na cidade — devolvo, sentando ao seu lado. — Quem passa meses fora é você.

Pego o prato que minha mãe montou e agradeço, inclinando-me rapidamente para deixar um beijo em sua bochecha.

— Estou esperando ansiosamente pelo dia em que vamos voltar a nos aventurar juntos. — Filippo rouba outra rodela de pão, e um silêncio um pouco denso recai sobre nós. Meu irmão é distraído demais para notar isso e prossegue: — As escaladas sem você não são as mesmas.

— Estou esperando ansiosamente — minha mãe toma a palavra — pelo dia em que você — aponta para ele — vai parar de testar meu coração. — Risadinhas preenchem a atmosfera por um instante, mas dona Louise continua séria. — Não aprendeu nada com o incidente naquela pedra na Serra da Mantiqueira dois anos e meio atrás, Filippo?

Desvio os olhos para meu prato e aperto o maxilar.

— Eu estou ciente dos riscos, mãe. Sempre estive ciente dos riscos.

— Não culpe sua mãe por se preocupar, Filippo — papai intervém, cuidadoso. — E não pressione o Mattia. Ele está tomando o tempo dele.

— Depois de tudo que nosso irmão passou naquela pedra, não deveria querer que ele voltasse a escalar — Paola se manifesta pela primeira vez, servindo-se de uma dose de suco de laranja. — Você também passou por maus bocados, quase não saiu vivo. Eu também teria desistido. Não sei como você voltou a escalar assim que se recuperou.

— Eu entendo — Filippo diz, compreensivo, o olhar sobre mim. — Entendo mesmo. Mas sinto sua falta. Lembra que tínhamos planos de nos

prepararmos para uma expedição no Everest?

Abro um sorriso fúnebre e assinto. É claro que me lembro. Antes da morte da Natália, já tinha alguns anos que estávamos nos preparando. Não se pode escalar o Monte Everest sem ter escalado montanhas menores por um bom tempo. De qualquer forma, eu sempre preferi escalar rochas. Filippo que é amante de alpinismo.

— Sinto te decepcionar, Filippo, mas não pretendo voltar.

Ele me dá um sorriso compreensivo e suspira.

— Mudando de assunto, cadê seu marido? — pergunto para Paola e dou uma garfada na minha comida.

Ela abana a mão no ar e exaspera.

— Bruno teve um imprevisto com um dos postos da empresa. Ele disse que chega logo.

— Ainda estão tentando um bebê?

Sei que já faz um tempo que ela vem tentando engravidar, mas passei meses fora da cidade e, desde que voltei, não me preocupei em saber como andam os planos de me dar um sobrinho, embora eu não aprove quem ela escolheu para ser o pai do seu filho.

— Sim, mas sem sucesso — ela murmura, o olhar um pouco vago.

Filippo engata a falar sobre alguma das suas aventuras amorosas — como se já não bastassem as esportivas — e toda atenção recai sobre ele. Eu fico mais introspectivo, segurando-me para não contar a novidade. Preciso conversar com Lauren antes de qualquer coisa, entender por que ela mentiu sobre a paternidade das crianças. Vez ou outra, meu irmão me cutuca, como que se para me incluir na conversa. Já estamos terminando de comer quando meu cunhado chega. Ele supervisiona uma empresa de segurança e monitoração, e imprevistos acontecem com muita frequência. Bruno cumprimenta todo mundo antes de se sentar ao lado da minha irmã e lhe dar um beijo rápido nos lábios. Paola tira um prato para o esposo enquanto ele conta sobre o imprevisto dessa vez.

— Faz tempo que não te vejo, Mattia. Trabalhando muito? — ele pergunta, aceitando o prato que a esposa lhe entrega.

— Sempre.

Sou um pouco evasivo porque Bruno não é minha pessoa favorita do mundo. Se eu tivesse de fazer uma lista, ele, com certeza, só entraria se alguém fosse desclassificado. Não sei por que exatamente me sinto assim em relação a ele, mas sempre achei que ele não era bom o suficiente para Paola. Talvez seja porque ela é a caçula e eu aprendi desde cedo a ter um senso de proteção muito forte com minha irmã. De qualquer forma, meu cunhado não me inspira confiança.

Forço um sorriso quando ele começa a falar dos desafios que deve ser minha profissão, como levo jeito com criança, que um dia serei um ótimo pai e que não vê a hora de ele e Paola terem um bebê. Bruno parece o único animado em torno da mesa. Tirando Filippo e a própria Paola, todo o restante não vai com a cara dele. Apesar disso, Bruno é muito bem tratado na família. Meus pais não são sogros ruins, e eu sou um cunhado comportado. Mas ele que não pise na bola com minha irmã. Não sei do que sou capaz.

— Eu preciso ir agora — digo, depois que já almoçamos, comemos a sobremesa, jogamos conversa fora e eu ajudei minha mãe a tirar a mesa. São mais de três da tarde, e mamãe quer que eu fique para o café. — Eu adoraria, mãe, mas quero descansar um pouco.

Ela termina de secar as mãos em um pano de prato e vem até mim, deixando um beijo na minha bochecha.

— Preciso passar na sua casa amanhã cedo?

Balanço a cabeça em negativo.

— Sabe que não. Eu me viro bem.

Na sala, eu me despeço do meu velho e dos meus irmãos. Bruno está no quintal ao telefone, e eu apenas aceno em despedida. Dentro do carro, saco o celular do bolso e o número de telefone que Lauren me deixou ontem. Ligo para ela, mas a mulher demora a atender. Só na quarta vez consigo contato.

— Sou eu, o Mattia.

— Oi. Você... Ai, droga! — ela resmunga, mas não parece ser para mim. — *Pisei na porcaria de um brinquedo aqui.*

Seguro uma risada maior.

— Isso significa que está em casa? Posso passar aí?

Há um pequeno instante de silêncio.

— *Claro, se você não se importar com um pouco de bagunça. Está vindo agora?*

— Estou. Hã... — Coloco no viva-voz e acesso o aplicativo de GPS. Insiro o endereço dela e traço a rota. — Estou a quinze minutos da sua casa.

— *Certo. Vou passar um café. Você toma café?*

— Tomo.

Em quinze minutos, estou no seu portão. A casa fica em um bairro simples e é bem ajeitada ao que parece. Aperto a campainha e ela surge um minuto depois. Carrega um dos bebês no colo, encaixado de lado na sua cintura. Quando vem abrir o portão, noto que o bebê que está carregando é Gabriel.

— Ele está manhoso demais — explica, apontando para o pequeno e me dando passagem. Daqui de fora, ouço o começo de chorinho dos outros dois lá dentro. — Não posso me afastar um centímetro. Isso causa ciúmes nos irmãos. É uma luta — brinca, e noto que tem uma pitada de exaustão no seu tom de voz.

Ela me direciona para dentro e é quando reparo melhor na sua postura. Ela está com uma calça de tecido molinho, blusa de moletom e pantufas; os cabelos estão presos de qualquer maneira em um coque desajeitado.

— Cuidado — ela diz, indicando o chão ao passarmos pela porta. Olho para baixo e tem um rastro de brinquedos até o centro da sala. — Pisei num desses agorinha e cheguei a ver estrelas.

Desvio dos objetos jogados no chão, e Lauren dispara na frente. Ela coloca Gabriel no chão forrado com tapete e corre até um chiqueirinho logo ao lado onde estão os outros dois.

— Vocês choram como se eu tivesse ido embora para sempre. Só fui atender o portão, bando de exagerados. — Ela pega a menina e a coloca ao lado de Gabriel, que agora também está chorando e esticando os bracinhos para a mãe. Então, ela se vira e pega o último, sentando-o no sofá. Depois, faz o mesmo com a mocinha, deixando um espaço entre eles. Ao pegar

Gabriel no colo, ela se senta entre os outros dois, que imediatamente engatinham para o colo dela.

Eu fico parado no meu lugar, apenas observando e me perguntando: como essa mulher consegue? Se fosse eu, teria entrado em desespero, por mais que eu saiba lidar com crianças.

— Senta — ela diz, apontando o sofá oposto. — Preciso fazer isso. — Aponta com a cabeça o “trajeto” que acabou de fazer. — Tenho medo de cair do sofá se eu não fizer assim. Uma vez, quase aconteceu. Eu só virei as costas por um segundo. Só para pegar a Lavínia, e faltou isso aqui para o Gabriel cair de cabeça. — A menção é seguida por um gesto: o indicador e o polegar minimamente separados.

Eu me aproximo e me sento.

— Crianças. Toda atenção em cima delas e ainda é pouco.

— Eu que o diga. — Ela me olha por um instante e então diz: — Essa é a Lavínia. — Beija a cabecinha da bebê à sua direita. — É um pouco temperamental. Se irrita fácil, não sabe ouvir não, tenho para mim que é mais egoísta que o normal e é bastante chorona.

Tento mover minhas pernas e ir até a pequena, mas por um segundo, eu não consigo. Acho que ainda estou assimilando tudo. Até ontem eu não tinha nem mesmo um filho. Agora tenho três.

Deus, acho que vou desmaiar.

— Quer pegá-la? Ela é garota mais fácil que eu já conheci.

Isso arranca uma risada de mim e consigo, por fim, sair do meu lugar. Basta que eu estique meus braços para que a menininha estique os dela para mim de novo e repita uma porção de “oi”.

Meu coração dispara no instante que ela apoia as duas mãozinhas no meu rosto e olha fundo nos meus olhos, como se me reconhecesse. Sem que eu espere, ela encosta a boquinha na minha bochecha, estalando um beijo gostoso em mim.

— Viu? — Lauren murmura, com graça e humor. — A garota mais fácil que já conheci.

Capítulo 05



Lauren

Mattia devolve o beijo na bochecha de Lavínia, que arreganha um sorriso enorme para ele. A garotinha sempre foi desinibida com qualquer pessoa que lhe desse o mínimo de atenção, mas agora, ela está demonstrando um carinho fora do comum. Até parece que sabe...

Ele se aproxima, sentando-se ao meu lado e perto do “caçula” dos três, o Arthur.

— Como você dá conta? — pergunta, colocando o menino no seu colo.

Abro um sorriso pequeno.

— Não dou.

Ele me olha por um instante, e não sei reconhecer que tipo de olhar é esse. Talvez seja surpresa, compaixão, piedade. Não sei. Mattia devolve o sorriso e volta sua atenção para Arthur, conversando com ele por alguns segundos. Eu me levanto do lugar, aproveitando que dois estão com ele, para ir até a cozinha e preparar a mamadeira. Os trigêmeos costumam tirar uma soneca nesse horário, mas não dormem se não tiverem um leite quente. Segurando Lavínia e Arthur como se não pesassem nada, ele me acompanha até a cozinha.

— Você ainda amamenta?

Tiro três mamadeiras do refrigerador de 150 ml cada e coloco no micro-ondas.

— Sim, mas hoje tenho combinado com fórmula pelo menos uma vez ao dia.

Eu me viro para ele assim que programo o micro-ondas. Mattia carrega cada um em um braço e está encostado ao batente da minha porta, observando-me com atenção.

— Como foi a fase da amamentação?

Beijo a bochecha de Gabriel e afago os cabelinhos dele.

— Está me perguntando isso como pediatra ou como uma pessoa apenas curiosa?

— Talvez os dois. — Sua resposta vem com alguma graça.

— Foi difícil no começo, mas a pediatra do hospital me orientou bem. Eu evitei tirar leite com a bombinha durante os seis primeiros meses e fazia uma espécie de rodízio, sabe? Amamentava dois ao mesmo tempo, e o terceiro tomava meu leite na mamadeira. Na vez seguinte, era outro.

— Teve ajuda de alguém? São três crianças... — sussurra essa última parte.

O micro-ondas apita atrás de mim, informando que o leite já está bom. Tiro uma mamadeira e experimento. Constatando que a temperatura está boa, entrego para Gabriel, que agarra prontamente e já começa a sugar. Lavínia e Arthur exigem a deles. Volto para sala e coloco os três no chiqueirinho, deitados um ao lado do outro, mamando tranquilamente, os olhinhos já começando a fechar de sono.

— Podemos conversar em paz pela próxima uma hora — digo, sentando-me no sofá. Mattia se senta do meu lado, ainda aguardando minha resposta. — Tive ajuda, sim. Minha mãe me ajuda muito, Bianca, minha amiga, também. Eu não sei se teria conseguido sem elas, que me ajudam até hoje.

— E o sacana que acha que é pai deles? — A pergunta é um pouco carregada de desprezo.

— Nem tanto.

— Pode me explicar essa história direito? Por que não contou que ele não é o pai dos bebês?

Afago as pernas e suspiro. Desvio o olhar para os trigêmeos mais uma vez. Dois deles estão quietinhos e nos observando. Gabriel já fechou os olhos. Normalmente, ele é o último a se render ao sono, mas os sintomas de resfriado o venceram com facilidade.

— Eu passei um café. Se importa de irmos para a cozinha depois que eles mamarem? — pergunto, apontando para as crianças. — Tenho medo de deixá-los sozinhos e se engasgarem.

Mattia assente, murmurando um “sem problemas”.

— Eu achei que era justo depois de tudo que ele me fez — menciono, como se isso realmente explicasse toda a história. Mattia me olha como se eu fosse doida, sem entender nada. — Naquele motel, você se lembra quando eu disse que havia ficado puta por ter feito planos?

— Lembro.

— Eu fiz muitos planos, Mattia. Ele me pediu em casamento, me deu uma aliança bonita, mas Bruno não tinha intenções de se casar comigo porque... bem, eu era a outra. — Ele arregala os olhos, surpreso. — Em minha defesa, eu não sabia. Descobri naquele dia em que nos encontramos na estrada, depois de dois anos de relacionamento. O desgraçado... tinha dois telefones. Um para falar comigo, outro para falar com a esposa. Por alguma razão, ele trocou os aparelhos na vez que veio me ver, a mulher mandou uma mensagem pedindo para ele levar carne para o jantar...

— Foi assim que descobriu? Ele foi mesmo sacana. Muito sacana. Não só com você, mas com a mulher dele também.

Assinto, molhando o lábio inferior.

— Não me pergunte como, mas o desgraçado conseguia manter a farsa.

Noto quando os bebês terminam de mamar e já estão dormindo. Recolho as mamadeiras e jogo uma coberta em cima deles. Convido Mattia para irmos até a cozinha e sirvo café da garrafa térmica em duas xícaras. A mesa está uma bagunça — copos, canecas, pratos sujos —, recolho tudo e coloco na pia, também abarrotada de louça para lavar.

— Desculpa a bagunça — peço, empurrando a caneca com café na sua direção. — Eu passei o dia todo só cuidando dos pequenos, principalmente do Gabe, que está mais manhoso que o costume.

O homem balança a cabeça em negativo.

— Não se preocupa com isso.

— Eu não tinha pretensões de enganá-lo. Tanto é que só “contei” — faço aspas e depois bebo um gole do meu café — uns seis meses atrás, quando fiquei desempregada. A empresa em que trabalhava como secretária me mandou embora depois da estabilidade. Eles não queriam uma funcionária com três filhos e sem horário flexível. Engraçado que a mesma

sociedade que pressiona uma mulher a ter filhos, é a mesma que não oferece mais oportunidades depois que ela é mãe.

Mattia suspira e bebe um gole do seu café.

— É terrível pensar em como isso é verdade.

— A questão é que, eu me vi com três crianças, desempregada, com um auxílio do governo que mal pagava o meu aluguel, com dificuldade de encontrar outro emprego... Tive até que vender meu carro para usar o dinheiro nas despesas dos três.

— Você viu uma chance de manter as necessidades básicas das crianças e fazê-lo pagar.

Assinto.

— Eu o procurei, disse que os filhos eram dele. O Bruno é meio idiota e acreditou, até porque as contas batiam da última vez em que estivemos juntos.

— Ele não desconfiou por causa da nossa noite no motel?

— Acho que Bruno nunca soube. As faturas do cartão dele chegavam na minha casa. — Dou uma risada nervosa. — Agora entendo por quê. Eu coloquei fogo em todas as correspondências no nome dele que chegaram depois daquele dia, inclusive as contas. Ele deve ter pagado a fatura sem nunca consultar o detalhamento.

— E a esposa dele? Você contou...?

Suspiro e viro outra dose do café.

— De começo, eu não contei nada. Ele implorou para que eu não contasse, disse que eu não precisaria chantageá-lo porque ia me ajudar com os bebês, só não poderia assumi-los legalmente porque ia entrar nos registros e um dia...

— Sacana.

Solto uma risada baixa e meio ácida.

— Combinamos um valor de mil reais por mês. Não era muito para três bebês, mas ia me ajudar. O Bruno nunca se interessou de verdade nas crianças, sabe? Ele pediu para conhecê-los, mas nunca senti qualquer afeto vindo dele. Ele vinha, trazia o dinheiro, os pegava no colo por uns trinta

segundos, falava “papai ama vocês” e só voltava no mês seguinte. Nunca pude contar com ele para qualquer coisa além disso.

— Pai de rede social. — Mattia rola os olhos e suspira.

— Quase isso. Ele só não tirava foto e postava nas suas mídias *pra* posar de pai presente por causa da mulher.

— Disse que no começo não contou nada para a esposa dele. Isso significa que reconsiderou depois?

Confirmo.

— Reconsiderei. Isso foi umas semanas atrás, não faz muito tempo. O desgraçado veio me dizer que ia precisar diminuir a pensão porque agora eu estava fazendo alguns trabalhos, começou a me acusar de usar o dinheiro dele para sustentar luxos e homens. — Massageio as têmporas, cansada só de me lembrar daquela discussão. — Como se, com três crianças, eu tivesse tempo para luxos e homens.

— Que babaca idiota. Não estava nem fazendo o mínimo e achava que era muito.

— Então, eu decidi procurar a mulher dele e contar. Acabei contando uma meia verdade. — Mattia tomba a cabeça um pouco de lado, curioso. Inspiro fundo e me sirvo de mais café. — Quando ela me atendeu na casa deles, eu não consegui dizer tudo. Ela é uma mulher bonita, me pareceu muito simpática. Eu pensei: vou destruir a vida dela se falar toda a verdade. Só disse que o Bruno e eu nos encontramos uma noite, deixei claro que não sabia que ele era casado, e eu engravidei.

Faço um instante de silêncio, esperando que ele digira essa parte da história.

— Suponho que ela terminou o casamento e, por isso, o Bruno parou de vez de te dar assistência?

Balanço a cabeça em negativo.

— A mulher ficou muito arrasada. Até pensei que ela ia me xingar de vagabunda e dizer que eu estava tentando destruir o seu casamento e roubar o seu “presente de Deus”. Ela foi muito compreensiva na verdade. Me agradeceu por eu ter sido sincera, pediu desculpas pelo choro e perguntou... — Inspiro lembrando daquele dia com certo carinho. — Se as crianças

precisavam de alguma coisa. Depois, soube pelo próprio Bruno que eles não romperam. A mulher o perdoou.

Mattia suspira e balança a cabeça de um lado a outro.

— Ele deve ter manipulado essa coitada até dizer chega.

— Penso o mesmo. Ela já veio aqui com ele algumas vezes trazer o dinheiro. Me tratou muito bem, os trigêmeos a adoram, precisa ver. Ainda acho que aquela mulher merecia alguém muito melhor que o Bruno, mas quem sou eu, não é? Se ela decidiu perdoar o marido, eu que não vou aconselhá-la do contrário.

Mattia bebe o resto do seu café e afasta a caneca. Ofereço mais, mas ele diz que está satisfeito.

— O que pretende fazer, Lauren? Por que eles são meus filhos e... — Mattia faz uma pausa curta, molhando o lábio inferior. — Eu quero ser pai deles.

Dou de ombros.

— O quanto quer ser pai deles, Mattia? Desculpe a pergunta, mas eu não conheço você. Vai assumi-los legalmente? Vai arcar com metade das despesas e responsabilidades que três crianças exigem? Eu fui inocente achando que Bruno, ao menos, se importaria de verdade, e aquele desgraçado só me decepcionou. Tudo bem, boa parte da culpa foi minha por depositar esperanças em um escroto como ele, mas...

Sem que eu espere, Mattia arrasta uma mão na minha direção e entrelaça nossos dedos. Subo meu olhar ao seu. De algum modo, consigo ver nos seus olhos claros toda franqueza do mundo.

— Vou ser tudo o que aquele paspalho não foi. Esses bebês vão ter o pai no registro, apoio financeiro, afetivo, além de ganharem consultas grátis com um pediatra. — Rio com essa última parte. — Não quero soar ameaçador nem nada, Lauren, mas se for preciso entrar na justiça...

— Não vai precisar. Só me prometa que não vai querer apenas posar de pai, Mattia. Lavínia, Arthur e Gabriel precisam de uma figura paterna de verdade. Se não for *pra* ser pai deles por inteiro, vivendo todas as alegrias e arcando com todas as dificuldades, também não quero pela metade. Não

preciso que seja pai deles só quando lhe convém e quando for mais fácil *pra* você.

Ele abre um sorriso gostoso e beija o dorso da minha mão.

— Prometo. E se eu não cumprir minha promessa, minha mãe me desce a porrada.

Eu rio, rio gostoso, como já tinha um tempinho que não ria. Olho melhor ao redor e suspiro. A casa está revirada, cheia de louça e roupa para lavar, brinquedos para recolher, e eu estou completamente exausta.

— Vou contar ao Bruno a verdade — digo, indo até a pia. Começo a organizar a louça antes de ensaboar. — O homem vai surtar, mas vai ser delicioso ver.

Mattia não diz nada por um ou dois segundos.

— Disse que estava fazendo alguns trabalhos. Nada fixo?

Abano a cabeça em negativo.

— Só alguns extras. Não é muito, mas ajuda.

Ele assente, ainda no seu lugar. Quando menos espero, o homem está aqui do meu lado, empurrando-me para fora da pia e tomando a esponja da minha mão.

— Está cansada — explica, pegando o primeiro copo para ensaboar. — Notei isso logo que entrei. Então, faz assim: vai tomar um banho que eu dou uma organizada aqui *pra* você. Demore o tempo que quiser e precisar. Sei que não tem esse privilégio há muito tempo.

Solto uma risada de nervoso.

— Meu Deus, eu não sei o que é isso há meses. — Ele sorri para mim, tirando o bico de uma mamadeira suja para lavar. — Mas não posso aceitar porque...

— E aquela história de ser um bom pai? — ele me interrompe. Indicando a louça com a cabeça, diz: — Isso aqui também faz parte, sabia? Eu cuido de tudo, Lauren. Vai descansar um pouco, vai.

— Não insiste porque senão eu vou mesmo.

Ele ri e joga um pouco de sabão em mim.

— Estou dizendo para ir. Aproveita que os três estão dormindo e que eu assumi a responsabilidade de limpar tudo por aqui.

Mordo a pontinha do polegar, indecisa. Um segundo mais tarde, aceito sua oferta. Deixo um beijo rápido na sua bochecha e corro para meu quarto. Demoro muito mais que meu normal debaixo do chuveiro. Por um tempo bastante longo, fico apenas curtindo a água quente na minha pele e no meu rosto. Depois, lavo os cabelos sem pressa, esfregando e massageando. Quando saio, seco os cabelos com o secador e os escovo. Por algum motivo, escolho uma roupa bonita para usar, mesmo que eu vá só ficar dentro de casa. Faz tempo que não me arrumo para mim mesma e aproveito a oportunidade até para me maquiar um pouquinho.

Ao voltar para a sala, encontro Mattia com os três bagunceiros, agora acordados e sentados no centro do tapete, de frente para o pai deles, rindo e se divertindo com a conversa e as brincadeiras de Mattia. É quando me dou conta que eu demorei pelo menos uma hora. Olho ao redor notando que a casa está um brinco. Os brinquedos foram recolhidos, o piso cheira a lavanda e, daqui, consigo ver a pia da cozinha sem louça.

— Faz tempo que eles acordaram? — pergunto, ao me aproximar.

Ele balança a cabeça.

— Uns dez minutos. Você se importa se eu ficar e pedir pizza para o jantar? Assim você não precisa cozinhar e limpar tudo de novo, pelo menos por hoje.

— Não tem que se incomodar, Mattia.

— Não é incômodo. Faço de bom coração. Mas só se você quiser. Se por acaso se sentir incomodada comigo aqui...

— Ah, meu Deus, Mattia. Tudo bem que praticamente não te conheço, mas você limpou minha casa, está falando de pagar pizza *pra* nós dois e me permitiu ter uma hora só *pra* mim. É claro que não estou incomodada com você. Eu é que devo estar te incomodando.

— Já disse que não está, mulher teimosa. — Rimos juntos, e, de repente, ele está analisando-me de cima a baixo. Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha. Acho que ele notou que estou mais arrumada. — Uau. Você está bonita.

Entreabro os lábios, desconcertada com o elogio.

— Obrigada.

— Então, pizza?

Assinto. O relógio indica mais de seis da tarde, o que significa que está na hora dos pequenos jantarem. Ele toma conta dos três enquanto vou até a cozinha descongelar a comida deles. Vez o outra, dou uma olhadinha na sala. As crianças gargalham com a presença do Mattia, que não mede esforços para distrai-los e fazê-los rir. Até Gabriel, que estava mais chatinho por causa dos sintomas de resfriado, está mais alegreinho. Mattia coloca os três deitados sobre o tapete no centro da sala, ergue a blusinha deles e, usando os lábios, faz cócegas nas barriguinhas dos filhos. As crianças gargalham exageradamente e tentam escapar da armadilha. A risada delas o faz sorrir de um jeito que, do pouco que o conheço, nunca tinha visto. Ele mantém a brincadeira, vez ou outra resvalando o nariz na curva do pescoço de cada um, como se sentindo o cheirinho deles. Confesso que fico um pouco balançada com a interação entre eles.

— Lauren, seu telefone está tocando — Mattia avisa.

Corro até a sala. É Bruno me ligando. Atendo a ligação, voltando lá para a cozinha.

— *Você está em casa?*

— Estou — respondo e olho para a sala de novo. Mattia está deitado no chão, enquanto os três estão montados na sua barriga, adorando a brincadeira. Um sorriso pequeno surge em mim, mexida com a cena. Deus, ele acabou de conhecer essas crianças. — Por quê?

— *O dinheiro da pensão* — diz, com um leve desdém. — *Vou levar aí.*

— Tudo bem. É bom que venha, precisamos conversar.

Retiro um dos potinhos do micro-ondas e espalho o conteúdo em um prato. Batata e cenoura. Começo a amassar o cozido enquanto o ouço dizer:

— *Não me venha querer aumento na pensão. Está trabalhando agora, não precisa mais de tanto.*

Deixo o garfo cair na minha mão, irritada.

— Eu não tenho uma renda fixa, eu não tenho nem mesmo um *emprego* fixo, Bruno! Se acha que os mil reais que me dava eram suficientes, você está enganado. Segundo, nos últimos três meses você tem me dado apenas quinhentos reais. Isso não supre nem um quarto das despesas dessas crianças.

— *Lauren, você tem que entender...*

— Cale a boca que estou falando! Em terceiro lugar, não é sobre isso que precisamos conversar. Se tudo der certo, aliás, não vou mais precisar de você ou do seu dinheiro.

Não espero por uma resposta dele e encerro a ligação. Maldito homem. Maldita hora que eu botei na cabeça que era uma boa enganá-lo. Termino de preparar o prato das crianças e volto para sala. Mattia os senta no sofá, um do lado do outro, sem deixar de conversar com os pequenos. Pego babadores e protejo o peito deles antes de alimentá-los.

— O que tem de bom aí? — Mattia pergunta, sentado perto de Lavínia, e aponta para o prato. — O cheiro está ótimo.

Tiro uma colherada do preparo e ofereço para Gabriel, que abre a boquinha e morde a colher de plástico com toda força. Tem alguém com fome.

— Feijão, arroz, batata, cenoura e carne moída. Normalmente, eu os deixo comerem sozinhos, mas a casa está tão limpinha que prefiro eu mesma alimentá-los.

— Sempre fazem bagunça?

— Deus, muita bagunça.

— Eu posso? — pergunta, indicando o prato. Assinto e entrego para ele, que logo assume minha função.

— O Bruno acabou de me ligar. Está vindo para cá. Acho que é um bom momento para conversarmos.

Mattia apenas assente, sem me olhar, e vejo um sorrisinho surgir no rosto dele. Parece feliz em ter descoberto, do dia para a noite, que é pai de três pestinhas. É claro que ele faz o típico “aviãozinho” na hora de alimentar os pequenos. Ele afasta a colher para longe e, em zigue-zague, vai aproximando da boquinha de um deles, dessa vez do Arthur. O menino

recebe a colherada de comida com bom-grado e segura no punho do pai, como se querendo manter a colher dentro da sua boca.

— Já entendi que você é o mais comilão de todos — Mattia brinca e, com a mão livre, aperta a barriga de Arthur. — Por isso, está gordinho assim, não é? — O filho ri e abre um sorriso enorme.

— Arthur — chamo-o, mas ele não me dá bola. Seus olhinhos estão presos ao pai, que agora alimenta a irmã e conversa com ela. O menino ergue os bracinhos e emite alguns sons, parecendo chamar a atenção de Mattia. — Arthur. — Depois disso, tento atrair seu foco para mim mais duas vezes. Chego até a cutucá-lo, mas ele continua ignorando minha existência. Ignora ainda mais quando finalmente o pai se volta para ele com a colher de comida.

— Eles te conhecem há dez minutos! — reclamo.

— Quase duas horas — Mattia corrige, limpando a boquinha deles com o babador, e depois me olha com um sorriso gostoso. — É o efeito que eu tenho sobre qualquer criança — brinca, balançando as sobrancelhas. — Imagine o sucesso que eu não faria com as mulheres usando esses três, hein.

Dou um tapinha de leve no seu ombro e gargalho. Mattia ri um pouco e torna a dar atenção aos filhos, que exigem mais da comida que ainda tem no prato. Deixo-o com as crianças que simplesmente se esqueceram de mim e estão dando mais atenção a ele nesse momento, volto para a cozinha e separo algumas frutas de sobremesa. Ele também se encarrega de supervisioná-los enquanto cada um come um quarto de maçã quando minha campainha toca.

No portão, Bruno está impaciente.

— Eu não tenho muito tempo. Paola ficou na casa dos pais e tenho que voltar *pra* buscá-la, então se puder desenrolar logo.

— Entra — digo, liderando o caminho.

Inspiro fundo umas duas vezes, pensando na confusão que isso vai causar, e entro em casa. Mattia ainda está na mesma posição — de costas para a porta de entrada, supervisionando os meninos — e penso em chamá-lo quando Bruno diz:

— Que milagre essa casa estar limpa. Normalmente, tem brinquedo jogado para todo lado.

Estou para mandá-lo à merda, mas o movimento que Mattia faz — ele gira o corpo na nossa direção de forma brusca — me interrompe. Vejo quando seu rosto se transforma e os olhos faíscam.

— Seria bom se você mantivesse a casa assim, sabe? — Bruno continua falando. — As crianças precisam de um lugar limpo e... — Então, ele para. Ao procurar por seus olhos, noto que ele está congelado no lugar, encarando Mattia do outro lado do cômodo.

Eu só consigo pensar em uma coisa que explique esse momento: eles se conhecem!

Capítulo 06



Mattia

Eu me levanto devagar, sangue nos olhos, e faço um esforço sobre-humano para não cair em cima dessa maldito desgraçado agora mesmo e quebrá-lo no soco. Bruno está congelado no lugar, os olhos assustados.

— Seu filho de uma p... — cicio, entredentes, avançando na sua direção. Paro a meio caminho, olho por cima dos meus ombros e me contenho. Não vou expor os pequenos a esse tipo de palavreado e violência.

— Mattia, eu posso explicar.

Solto um riso nervoso.

— Para o inferno com suas explicações, Bruno — digo, terminando o percurso até ele.

Bruno suspira e aperta a ponte do nariz, recuando um passo quando nota que estou ameaçadoramente próximo.

— Olha, eu não quero confusão, está bem? Eu só vim ver meus filhos e deixar o dinheiro da pensão. Quando estiver mais calmo, podemos conversar.

Ele está fazendo menção de sacar o dinheiro do bolso da calça, mas interrompo sua ação me colocando entre ele e Lauren, claramente perdida nessa interação toda.

— Lauren e as crianças não precisam dessa mixaria que você trouxe e não vão precisar de mais nenhum centavo seu. Pode ficar com esse maldito dinheiro e parar de fingir que se importa e que é um bom pai porque você não se importa e não é nem bom e nem o pai deles.

Um grunhido escapa de Lauren. Pela visão periférica, noto que ela levou a mão à boca porque talvez não fosse exatamente desse modo que ela pretendia contar. Dane-se.

— Do que é... — Ele pausa, ofega — Do que está falando, Mattia?

Lauren se ausenta, voltando para os filhos que estão sozinhos no centro da sala. Olho rapidamente por cima do meu ombro e vejo que Lavínia está engatinhando na direção da cozinha, enquanto os irmãos continuam no lugar, comendo a maçã.

— São meus — digo, por fim, virando-me na sua direção. — Os três. Eu soube disso ontem e a Lauren só mentiu para você porque estava desesperada. Mas agora eu sei de tudo e vou dar um suporte de verdade para essas crianças.

— Era sobre isso que queria conversar com você, Bruno — Lauren diz, aproximando-se com Lavínia. — Não deveria ter sido exatamente assim, mas...

Eu tomo a menina dos braços de Lauren, que segue para o lado de fora com o desgraçado e encosta a porta. Coloco Lavínia no berço-móvel para fazer companhia a Gabriel e Arthur. Preciso me conter muito para não sair daqui e ir lá fora acalmar os ânimos do Bruno com um soco bem dado na cara dele. Ele está gritando, reclamando sobre como foi enganado e feito de palhaço, que vai processá-la e que quer cada real de volta.

Sacana ordinário.

Cinco minutos depois, Lauren está de volta. Ela se senta do meu lado depois de ligar a televisão da sala e girar o berço-móvel na direção do desenho que entretém os três.

— Desculpa — eu peço, exasperando. — Me exaltei e acabei agindo de maneira inadequada. Sei que deveria ter sido uma conversa calma.

Ela me olha atentamente por um instante.

— Está de brincadeira comigo? — indaga, colocando a mão na minha coxa. — “Pode ficar com esse maldito dinheiro e parar de fingir que se importa e que é um bom pai porque você não se importa e não é nem bom e nem o pai deles.” Eu ouvi isso e vibrei por dentro.

Rio um pouquinho e baixo o olhar para sua mão na minha coxa.

— Vocês se conhecem... — A voz dela me faz erguer o olhar na sua direção.

Suspiro.

— Bruno é casado com a minha irmã caçula. — Surpresa corta seu rosto bonito. Lauren não sabe nem o que dizer. — O que eu não entendo — prossigo e desvio os olhos para os pequenos, atentos ao desenho na televisão — é como a Paola foi capaz de perdoá-lo.

— Ela deve ter tido os motivos dela.

Balanço a cabeça em positivo.

— Filippo, Paola e eu crescemos ouvindo dos nossos pais que se fôssemos viver um relacionamento, não merecíamos nada menos que alguém que nos colocasse em um pedestal e que deveríamos fazer o mesmo. — Volto minha atenção para ela. — Não consigo entender por que a Paola se prestou a isso. Sempre achei que o Bruno não era suficiente para ela e sentia que tinha algo de errado com ele. Agora entendo o porquê.

— Queria ter tido essa impressão. Teria evitado uma porção de dores de cabeça.

Assinto e decido mudar de assunto.

— Acha que nesse fim de semana posso levar os pimentinhas para os meus pais conhecerem? Eu pretendo contar logo a novidade.

— É claro. Será que eles vão ficar felizes?

— Olha, se eu não for firme com aquele velho, ele vai estragar essas crianças. Ouça o que estou te dizendo.

Lauren ri e afaga minha perna. Desvio os olhos para esse contato de novo, sentindo alguma coisa dentro de mim. Faz tempo que não experimento nada parecido. Desde que a Natália se foi, eu simplesmente me fechei. Lauren foi a primeira e única mulher com quem dormi depois de perder minha namorada. Naquela noite que nos conhecemos, quando se insinuou para mim, a ideia de me envolver com outra pessoa me deu nojo. Parecia que eu ainda não estava preparado, não sei, mas, ao mesmo tempo, sua oferta mexeu comigo, despertou algo.

Eu desejava apenas que a dor fosse embora, que eu parasse de me sentir culpado, de me machucar fisicamente para compensar a dor emocional. Então, aceitei. Foi incrível durante as horas que ficamos juntos, fui mesmo capaz de soterrar todo meu luto, de esquecer por algumas horas

da minha dor. A culpa voltou em ondas impiedosas no dia seguinte e tive de lidar com elas até aqui.

Ela parece perceber o contato e se levanta abruptamente, indo até as crianças. Pega cada uma delas e as coloca no sofá, dizendo que vamos ficar todos juntinhos. Os pequenos ficam sob meus cuidados enquanto ela corre para buscar mais cobertas e travesseiros. Cinco minutos depois, estamos os cinco deitados no sofá — Gabriel no meio, Lavínia comigo, e Arthur com Lauren —, cobertos e tendo de assistir desenhos infantis. Um calor bom sobe pelo meu peito e pela primeira vez em muito tempo, tenho a impressão de que agora serei capaz de tocar minha vida.

Às oito e meia da noite, depois de Lauren amamentá-los com leite materno direto da fonte, os três dormem. Ajudo a levá-los para os berços que ficam bem distribuídos em um quarto logo ao lado do dela. Permaneço alguns minutos no cômodo à meia luz, observando-os e sentindo aquele calor no peito. Gabriel dorme agarrado a um ursinho de pelúcia, Lavínia segura uma fralda em um lado do rosto, e Arthur dorme de bunda arrebitada. Rio por causa dessa posição. Isso lá é jeito de dormir? De volta à sala, Lauren está terminando de arrumar a pequena bagunça que ficou.

— Vou pedir aquela pizza. Ou está cansada demais e prefere que eu vá embora e te deixe em paz? Eu sou visita aqui, se tiver estorvando...

— Para, Mattia! — Ela joga um travesseiro em mim, que agarro no ar. — Vou colocar um filme *pra* nós. Alguma preferência?

— Talvez ação. De preferência com Bruce Willis. Conhece?

— Não faço ideia de quem seja — responde, ajeitando os outros travesseiros no sofá. — Mas vou procurar.

Eu peço a pizza enquanto ela procura pelo longa. Temos um momento agradável, deitados um ao lado do outro e com a tevê ligada, como estivemos nas últimas horas, mas agora só nós dois e sem desenho infantil nas nossas cabeças. Eu me sinto estranhamente confortável ao seu lado, como se nos conhecêssemos o suficiente para termos intimidade. Não estou falando de intimidade sexual, coisa que já tivemos. Foi uma noite e só. O momento agora é sobre outro tipo de intimidade.

Quando o filme acaba, duas horas depois, eu decido ir para casa.

— Está tarde. Vou deixar você descansar. Me liga se precisar de alguma coisa, está bem?

Ela assente e me dá um beijo de despedida, no rosto, e eu faço o mesmo. Nossos olhos se encontram por um segundo quando me afasto. Aqui, preciso me conter para não a beijar na boca.

Ir embora é mais difícil do que eu pensei que seria.



Eu apareço logo pela manhã na sua porta no dia seguinte. Assim que sou atendido, vejo alguma surpresa nos seus olhos. Não disse nada que viria cedo. Lauren está com uma camisa social, parte do rosto maquiado e ainda com as calças do pijama.

— Você...

— Vim ver meus filhos e...— Olho por cima do seu ombro para dentro de casa. Consigo ouvir os berros exagerados deles vindo da cozinha. — Saber se precisa de ajuda. — Dou uma avaliada melhor nela, notando só agora que ainda calça pantufas.

— Perdi a hora — explica, dando espaço para eu entrar. — Normalmente, levanto bem antes deles para conseguir me arrumar com calma. Decidi dormir só mais cinco minutinhos hoje e acabei me atrasando. Estava terminando a maquiagem quando eles acordaram. Por isso, estou assim. — Gesticula *pra si mesma*.

— Deu para notar — digo, seguindo-a até a cozinha.

Ela ri e me olha de soslaio rapidamente, um sorriso bonito despontando do seu rosto. Assim que chego no cômodo, eu me deparo com os pequenos sentado nos cadeirões, as mamadeiras pré-prontas sobre a pia, e claro, eles chorando demais porque estão com fome. Lauren se apressa a terminar de preparar o leite e eu fico com a missão de acalmar os três beberões. Bato palmas alto, o que chama atenção deles imediatamente.

— Ei, por que essa algazarra?

Gabriel abre um sorriso enorme e estica seus bracinhos para mim, parando de chorar quase que imediatamente. Lavínia pula na cadeira e não sabe se continua chorando de fome ou se ri para mim. O Arthur segue chorando e estende as mãos na minha direção, querendo ser mimado. Vou conversando com eles para acalmá-los e solto um por um do cadeirão, pegando-os no meu colo. Levo-os até a sala e distribuo as almofadas do sofá da Lauren no chão, acomodando-os confortavelmente sobre elas. A mãe deles aparece um minuto depois com as mamadeiras e entrega uma para cada.

— Vai terminar de se arrumar que eu cuido dos pequenos.

Ela parece aliviada com o que digo. Inclinando-se rapidamente para me dar um beijo no rosto, Lauren agradece, manda os três se comportarem e corre para o quarto terminar de se trocar. Eu me sento no chão perto deles e cruzo as pernas, atento aos três. Gabriel é o primeiro a se levantar. Segurando a mamadeira pelo bico com uma mordida, vem rastejando na minha direção. Ele se deitada sobre minha coxa, acomoda-se ali, como um belo folgado que é, segura nas alças da mamadeira com as duas mãozinhas e me olha enquanto enche a barriga. Acaricio seus cabelinhos bem devagar, curtindo a sensação do momento. Eu não sei se essas crianças se apegam fácil, se eu que sou um imã para elas ou se nossos laços sanguíneos são fortes o suficiente para que já estejam criando um vínculo afetivo forte comigo. Depois de Gabriel, Arthur é o próximo a vir. Ele parece enciumado e preciso conter o início de uma briga.

— Calma aí, pequeno encrinqueiro — digo, colocando Arthur na minha outra perna. — Tem espaço para os dois. — Procuro Lavínia nesse momento, ainda relutante no seu lugar, se fazendo de difícil, mas parecendo querer vir até os irmãos. — Tem espaço para os três. — Estendo as mãos para ela e a chamo. — Vem, meu anjinho.

Ela fica séria, sequer me dá um sorriso, vira a cara em um ato de completo deboche e balança a cabeça em negativo.

— Você é quem sabe — murmuro, inclinando-me um pouquinho para os dois folgados deitados no meu colo. — Vai perder isso, olha. — Começo a beijar Arthur e Gabriel e a dedilhar a barriguinha deles em um carinho suave. Nada de cócegas enquanto estão mamando. — Certeza que não quer? Eu beijo muito bem. — Distribuo outro carinho nos dois meninos, passando

da bochecha para a curva do pescoço deles, que têm um cheirinho gostoso de talco.

Arthur e Gabe abrem um sorriso enorme, as boquinhas ainda no bico da mamadeira, e devolvem o carinho em forma de tato, as mãozinhas gorduchas no meu rosto. Por fim, Lavínia parece notar que está no prejuízo e se arrasta rapidamente até nós três, deitando entre os irmãos, sua cabecinha apoiada no meu joelho direito. Ela me olha de ponta-cabeça e abre um sorrisinho gostoso. Eu me prendo nos olhinhos dela por um instante, o suficiente para Gabriel terminar sua mamadeira, largá-la em qualquer canto e começar a se distanciar de mim. Seguro-o pelo tornozelo e o puxo suavemente de volta.

— Aonde pensa que vai, projeto de Relâmpago McQueen?

Ele ri e continua tentando escapar.

Lauren aparece nesse momento, completamente arrumada, e sorri ao ver a cena. Eu sorrio de volta, analisando-a de cima a baixo. Ela é bonita, sempre soube disso, mas o que sinto quando olho para ela é muito mais do que apenas atração física ou sexual. Tem mais. Eu sei que tem mais. Ela se aproxima e pega o fujão no colo, deixando um beijinho no garoto. Seus olhos voltam para mim.

— A Bianca vai cuidar deles para mim hoje. Ela já está para chegar, mas pode ficar por aqui se quiser. — Assinto, murmurando um “tudo bem”. — Enquanto ela não chega, se importa em me ajudar a trocar a fralda deles?

Um cheirinho diferente toma conta do ambiente logo depois de um barulho característico. Olho para Arthur que está com um sorrisão.

— Desse tamanho e já está assim, Arthur? — Ele sorri ainda mais, como se rindo da minha cara. No instante que outro *pum* escapa dele e eu fecho minhas narinas em um ato completamente dramático, ele gargalha mais alto e mais gostoso. — Você fica com a fralda de cocô — digo para Lauren ao ver que o danadinho agora faz força e sorri ao mesmo tempo. Eu me levanto e pegando os dois no colo.

— Ah, não! — protesta. — Vamos tirar no par ou ímpar!

Rio e olho para os pequenos nos meus braços.

— Como vou jogar se estou segurando dois bebês?

Ela dá de ombros e determina:

— Nesse caso, você perdeu. A fralda de cocô é toda sua.

Eu rio e a sigo até o quarto deles, sem me opor.



Passo a manhã com meus filhos, ajudando Bianca no cuidado dos três. Ela fica surpresa ao me ver na casa da amiga, e eu fico encarregado de contar a história toda, uma vez que Lauren não teria tempo. No horário do almoço, vou até o consultório da Paola, que fica na casa dela, no primeiro piso. Minha irmã é dentista e projetou a casa e o consultório juntos para facilitar a vida quando fosse ter um bebê. Eu a espero na recepção por uns cinco minutos até ela aparecer por uma porta, toda de branco e de máscara, despedindo-se de uma paciente.

— Mattia! — Ela vem até mim e me dá um beijo no rosto ao tirar a proteção. Pela sua postura ao me receber, eu diria que Bruno não contou nada sobre ontem. É claro que não contou. Não seria doido a esse ponto. Fico imaginando o quão nervoso não ficou com a perspectiva de eu bater na sua porta tarde da noite e revelar tudo para minha irmã. Espero que nem tenha conseguido dormir de tão apavorado. — Precisa de uma consulta?

— Tudo em ordem por aqui, irmãzinha. Eu vim te chamar para um almoço de família. Tenho uma novidade e quero todo mundo reunido. Papai, mamãe e Filippo já estão nos esperando.

Ela olha no relógio de pulso.

— Eu só tenho mais uma paciente, e podemos ir. Achei que estivesse de plantão hoje.

— Estou de folga.

— Você me espera, então?

Eu me afasto, sentando-me em um dos bancos da recepção. Pego uma revista e cruzo as pernas. É toda minha resposta. Paola retorna meia hora depois, e seguimos juntos no meu carro. Dirijo por um minuto inteiro antes de abordá-la.

— Eu já sei sobre o Bruno. — Pela visão periférica, eu a sinto voltando o olhar para mim. Viro-me rapidamente na sua direção, e ali estão seus olhos assustados. Não preciso dizer mais nada. Ela sabe exatamente a que me refiro. — Não entendo como pôde perdoá-lo.

— É o meu casamento, Mattia. Você talvez entendesse se estivesse no meu lugar.

— Ele traiu você.

— E eu o perdoei.

— Por quê? — Minha voz sai um pouco mais incisiva. Paro no sinal vermelho e me volto para ela. — Olha, Paola, eu sei que você sempre sonhou com um relacionamento como o dos nossos pais. — Minha irmã suspira e desvia o olhar para o outro lado. — Eles são casados há trinta anos, se amam desde sempre, são companheiros em tudo, mas esse é o *relacionamento deles* e só funcionou porque nenhum dos dois foi um sacana safado. Está tudo bem se o seu não deu certo.

— E é isso o que você não está entendendo, Mattia. É uma relação, e relações exigem certos sacrifícios. — O sinal é liberado e engato o carro. Faço uma curva suave à esquerda e permaneço na faixa da direita, uma vez que estou mais devagar. — Não quis desistir do meu casamento com Bruno. Depois de pensar muito, decidi que posso conviver com esse erro dele, que posso perdoá-lo. Não vou jogar cinco anos de relacionamento no lixo sem tentar juntar os cacos e fazer meu casamento funcionar.

Aperto o maxilar, imaginando que Paola acredita que o caso do maldito do marido foi algo de uma noite. Lauren não deveria ter mentido, por mais que tivesse boas intenções.

— Sei que está apenas tentando me proteger — Paola prossegue, sem me dar chances de respondê-la. — Mas é o meu casamento, Mattia, e estou ciente de cada decisão que tomei até aqui. O Bruno se arrependeu muito. Por isso, eu o perdoei. Não foi fácil, não *está* sendo fácil, mas estou fazendo o meu melhor.

— Tentaria fazer seu casamento funcionar se soubesse que o Bruno não te traiu só uma vez?

Ela me olha rapidamente.

— Do que está falando?

— A Lauren te poupou de uma verdade dolorosa. Ela não passou uma noite apenas com o Bruno. Eles tiveram um relacionamento, Paola, de uns dois anos. O desgraçado a pediu em *casamento*. Ele enganou vocês duas.

Uma conversa desse nível não deveria estar acontecendo dentro do meu carro, a caminho da casa dos meus pais, prestes a almoçar com eles. Mas também sei que não é assunto para falar perto dos nossos velhos e do Filippo. Paola decidiu esconder isso da família inteira e vou respeitar essa sua decisão. Ao menos, por ora. Todos eles vão saber do caráter podre do Bruno de um jeito ou de outro.

Ouço-a respirar fundo e expirar devagar.

— De onde conhece a Lauren?

— É uma história tão longa — digo, com um suspiro. — Mas resumidamente? Eu dormi com ela um ano e meio atrás. Os trigêmeos são meus, Paola, não do Bruno.

— Ah, meu Deus do céu! — Paro em outro sinal e me viro para ela. Paola está mais assustada que antes. — Você sabia esse tempo todo?

Balanço a cabeça em negativo.

— Descobri no sábado.

Explico o meu encontro com Lauren depois de atender o Gabriel, nossa conversa no bar, minha visita à sua casa para que me explicasse a situação com o ex e a decisão de contarmos sobre a paternidade dos meninos. Nesse meio-tempo, o sinal é liberado.

— Ontem, encontrei por acaso com o Bruno na casa dela, quando ele foi levar o dinheiro da pensão. Não imaginei nem por um segundo que o ex da Lauren fosse o seu marido, Paola. Eu tive que me segurar tanto para não quebrar a cara daquele desgraçado.

Ela não diz nada por longos segundos, introspectiva. Eu estaciono o carro em um posto de gasolina para conversarmos melhor antes de chegarmos à casa dos meus pais.

— Não entendo como logo você foi capaz de perdoá-lo. Ele te traiu e, ainda por cima, era um péssimo pai. Você sabia que ele estava pagando quinhentos reais para a Lauren?

Paola se vira na minha direção, os olhos cheios de lágrimas, e move a cabeça em negativo.

— Quinhentos reais? Isso não daria nem para uma criança, quem dirá para três.

— Para você ver o nível de homem que ele é.

Minha irmã seca as lágrimas rapidamente e cessa nosso contato visual de novo.

— Acreditar que aquelas crianças eram dele acabou comigo. Não só porque descobri que ele me traiu, mas também porque... eu estava tentando engravidar havia muito tempo e ainda não tinha conseguido. — Eu sinto pela minha irmã e a vontade de arrebentar o Bruno na porrada aumenta ainda mais. — Apesar disso, eu insistia para que ele fosse mais presente, sabe? Brigávamos demais por conta disso. O Bruno me garantiu que estava pagando a pensão direito, um valor justo. Não essa... merreca.

— Paola, não quero te dizer o que tem de fazer com seu marido ou com seu casamento, mas você sabe que merece muito mais do que um sacana como ele. Por favor, eu sei que tinha esperanças de salvar sua relação, que sempre idealizou um casamento longo e feliz, mas isso não vai acontecer. Pelo menos, não com o Bruno. Não desperdice mais nenhum segundo da sua vida com aquele canalha.

Paola me abraça um pouco desajeitada por causa do aperto do carro e deixa um beijo estralado no meu rosto. Quando ela se afasta, seus olhos estão mais marejados, e sei que está se segurando para não desabar.

— Estou feliz de ser promovida ao cargo de tia — diz, com um sorriso em meio às lágrimas. — Papai e mamãe vão amar a notícia, não vão? — Assinto, devolvendo o sorriso. Desde que Paola disse que tentaria um bebê, os velhos estão ansiosos por um neto. — Você vai ser um pai muito melhor que o Bruno. Aquelas crianças têm sorte por ter você, Mattia. — Paola volta para seu lugar, ajeitando-se. — E quando eu for mãe, meu filho vai ter a sorte de não ter o Bruno como pai.

Capítulo 07



Lauren

Mattia ergue uma porção de sacolas do supermercado assim que abro a porta.

— Fiz compras — diz, passando por mim. Eu sequer dei passagem, então ele quase se espreme entre meu corpo e o batente para conseguir entrar. Nem preciso mais convidá-lo, veja se posso. — Tem mais lá no carro. Depois me ajuda? São umas coisinhas...

Ele deixa a frase no ar, e fico imaginando o que “coisinhas” significa. A algazarra das crianças começa no berço-móvel assim que o pai aparece e fala com eles. Os três gargalham e pulam, animados com a presença de Mattia. Ele deixa todas as sacolas que trouxe sobre meu sofá e se ajoelha para abraçar os pequenos. Tem exatamente três dias que se conheceram e os trigêmeos já criaram uma ligação bonita com o pai biológico. Em três dias, Mattia já viu os filhos e fez mais por eles do que o Bruno em meses.

— Estava torcendo para chegar a tempo de ver vocês antes que fossem para cama. — Ele acaricia cada um dos filhos, inquietos pelo colo do pai. — Eu já vou pegar vocês, pestinhas — brinca, olhando-me rapidamente.

Eu me aproximo e confiro o conteúdo das sacolas.

— Estava de plantão. — Não é uma pergunta.

— Estava. — Ele se levanta e vem até mim. — Saí agora à noite.

Mattia não está com cara de quem virou vinte e quatro horas trabalhando. Sei que ele tem alguns intervalos, mas ainda assim, esse desgraçado está bem e bonito como se tivesse dormido dezesseis horas seguidas.

— Deveria ter ido para casa descansar. — Tiro uma lata de fórmula da sacola. Ele comprou bem uma dúzia delas, da melhor marca. Custam o

olho da cara.

— Senti saudades dos pequenos — explica. — Senti saudades de você também.

Faço contato visual e sorrio, algo dentro de mim se remexendo com sua declaração. Confiro parte do que ele comprou e constato que, além das fórmulas, ele trouxe frutas, fraldas, itens de higiene, mamadeiras e chupetas novas, alguns brinquedinhos que logo vão parar nas mãozinhas deles e estão os distraindo. Há também três *bodies* pretos, em cada um estampado uma palavra que formam uma só ao final. *Rock. And. Roll.* Ele toma a roupinha das minhas mãos e balança as sobancelhas.

— Tô doido para vestir neles. — Rio e movo a cabeça de um lado a outro. — No fim de semana, a gente estreia — determina, devolvendo as roupinhas para uma das sacolas. — Esse comprei *pra* você. — Mattia me mostra uma caixa de bombons de uma das sacolas.

Meu coração dá uma batida errada. Tiro a tampa da caixa e dou um conferida nos doces antes de agradecer.

— Obrigada, Mattia. — Não consigo esconder a emoção da voz. Eu me ergo nas pontas dos pés para abraçá-lo e beijá-lo no rosto.

— Calma, ainda não acabou. Tem mais lá no carro. Me ajuda a tirar.

Deixo a caixa de bombom no sofá e o acompanho até lá fora, confiante de que não vamos demorar e que os brinquedos novos vão entreter os pequenos por tempo suficiente. Ele abre o porta-malas e tira um trio de bebês-conforto.

— Vamos precisar para o final de semana. Já providenciei aqueles carrinhos de passeio com três e deve chegar a tempo de levarmos para a casa de campo.

O Bruno nunca se preocupou com nada disso porque ele nunca fez questão de querer passear com os trigêmeos, só que eu também não esperava que Mattia fosse fazer tanto pelos filhos em tão pouco tempo. Ele já deve ter gastado uma fortuna com essas coisas todas.

— Você gostou? — pergunta, notando que, de repente, fiquei quieta demais.

Assinto com um sorriso.

— Eu amei. É claro que amei. Poderia ter me dito, eu te ajudava a comprar. Ia ter que parcelar no crediário, mas eu ajudava. — Ele ri e bate o porta-malas. Sem que eu espere, suas mãos estão na minha cintura, os olhos nos meus, provocando uma batida errada.

Ele está para dizer alguma coisa quando um barulho estrondoso ressoa de casa. Agarramos os bebês-conforto e corremos para dentro. Na sala, o chiqueirinho está virado — os pestinhas devem ter distribuído todo o peso de um lado só para que isso acontecesse —, Gabriel está sentado no meio da sala, a mão e o rosto todo lambuzados do chocolate que deixei sobre o sofá. Ele olha para as mãozinhas melecadas com toda a calma do mundo e dá outra mordida no bombom.

Mattia se apressa até o pequeno e tira o doce dele. O menino começa a chorar estendendo as mãozinhas para a caixa que o pai coloca no alto de uma estante. Olho para todo lado, procurando os outros dois. Meus batimentos cardíacos aceleram de forma desordenada e, no instante seguinte, outro barulho estrondoso vem da cozinha. Corro até lá e a cena que vejo não sei se me desespera ou se me faz querer rir. Arthur está no armário debaixo da pia, tirando as panelas de lá. Uma delas está na sua cabeça, tapando todo seu rosto até a altura do nariz.

— Arthur! — chamo sua atenção, e ele segue o som da minha voz, abrindo um sorriso peralta.

Logo ao lado, Lavínia está sentada com uma lata aberta de fórmula que também estava nas prateleiras sob a pia. Ela enfia a mãozinha dentro da lata, tira um tanto de leite e leva à boca. Arregalo os olhos, assustada em como é grande o risco de ela se engasgar com o pó e agradeço por todos os produtos de limpeza não estarem ao alcance desses pequenos terroristas. Corro até ela e tiro o leite de suas mãos. A menina não gosta de ser contrariada e também começa a protestar usando o choro alto e estridente como via para isso.

Mattia aparece logo em seguida com Gabe no colo — sua camisa antes impecavelmente branca agora com marquinhas de mãos sujas de chocolate — e vai até Arthur. Ao tirar a panela da cabeça do filho, o menino gargalha bem alto e bate as mãozinhas no chão.

— Já vi que teremos cabelos brancos antes dos trinta e cinco. — Ainda estou tentando acalmar Lavínia quando ele diz isso e eu rio para mim mesma, gostando de como ele tira humor em qualquer situação. Olho no relógio da parede da cozinha e constato:

— Está na hora de esses três arteiros dormirem.

— Eu te ajudo com o banho.



Preciso conferir se peguei tudo umas três vezes. Enquanto estou na sala fazendo as verificações necessárias antes da viagem, Mattia está terminando de ajeitar os trigêmeos no carro.

No início da semana, combinamos que levaríamos os três para conhecer seus pais. Ele me disse que, na segunda-feira, durante o almoço, contou a novidade para sua família. Segundo Mattia, todos sempre gostaram muito de criança, principalmente seu pai, ele e o irmão mais novo, Filippo.

— Eles ficaram eufóricos com a notícia assim que o choque inicial passou — Mattia contou naquela quarta à noite enquanto arrumávamos a bagunça de chocolate, panela e leite em pó que os três deixaram para trás.

Por fim, decidimos que poderíamos passar o final de semana no sítio da família dele. Ele disse que é um espaço calmo e gostoso que as crianças vão adorar. Para a viagem, além dos bebês-conforto e carrinho triplo, Mattia também providenciou berços para a casa de campo.

Constatado que está tudo aqui, pego as malas e as levo para o carro. Mattia está com metade do corpo dentro do veículo, e pondero que esteja prendendo um dos bebês. Um instante mais tarde, ele deixa o interior do carro e me vê, apressando-se em vir me ajudar. Uma parte das bagagens vai no porta-malas e outra, no assoalho.

— O carrinho de bebê chegou a tempo? — pergunto, agora já no assento do passageiro e colocando o cinto. — Não vi aí.

— Não ia caber mais nada se eu levasse — explica, também prendendo o cinto. — Pedi *pro* Filippo levar no carro dele.

— Estou nervosa. — Ele me olha com um sorriso, talvez achando graça no meu comentário. — E se sua família me odiar? Eu não sei nem como vou olhar na cara da Paola. Aliás, eles sabem desse rolo todo com o Bruno?

Ele engata a ré e sai devagar até a rua.

— Já estão sabendo. — Alinha o carro, passa a marcha e toma as ruas, deixando o bairro calmo para trás. — Paola contou ontem e parece que já pediu o divórcio. Filippo foi o que mais ficou com raiva. Se nossa irmã não o impedisse, ele tinha ido dar uma surra no Bruno.

— Por que ela fez uma coisa horrível dessas?

Ele solta uma risada baixa e diz:

— Eu não teria impedido.

Rio e ligo o rádio em seguida. Assim que escolho a música, ele puxa minha mão, entrelaçando nossos dedos por um minuto. Não digo nada. Ele tampouco.



A viagem até a casa de campo da família Massari leva pouco mais de uma hora. As crianças dormem praticamente todo o percurso, e ele entrelaça nossos dedos quase o mesmo que isso. Não faço objeção a esse contato porque, estranhamente, gosto do carinho aleatório.

Eu não sei o que esperar desse final de semana. Ele garantiu que sua família vai me receber com brandura — não duvido nada se eles forem como a caçula da família —, ainda assim, não consigo evitar o sentimento, principalmente, porque continuo sem jeito de como encarar a Paola. Era mais fácil quando eu não sabia que eles são irmãos.

Já há três carros estacionados no extenso quintal assim que chegamos, o que indica que somos os últimos a chegar. A casa de campo é bastante grande e tem uma arquitetura bem bonita. Tem uma rede na varanda da entrada, dois andares e uma área de lazer que dá para ver daqui. Mattia puxa o freio de mão e dá uma buzinada de leve. Ele desce do carro e começa

a desprender os pequenos, dizendo que falta pouco para conhecerem os tios e os avós. É nesse momento que ele se vira para mim e me entrega Lavínia para que eu a segure e ele possa desprender os outros dois.

— Sabe do que me dei conta agora? — Mattia pergunta, encurvado dentro do carro desamarrando o Arthur. — Ainda não fui apresentado como pai deles. Os três são muito apegados ao Bruno? — Noto um timbre de desprezo e ciúme na sua voz.

Mattia se vira outra vez e me entrega o segundo. Olho para frente e vejo os familiares dele se aproximando, vindo de dentro da casa.

— Não muito — respondo sinceramente, segurando Arthur no outro braço. — Ele não fazia muita questão de visitar as crianças ou de ser minimamente presente. Vão se esquecer logo do pai postiço. Acho que podemos começar a expressar que você é o pai deles.

Ele assente, trazendo Gabriel para fora, e sorri um pouquinho, animado com a nova perspectiva. É impressionante como o gêmeo mais velho é extremamente parecido com Mattia.

— Eles não são as coisas mais lindas que já viram na vida? — Mattia pergunta. Eu pisco um par de vezes, voltando ao mundo real, e me dou conta de que toda a família dele está nos rodeando agora e que se referiu aos pequenos.

— São de linhagem Massari, é claro que são bonitos — o pai dele diz, cheio de graça. É um senhor bonito, alto, com uns sessenta e tantos anos, cabelos castanhos já bem grisalhos e exala bom humor por cada poro de sua pele.

O homem recebe um beliscão nas costas da mulher que o acompanha, e os filhos riem com o pulinho de lado que ele dá, seguido por um “Que isso, mulher?!”

— São de linhagem Ventura também, seu velho convencido. — Ela se vira para mim e dá um passo na minha direção. Também é uma mulher bonita, cabelos longos com alguns fios loiros soltos e ondulados em meio aos grisalhos. — Oi, querida. Eu sou a mãe do Mattia, Louise. Posso segurar um deles para te ajudar? — pergunta, apontando para os bebês nos meus braços. Só agora me lembrei que seguro dois ao mesmo tempo.

Assinto e entrego Lavínia para ela, que é a mais desinibida e não estranha colos desconhecidos. Dona Louise a segura com cuidado, parecendo até encantada, e troca algumas palavras com a pequena.

— Essa é a Lavínia, mãe — Mattia diz e então ergue um pouco mais o bebê em seus braços. — Esse é o Gabriel.

— Deus, ele é a sua cara! — o irmão dele exclama. Sei disso por conta das fotografias que Mattia andou me mostrando essa semana. Tomando o pequeno para si, ele se vira na minha direção. — Aliás, eu sou o Filippo. Você por acaso teria alguma irmã ou amiga? Eu sou solteiro. — O homem balança as sobrancelhas sugestivamente.

A mãe e os irmãos o repreendem, e ele explode em uma gargalhada que me diz que tem o bom humor do pai.

— Filippo tem razão — o patriarca da família concorda. — Gabriel é muito parecido com você quando tinha essa idade, Mattia. E esse é? — pergunta, indicando para o que sobrou em meu colo.

Olho para Mattia em uma pergunta silenciosa. Ele não comentou nada com os pais durante esses dias? Como se entendesse meu questionamento mudo, o homem dá de ombros.

— Quis fazer surpresa — esclarece, aproximando-se de mim. O pequeno, já acostumado com Mattia, ri abertamente e estica os braços na direção dele, que o pega de mim e passa para o avô do menino, dizendo: — Este é o Arthur. — Noto quando os olhos castanhos do mais velho ganham um brilho mais intenso, intercalando entre o netinho e o filho. — Estava pensando que no registro poderíamos colocar Arthur Massari Neto. O que acha, Lauren?

— Eu acho uma ótima ideia — seu Arthur responde no meu lugar. Então, olhando para a esposa, completa: — Você não tem uma netinha com seu nome, tem, Louise?

Risadas sobem ao ar, e sinto que a família dele é mesmo incrível.

— Vai se gabar o resto da vida agora — dona Louise murmura, acariciando o rostinho de Lavínia.

— É claro que vou!

— Por que nós não entramos e conversamos mais lá dentro? — Paola se manifesta pela primeira vez, e todo mundo concorda.

Seu Arthur e dona Louise vão na frente. De mãos dadas, conversam animadamente com as crianças — alguma coisa sobre como o final de semana vai ser maravilhoso. Filippo e Paola seguem logo atrás, divertindo Gabriel que não para de rir para os dois. Nós ficamos por último, e eu, ainda parada no meu lugar, observo como os três irmãos são bem diferentes. Mattia tem cabelos loiros-escuro, Filippo carrega fios castanhos como os do pai, e Paola é loira como a mãe. De repente, sinto a distância repentina entre mim e os três. Os danadinhos estão tão entretidos com avós e tios que nem sentiram minha falta. É estranha a sensação de vazio que me assalta de repente, parecendo que estão levando meus filhos de mim.

— Ei, ficou distante assim por quê? — Mattia pergunta, entrelaçando nossos dedos.

Eu me viro na sua direção e sorrio, movendo a cabeça de um lado a outro.

— Não é nada. É só... Estou feliz que tudo tenha dado certo. Sua família recepcionou os meninos tão bem. Mal os conhecem e já sentem esse carinho imenso. Como você sentiu.

Ele joga os braços sobre meus ombros e me dá um sorriso gostoso.

— Eu disse que daria tudo certo. Não sei por que duvidou de mim.

Dou um pequeno empurrão nele.

— No próximo final de semana, você deveria ir conhecer os meus pais.

Ele assente devagar.

— Sairei de lá com minha integridade física intacta?

Eu rio e me ergo nos pés para deixar um beijo no seu rosto.

— Isso já não posso garantir.



Já era de se esperar que pela próxima quase uma hora os pequenos fossem o centro das atenções. Os avós se preocuparam em arranjar um bom espaço na sala para que eles pudessem brincar, tamparam todas as tomadas da casa, compraram presentes e brinquedos e não deixaram nada perigoso ao alcance das mãozinhas rechonchudas. As crianças ficam encantadas com o novo ambiente e brinquedos. Não param um segundo, engatinhando para lá e para cá. Filippo faz planos de, depois do almoço, irem lá fora brincar com os três no quintal; Mattia se opõe porque o sol pode estar forte demais; seu Arthur argumenta que tem a área coberta, algumas árvores que fazem sombra mais lá perto do pomar, além da piscina que pode ajudar a refrescar. Dona Louise não acha uma boa ideia levar as crianças para a piscina, mas Paola rebate que estamos em cinco adultos, cinco pares de olhos para ficar em cima dos pequenos.

— A verdade é que estamos esquecendo de perguntar o que você acha — dona Louise diz, olhando para mim. — De nada adianta planejarmos tanto se a mãe disser não.

— A palavra do pai não vale nada? — Mattia se intromete, falsamente indignado.

— acredite em mim, não vale — seu Arthur murmura, dando tapinhas nos ombros de Mattia.

— Eu não vejo mal algum em nada do que tenham sugerido — digo, dando de ombros. — Podem mantê-los na sombra, passar protetor solar que eu trouxe e, se forem entrar na piscina, sei que são todos responsáveis o suficiente.

— Ótimo. — Paola bate palmas, animada. — Agora que estamos todos de acordo, vou começar a adiantar o almoço para aproveitarmos o restante da tarde com os pequenos.

Dona Louise se oferece para ajudá-la, mas a filha não deixa e argumenta que ela deve aproveitar os netos. Mattia faz menção de querer auxiliá-la, mas ela também não deixa.

— Você é quem mais deveria estar aproveitando essas crianças — alega, apontando o indicador para o irmão. — Pode ficar aí curtindo seus filhos que eu dou conta da cozinha.

Eu me levanto do meu lugar, decidida.

— Eu ajudo. — Vejo que ela está para negar, mas não deixo. — Passo o tempo todo com eles.

Ela ri e abana a cabeça.

Na cozinha, pergunto em que posso ajudar.

— Pode preparar as verduras para a salada? Estão na geladeira — instrui, higienizando as mãos antes de começar a preparar a comida.

Começo lavando as folhas de alface. Paola está no fogão, refogando uma panela grande de arroz. Há um silêncio estranho rondando nós duas e fico incomodada. Por isso, decido quebrar o gelo.

— Mattia me disse que você... — começo com algum cuidado e sem coragem de olhar para ela num primeiro momento — pediu o divórcio.

Paola também não me responde em um primeiro momento, mas noto que sua postura muda um pouco frente ao fogão, enquanto ainda refoga o arroz.

— Aquele traste não valia o meu esforço. — A mulher solta uma risada um pouco histérica. — E olha que eu me esforcei, sabe? Mattia acabou me convencendo que ele não merecia segunda chance. Eu teria me convencido que não valia a pena se soubesse antes que ele teve um relacionamento com você, não que foi caso de uma noite só.

Sua sentença não é uma provocação. É apenas um fato constatado. Eu me sinto péssima por ter mentido para ela, embora minhas intenções fossem as melhores. Também não imaginei que ela o perdoaria. Achei mesmo que seria o suficiente para fazê-la dar um pé na bunda daquele traste.

— Me perdoe — peço, um pouco sem jeito. — Não fiz por mal.

Ela se vira para mim, com um sorriso pequeno.

— Ah, querida, eu sei que não. Quis me poupar de uma decepção ainda maior e achou que eu ia terminar com ele de qualquer forma. — Assinto, fechando a torneira. Começo a juntar as folhas de alface para picá-las. — Não precisa se preocupar, está bem? Não tenho raiva de você, nem mágoa, nem nada. Não tinha antes, não terei agora. Bruno enganou nós duas.

— Como está sendo *pra* você?

Ela dá de ombros, finalmente colocando água no arroz.

— Estou lidando da melhor maneira possível. Já chorei tudo que tinha de chorar, comi para descontar minhas emoções e fiz sexo de vingança. Não necessariamente nessa ordem. Está tudo bem agora.

Levo a mão à boca, um pouco surpresa com a última parte.

— Fez sexo de vingança? — murmuro, inclinando ligeiramente meu corpo na direção do dela.

Paola me olha de volta, mordendo o lábio inferior.

— O melhor de todos em anos. Bruno é muito mediano perto do amigo.

Abafo um grito maior.

— Fez sexo de vingança com o *amigo dele*?!

A mulher ri e faz um gesto para que eu fale mais baixo.

— Sim, mas fala baixo porque Liam é melhor amigo do Filippo. Ele mataria nós dois se soubesse.

— Ciumento demais?

— Mais que o Mattia — admite, com uma risada.

Ela aponta para um armário do outro lado e pede para pegar uma panela de pressão. Quando volto, Paola completa, enchendo a panela com água:

— Antes de me casar com o Bruno, eu peguei uns amigos dos meus irmãos também. Eles não sabem até hoje. — Rio, movendo uma cabeça de um lado a outro. — Pensando bem agora, todos os caras com quem estive foram muito melhores que o Bruno. Deus, ele queria ser chupado, mas não queria chupar. Era uma briga toda vez que eu pedia. — Ela pega o feijão, que está de molho sobre a bancada, descarta a água e o coloca na pressão. — Diferente do Liam que me chupou sem nem eu pedir. Menina, e que chupada maravilhosa.

Termino de picar as alfaces e escolho os melhores tomates. Higienizo-os bem, rindo de nervoso do quanto ela está certa.

— Detesto te dizer isso, Paola, mas sei como é. — Fecho a corrente de água e corto os tomates em rodelas. — Na noite que conheci o Mattia, eu estava tão enraivecida com Bruno por ter me enganado e precisava tanto de sexo de verdade que...

— Mattia foi melhor que o Bruno?

Olho por cima do meu ombro, para a sala onde os demais estão reunidos, ainda divertindo os três que aparentemente continuam não sentindo a minha falta. Mattia agora está com Arthur, segurando os bracinhos dele e o ajudando a dar alguns passos pela sala, os pezinhos pequenos sobre os do pai. Sorrio para imagem, um pouquinho orgulhosa dos meus pequenos. Eles estão começando a dar os primeiros passos, ainda que precisem ser auxiliados. Os olhos de Mattia encontram os meus e ele me envia um beijo antes de voltar a atenção ao filho. Não sou capaz de evitar que minhas bochechas correm um pouco ao lembrar das coisas que nós dois fizemos no motel, nas posições que me colocou, nas coisas obscenas que me disse enquanto estava profundamente dentro de mim. Minha temperatura sobe só de lembrar.

— Não dá nem para comparar, Paola.

— Eu te pediria os detalhes sórdidos, mas ele é meu irmão. O amigo do Filippo, entretanto, não é nada seu, então *eu* posso te contar os detalhes sórdidos.

Eu não me oponho e a ouço como se fôssemos amigas de longa-data. Fico muito feliz que Paola não tenha guardado mágoas de mim nem que uma atmosfera estranha paire sobre nós. Ela é uma boa pessoa, assim como tenho certeza que todos dessa família são.

Paola para de falar abruptamente, e um toque no meu ombro me faz virar para trás. Filippo está aqui, Arthur agora no seu colo todo feliz com um dos novos brinquedos, seus olhos claros amáveis sobre mim.

— Aqueles descabeçados esqueceram do essencial — ele diz, balançando-se levemente para frente e para trás. — Bem-vinda à família, Lauren. — Ele me dá um abraço desajeitado e então volta para a sala. Fico um pouco comovida e surpresa com o carinho tão... repentino.

— Filippo tem razão. — Paola se aproxima e também me abraça. — Bem-vinda à família.



A comida de Paola é maravilhosa, e o almoço em torno da mesa é um momento em família incrível. Todo mundo se revezou para cuidar dos três, menos eu, porque não deixaram. Durante a refeição, descobri que os pais de Mattia têm uma história parecida com a nossa. O casal se conheceu, dona Louise engravidou e eles se reencontraram algum tempo depois, ela ainda grávida do Mattia e descobrindo que o seu Arthur ia ser seu chefe. Na época, eles se tornaram muito amigos antes de embarcarem em uma relação amorosa. É bonito saber que o amor nasceu da amizade deles.

— Espero que isso não vire tradição na família — seu Arthur diz, com humor.

— Acredita que nossos pais apostaram o sexo dos bebês em todas as gestações? — Mattia comenta. — O meu velho perdeu todas.

Todo mundo ri enquanto o patriarca Massari resmunga.

— Apostei menina nas duas primeiras gestações — ele diz, com mal humor simulado. — E nas duas primeiras, vieram meninos. Na terceira, eu apostei menino, e veio a Paola. Um péssimo apostador, eu sei.

Ele conta o que teve de fazer para pagar as apostas, o que nos rende mais gargalhadas. Algum tempo depois, as crianças começam a ficar irritadas, e sei que é sono. Mattia me ajuda a colocá-los para dormir em um quartinho ao lado da suíte dos avós que carinhosamente foi preparado. Encosto a porta com cuidado para não os acordar e por dentro vibro um pouquinho. Teremos algumas horinhas de descanso.

— A piscina vai ficar para mais tarde — seu Arthur murmura, surgindo no corredor dos quartos. Ele se aproxima devagar, mãos nos bolsos. Mattia joga seu braço sobre o meu ombro, comentando que os três estão dormindo feito anjinhos. — Mattia me disse esses dias que você está sem emprego fixo, Lauren.

Olho um instante para ele, surpresa pela abordagem. Mattia me contou que os pais têm uma empresa de produção de multimídia, hoje uma das melhores do país, mas não esperava que... Ah, Deus. Será que ele foi pedir um emprego para mim?

— Estou. Faço um serviço ou outro na semana, mas nada fixo.

— Que tipo de serviço?

— O que aparecer, seu Arthur. Não consegui nada na minha área desde que fui demitida, e com três crianças para vestir e alimentar, eu aceitei o que viesse. Desde diarista a passar a noite no hospital como acompanhante de alguém.

— Entendo. Qual sua área de atuação, querida?

— Secretariado. Trabalhei a maior parte do tempo em empresas grandes e médias. Fiz alguns estágios em multinacionais na capital quando estava quase me formando.

— Aceitaria se eu arrumasse um cargo para você na minha empresa?

Um sorriso pequeno ilumina meu rosto.

— Eu seria infinitamente grata.

— Meu diretor geral está precisando de uma secretária nova. Já conversei com ele e com o RH da empresa. Espero você na segunda com seus documentos para início imediato. — Ele vem até mim para me dar um abraço. Mais cedo, Louise e seu Arthur também me abraçaram e desejaram boas-vindas à família, por isso, estranho que repita o ato. — Torço para que vocês — diz, apontando para nós dois — acabem como eu e Louise. — Os olhos castanhos pousam no filho com um carinho paterno fácil de reconhecer. — Principalmente, porque o Mattia precisa seguir em frente.

— Pai... — ele murmura, e sei que estamos em terreno perigoso agora ao entender a que seu Arthur está se referindo.

— Sabe que estou certo, Matt. — Ele deixa um beijo amoroso no rosto do filho e se afasta.

Mattia parece ficar desconfortável, e eu trato de tentar amenizar a situação mencionando a primeira coisa que vem na minha mente:

— Podemos descarregar as malas do carro e trazê-las para cá? — Olho ao redor rapidamente. — O quarto deles está perto da suíte dos seus pais. Será que não vão incomodá-los durante a noite? O Gabriel costuma ser o mais escandaloso quando acorda.

Ele nega com um mover de cabeça e um sorriso no rosto.

— O meu quarto é logo ao lado, e foram os meus velhos que quiseram instalar os berços ali. — Ele faz uma pausa rápida. — Hã... Lauren — menciona, com cuidado, mudando de assunto muito de repente. — Eu queria te dizer uma coisa, mas promete não ficar ofendida nem nada?

Estudo-o com atenção e coloco a mão na cintura, esperando que se explique melhor.

— Sei que veio para passar o final de semana comigo e com a minha família, mas... eu queria que não ficasse. — Pisco um par de vezes, confusa. — Quero que tire um tempo só para você, e se ficar aqui, vai acabar cuidando deles. Então, eu ficaria muito feliz se, sei lá, ligasse para a Bianca, combinassem de sair e de se divertirem. Ou pode ir para casa e aproveitar a casa vazia para dormir o dia inteiro, quem sabe? *Maratonar* sua série favorita, rodopiar no meio da sala ouvindo *I Will Survive* e fazendo *lip sync*, ficar o dia inteiro de pijama e comer um pote de sorvete. Talvez sair e fazer a unha, o cabelo, tomar um banho de quarenta minutos sem se preocupar. Qualquer coisa assim, Lauren. Quero que tire um tempo *pra* você e descanse. Vamos cuidar bem dos pequenos terroristas.

Não consigo ficar ofendida com seu pedido porque sei que tem as melhores intenções. Não vou mentir dizendo que não sinto falta da minha vida antes da maternidade e que não estou exausta, precisando mesmo de um descanso, de um tempo para cuidar de mim. Enlaço nossos dedos, e Mattia desce o olhar para o contato por um instante, talvez surpreso que, dessa vez, tenha sido eu a pegá-lo pela mão.

— Você disse bem: vim para passar o final de semana com você e sua família. Mesmo que eu realmente estivesse precisando descansar, quero ficar, Mattia, principalmente porque você está aqui. Gosto de te ter por perto. Agradeço seu zelo e tudo mais, e não quero soar ingrata nem nada, mas se quiser ficar com eles em outro fim de semana, eu topo. Mas nesse, quero ficar com vocês.

Ele me olha com carinho por um instante. Erguendo o dedo indicador, diz:

— Me espera aqui. Volto em cinco minutos. — Ele desaparece para o andar de baixo e volta dentro do tempo estipulado. — Conversei com meus pais e com meus irmãos e... eles vão ficar com os três para que nós dois aproveitemos o fim de semana. — Entreabro os lábios, pronta para dizer não, mas ele me interrompe: — Meus avós paternos têm outra casa na região, não muito longe daqui que podemos usar.

— Mattia, não sei. Não quero abusar da boa vontade dos seus pais nem dos seus irmãos. Além do mais, as crianças podem ficar inquietas se sentirem minha falta.

— Vamos estar por perto. Eles vão ligar se precisarem de nós e voltamos assim — ele estala os dedos —, bem rapidinho.

— Eu já disse que posso descansar em outro final de semana, Mattia.

— Por que deixar para outro se pode descansar *nesse*, Lauren? Disse que gosta de me ter por perto e vai me ter por perto o tempo inteiro daqui até domingo à tarde.

— Qual a distância entre a casa dos seus avós paternos e aqui? — pergunto, começando a ponderar a proposta.

Ele pensa por um segundo.

— Três, quatro quilômetros no máximo.

Suspiro e olho para a porta atrás de mim, sentindo uma dorzinha no coração por querer passar um final de semana só com Mattia. Sou uma mãe terrível por desejar isso tão fortemente?

— Não vou mesmo incomodar? Não quero te afastar o fim de semana todo deles. Ainda mais agora que está começando a se aproximar das crianças.

— Serão um pouco mais de vinte e quatro horas, Lauren. Saímos hoje à noite e voltamos no domingo para o almoço. Se precisarmos voltar antes, voltamos. Se eu fosse você, aproveitava, porque não vou conseguir um dia a mais de folga na minha escala tão cedo.

Suspiro e assinto.

— Tudo bem.

Mattia se aproxima, contornando minha cintura. Sem que eu espere, ele me dá um beijo suave na boca. Eu retribuo, erguendo-me nos pés e abraçando-o pela nuca. Sua boca tem gosto de nostalgia, levando-me de volta àquela noite maravilhosa. Seu beijo agora diz que ele pretende matar minha saudade durante todo o final de semana.

Capítulo 08



Mattia

— *Já está tudo aí*, Lauren. Não tem com que se preocupar — sussurro para ela, que está parada com o quarto à meia-luz do abajur na cômoda, verificando se descarregamos todas as malas dos bebês.

Já é mais de oito da noite e aproveitamos bem o dia. Depois que os bebês acordaram do cochilo vespertino, nós os levamos lá para fora e eles fizeram a festa. Rastejaram pelo gramado, comeram frutas do pomar e entraram na piscina com os adultos. Vi meu pai fazendo planos de construir um *playground* perto da churrasqueira e meu coração se aqueceu com isso.

Eles estão dormindo novamente, e podemos seguir para nosso programa de sexta à noite. Foi um pouco difícil convencê-la a vir comigo e tirar o final de semana para descansar. Mesmo que tenha aceitado mais cedo, ela esteve inclinada a desistir no meio da tarde, perguntando-me uma porção de vezes se era mesmo uma boa ideia. Precisei reunir toda família para convencê-la. Agora, antes de irmos, Lauren confere se pegou todas as malas, se tem mamadeira e fórmula suficientes.

Preocupa-se demais, meu Deus.

— Sim, está tudo aqui — sussurra de volta, terminando sua contagem. — Acho que podemos ir.

Jogo o braço sobre seu ombro quando deixamos o quarto e planto um beijo singelo na sua bochecha. Na sala de estar, no andar de baixo, Filippo, Paola e meus pais estão jogando mímica.

— Vocês já vão? — papai pergunta.

— Já. Eles estão dormindo profundamente. Depois do dia que tiveram hoje, garanto que só acordam amanhã cedo.

— Se precisarem de nós... — Lauren intervém, mas meu pai abana a mão no ar, como que dispensando a preocupação.

— Não vamos precisar, *mas* se precisarmos, Louise anotou seu telefone e pregou na geladeira, caso o Mattia não atenda. Sabe, ele é assim.

Quando mais precisamos falar com ele, não atende ao celular de jeito nenhum.

— Ih, vai começar a me caluniar. Melhor irmos de uma vez, Lauren.

Risadas ficam às nossas costas ao sairmos. A viagem até a casa dos meus avós é bem rápida. Antes do destino final, fazemos uma pausa rápida no supermercado da cidade para abastecermos os armários, e Lauren me ajuda a descarregar sacolas e nossas malas quando chegamos.

— Seus avós ainda são vivos? — pergunta e se ergue nos pés para conseguir colocar um vidro de palmitos em conserva no armário de cima.

— Não — respondo, separando alguns alimentos para comermos enquanto assistimos alguma coisa mais tarde. — Meu avô faleceu há dez anos, e minha avó foi embora há quatro. A casa ficou vazia, apesar de, de vez em quando, eu, meus irmãos ou meus primos virmos para cá festejar ou só passar férias e final de semana. Quem mais vem é o Filippo. O mais namorado de nós três, cada vez que vem, traz uma garota diferente.

Lauren dá uma risadinha acanhada.

— Você não? — Ela fecha a porta do armário e se vira na minha direção, vindo até a mesa pegar mais dos suprimentos que compramos.

— Eu costumava trazer a mesma garota de sempre — digo, minha voz um tom mais baixo. Ela me observa por um longo segundo com alguma piedade em seus olhos antes de acenar, pegar um saco de pão e guardá-lo.

Ao terminarmos de guardar as compras, eu a pego pelas mãos e a conduzo até o quarto principal. Está escuro e não faço questão de acender a luz. Deslizo minha mão até sua nuca e a puxo lentamente na minha direção. Sinto sua respiração falhar e as batidas do seu coração tão erráticas e aceleradas quanto as minhas. Não precisamos de palavras. Ela sabe o que eu quero porque é o que ela quer também. Inclino-me na sua direção, minha mão agora no seu rosto, e a beijo. Devagar. Suculento. Pedindo caminho pouco a pouco, inspirando seu ar, apertando sua cintura com a mão livre.

Meu desejo se torna incontrolável e, quando dou por mim, deito-a na cama e fico por cima do seu corpo. Ela afunda os dedos nos meus cabelos e pressiona com mais força os lábios nos meus, erguendo os quadris na minha direção. Sorrio contra sua boca e mordisco seu lábio inferior ao entender perfeitamente o que está procurando. Junto seus punhos acima de sua cabeça

e me esfrego nela ao mesmo tempo em que escorrego minha boca pelo seu pescoço.

— Preciso ter certeza de que quer isso — murmuro contra seu ouvido, passando minha ereção na sua virilha mais uma vez. — Preciso ter certeza de que quer mesmo abrir suas pernas para mim. — No instante dessas palavras, minha mão separa mais suas coxas umas das outras.

Tudo entre nós ficou implícito demais desde o primeiro momento. Eu nunca fiz questão de esconder que a desejo, mas nós nunca conversamos sobre aquela noite, sobre ter ela ter ido embora — apesar de durante esse tempo todo, até nos reencontrarmos, minha vontade tenha sido exatamente essa —, não conversamos sobre os carinhos aleatórios e completamente pretenciosos, os beijos na bochecha, o único beijo na boca que lhe dei desde que nos reencontramos. Eu a quero, sinto que ela me quer, mas nunca verbalizamos esse desejo. Entretanto, agora, preciso ouvir da sua boca que me deseja por igual.

Lauren suspira e afunda no colchão, sua boca desesperada procurando a minha, seus quadris desesperados procurando minha ereção.

— De minha parte — sussurro e mordisco a ponta da sua orelha —, saiba que estou doido para estocar em você de novo. A porra da noite inteira, Lauren, quero estocar na sua boceta.

— Mattia... — choraminga, os dedos apertando meus fios.

— Não sei o que fez comigo. — Desvio meus lábios para seu colo. Preciso afastar um pouco a alça do vestido soltinho para beijar seu ombro e clavícula. Abaixo mais até expor seu seio esquerdo. É uma delícia que não esteja usando sutiã. Acaricio seu peito antes de sugá-lo lenta e deliciosamente por um segundo. — Mas pensei em você em todos os segundos do último um ano e meio.

Exponho o outro seio e rodopio a língua no seu bico. Lauren se contorce sob meu corpo e se agarra aos lençóis conforme acaricio seus peitos e me esfrego entre suas pernas.

— Nunca acreditei em amor à primeira vista — prossigo e baixo o vestido até a altura do umbigo, trilhando um caminho de beijos úmidos junto com o movimento. — Mas estou fortemente inclinado a reconsiderar.

— Pare de me torturar — pede, empurrando minha cabeça mais para baixo.

— Então diz que me quer — exijo, assoprando seu sexo sob a calcinha. Para provocá-la, resvalo superficialmente a língua na sua intimidade e sinto a textura da renda da peça íntima. — Diz que quer meu pau e minha língua na sua boceta, Lauren.

— Não está mais do que óbvio? Quero tudo o que está disposto a me dar!

Termino de tirar seu vestido e volto para sua boca. Coloco a mão por dentro da sua calcinha em um carinho suave, lento e gostoso. Escorrego um dedo para dentro dela, sentindo sua umidade. Entro e saio de dentro da sua boceta bem devagar, acariciando sua boca com a minha até que ela está implorando de novo. Tiro sua lingerie e me dispo por completo, colocando uma camisinha em seguida. Encaixo-me entre suas pernas e, apesar de escuro, procuro pelos seus olhos. Eu a penetro e a beijo ao mesmo tempo, engolindo o gemido que solta na minha boca. Lauren abraça minha cintura com as pernas e afunda mais os lábios nos meus, desesperada.

— Mais rápido. Mais forte. Mais fundo — pede, voz trêmula, suas unhas na carne dos meus bíceps.

Ergo suas pernas na altura dos meus ombros — uma posição que aprendi naquela noite que ela gosta — e fico de joelhos sobre o colchão. Então, atendo o seu pedido. Mais forte. Mais rápido. Mais fundo. Sobre a cama, na beira da cama, contra a parede, de joelhos no sofá ou em cima da mesa da sala de estar. Ela está gozando a segunda vez — de quatro sobre uma cadeira almofadada da sala de jantar — quando me permito encontrar meu primeiro orgasmo. Puxo-a para mim e acalmo meu corpo beijando sua boca, meu membro ainda dentro dela, nossas respirações ofegantes, os corpos suados.

Saio de dentro dela e descarto a camisinha. Seguimos direto para o banheiro e tomamos um banho juntos, conversando amenidades. Vez ou outra, ela se pergunta se as crianças estão bem, e eu garanto que não tem lugar melhor no mundo que a casa dos meus pais. No quarto, ela se deita sobre meu tórax e eu escolho um filme na plataforma de *streaming*. Vinte minutos depois, o filme está rodando sozinho, e nós estamos trepando pela segunda vez.



Viro-me na cama, sonolento, e jogo os braços no lado que Lauren deveria estar. Encontro apenas o vazio. O lençol ainda está quente, o que denuncia que não faz muito tempo que se levantou. Uma sensação diferente começa a me assaltar aos poucos, conforme vou compreendendo o que pode ter acontecido. Abro os olhos de uma vez, o quarto semiescuro, e me sento na cama. Um alívio toma conta do meu corpo quando a vejo aqui. Lauren se enrolou no vira-lençol, está de costas para mim, de frente para uma cômoda e segura o que suponho ser o retrato que fica ali.

— Achei que tinha ido embora de novo — murmuro, a voz ligeiramente rouca de sono.

Ela me olha por cima dos ombros e, mesmo daqui, reconheço um sorriso pequeno.

— Não seria inteligente da minha parte. Você agora sabe onde me encontrar. Além do mais... eu não tenho motivos para partir.

— Você tinha um motivo um ano e meio atrás?

Lauren se volta para frente de novo e fica em silêncio por um segundo.

— Eu estava quebrada naquela ocasião. O homem que amava era casado e tinha me enganado por dois anos. Você apareceu e fui bem clara sobre querer apenas sexo, sem nomes.

Assinto porque ela não está mentindo. Ainda assim, poderia ter se despedido. Decido que não vou remoer mágoas. Levanto-me da cama e procuro pela minha cueca. Aproximo-me dela quando estou parcialmente vestido e engulo em seco quando Lauren se vira para mim segurando um retrato meu com Natália. Ela me olha um pouco sem jeito, como se tivesse sido flagrada fazendo alguma coisa de errado. Não dizemos nada por um segundo. Ela fica parada na minha frente, mantendo o lençol contra os seios com uma mão, o porta-retratos na outra, e eu tento administrar os sentimentos dentro de mim.

— Minha avó adorava a Natália — sussurro, tomando delicadamente a foto das mãos dela. Fixo meus olhos ali por um instante e me recordo de quando a tiramos. Confraternização de Natal com toda família Massari. — No finzinho da vida, dona Elisa veio morar aqui e em uma das suas raras idas à cidade, passou lá em casa e roubou esse retrato.

Lauren ri baixinho, e ainda sinto seus olhos em mim, atentos.

— Ela roubou retratos de todos os netos.

— Não era mais fácil ter pedido?

— Era, mas ela gostava da traquinagem.

Molho os lábios e, quase sem notar, estou escorregando o polegar pelo sorriso da Natália na fotografia. Devolvo o retrato ao seu lugar e caminho até a janela, abrindo as cortinas. A luz do sol penetra o cômodo e começa a aquecê-lo. Sinto Lauren às minhas costas indo para o banheiro. Eu fico mais um tempo aqui, apreciando o calor dos raios solares contra meu rosto. Ela volta, dizendo que vai fazer o café da manhã. Assim que deixa o quarto, eu coloco uma bermuda e uma regata. Na cozinha, Lauren está batendo massa para panqueca. Eu me sento à mesa e cruzo as mãos, observando-a.

— Eu conheci a Natália durante uma expedição.

Lauren, na pia, batendo a massa, se vira para mim. Tem algo de surpresa no seu rosto. Talvez não estivesse esperando que eu me abrisse agora. Talvez estivesse esperando que eu nunca me abrisse.

— Uma expedição?

— Até dois anos e meio atrás, eu praticava alpinismo e escalada em rochas. Filippo é tão apaixonado pelo esporte quanto eu já fui um dia. Ele tem até uma empresa de aventuras que organiza essas expedições em vários lugares. *Aventura Selvagem*. — Lauren abre um sorriso singelo e começa a preparar as panquecas na frigideira. — Nessa expedição, escalamos o Matterhorn, uma montanha que fica entre a Itália e a Suíça. A Natália estava com outra expedição e eu a alcancei alguns poucos metros antes do cume. Ela queria desistir porque estava exausta, mas eu a ajudei e ela conseguiu conquistar o topo da montanha.

— Foi sua primeira vez? Escalando essa montanha?

Movo a cabeça em negativo.

— Não. Tinha tentando alcançar o cume outras vezes. É uma montanha difícil de escalar, que exige uma preparação física intensa. Eu tentei duas vezes, mas só consegui na terceira.

— Que foi quando a conheceu — pontua, virando as panquecas.

— Isso. — Olho para minhas mãos cruzadas. — Transamos no primeiro encontro e começamos a namorar uma semana após o primeiro encontro. Exatamente nove dias depois da expedição.

— Estavam com tanta pressa por quê? — ela brinca, colocando mais massa na frigideira.

Rio um pouco e suspiro.

— Namoramos por cinco anos — continuo o relato, sentindo o coração apertar à medida em que chego perto de contar sobre o incidente. — Então, dois anos e meio atrás, o Filippo organizou uma escalada a uma pedra famosa na Serra da Mantiqueira. Gosto muito de alpinismo, mas escalar rochas é meu ponto fraco. Então, aceitei.

Lauren se aproxima trazendo dois pratos com duas panquecas cada. Ela coloca um na minha frente e outro no lugar onde vai ficar.

— Eu comecei a me preparar para a escalada: roupas adequadas, verifiquei se os instrumentos estavam em boas condições, comprei até uma mochila nova. — Lauren se afasta e pega mel, suco de laranja, dois copos e garfos, colocando tudo na mesa. Ao se sentar de frente para mim, eu completo: — No dia seguinte, a Natália me procurou e disse que tinha planos de escalarmos o Matterhorn de novo. Ela queria conquistar o cume pela segunda vez junto comigo e já tinha planejado tudo: pesquisou por pacotes com uma empresa de aventura na região para que tivéssemos um guia, comprou equipamentos, as passagens de avião...

— Essa escalada era no mesmo dia em que pretendia ir para a Serra da Mantiqueira, não é? — ela pergunta, servindo suco para nós dois.

Brinco com pedaços da panqueca e suspiro, sem vontade de comer.

— Era. Veja bem, eu já tinha ido ao Matterhorn outras três vezes, mas nunca à Serra da Mantiqueira. Argumentei isso com a Natália, pedi que

fôssemos em outra data, mas ela insistia para irmos naquele dia em específico e eu não entendia por quê.

Tiro um pedaço da panqueca e mastigo, embora ainda sem vontade de comer.

— Ela foi sem você? — Lauren pergunta, com cuidado.

— Queria que tivesse ido. Nós discutimos muito por um ou dois dias, um tentando convencer o outro a ceder. Eu fui irredutível. Quero dizer, não disse para ela *não ir* ao Matterhorn, mas eu não abria mão da minha escalada. A Natália... parou de falar comigo pelo resto da semana e eu também não me esforcei para entender por que ela estava tão sentida pelo simples fato de eu não querer ir à expedição na ocasião que ela queria.

— Acho que já entendi o que aconteceu... — murmura, olhos atentos em mim, expressão condescendente.

— No dia da escalada, ela estava lá. Ainda brava comigo, mas estava lá. Minha namorada não precisava ceder, mas cedeu e eu só entendi depois. — Inspiro fundo e faço uma pausa necessária. — Antes de começarmos a escalar, ela veio e me deu um beijo na boca, disse que me amava embora estivesse com muita raiva de mim, mesmo que normalmente fosse eu a ceder às vontades dela, não o contrário.

— Mattia — Lauren diz suavemente —, já entendi o que aconteceu. Não precisa me dizer mais nada. Já notei que não te faz bem.

Abano a cabeça em negativo, dispensando sua preocupação. Quero mesmo terminar de contar.

— Teve uma falha no equipamento dela. A Natália despencou sessenta metros. — Fecho os olhos e exaspero, tentando afastar da minha cabeça as imagens daquela tarde. — Filippo estava um pouco mais abaixo, uns trinta metros mais ou menos. Meu irmão foi atingido, o equipamento o segurou, mas a colisão do corpo dela e a colisão contra a rocha foram fortes o suficiente para desacordá-lo, sofrer um traumatismo craniano e ficar uns dias internado. Eu estava do lado dela quando minha namorada simplesmente... caiu.

— Não consigo nem imaginar o terror que deve ter vivido.

— Foi a coisa mais horrível que senti na minha vida inteira. Fiquei em pânico, não sabia o que fazer em um primeiro instante. Eu conseguia ver o corpo dela estirado na base da rocha, meu irmão desacordado suspenso pelas cordas. Eu... entrei em choque, minha mente deu um apagão, sabe? Em um momento, eu estava desesperado, preso pelos equipamentos; no outro, estava no solo, sendo atendido pelos bombeiros. Não me lembro de nada nesse espaço de tempo.

A mão dela escorrega na direção da minha e a segura com firmeza.

— Mattia, você não teve culpa. Um ano e meio atrás, me disse que...

— Eu sei. Foi uma falha no equipamento, só que... Lauren, se eu tivesse sido um pouco mais atencioso, se eu tivesse cedido e ido escalar o Matterhorn com ela, Natália estaria viva hoje. É por isso que eu me culpo.

— Foi uma fatalidade, Mattia. Poderia ter acontecido até mesmo em Matterhorn.

Balanço a cabeça de um lado a outro.

— A data, a maldita data que não me atentei. Ela queria escalar a montanha de novo justamente naquele dia porque era aniversário de quando nos conhecemos. Natália ia me pedir em casamento. Por isso, estava tão brava por eu não ter aceitado: ela tinha se lembrado, eu não. Depois, no meio das coisas dela para a escalada, eu achei... achei as alianças. — Solto uma risada triste. — Ela ia me pedir quando terminássemos de subir a pedra. O plano inicial era pedir quando alcançássemos o cume do Matterhorn, mas eu fui tão descuidado que não...

De repente, Lauren está aqui, sentada no meu colo, impedindo-me de continuar. Suas mãos no meu rosto, seus olhos nos meus.

— Talvez nada que eu diga vá tirar esse peso que está carregando. Talvez você precise de ajuda profissional para parar de se culpar pela morte dela. Você me pediu para tirar uma final de semana e descansar, e eu aceitei, feliz com sua preocupação. Agora, estou pedindo que faça algo por você. Precisa se curar dessas feridas. — Ela pega minhas mãos e as aperta. — Me promete, Mattia. Promete que vai se cuidar.

Assinto devagar e beijo seus lábios suavemente.

— Eu prometo, Lauren.

Tomo seu corpo em um abraço e constato como estou sendo totalmente sincero. Não é uma promessa da boca para fora, não estou dizendo apenas para agradá-la. Está decidido que na segunda-feira vou marcar uma consulta com meu terapeuta.

Eu não queria me curar antes. Sentia que precisava carregar essa dor comigo porque era a única coisa que me fazia sentir vivo, embora o sentimento estivesse me matando aos poucos. Mas não agora. Agora, eu quero ser bom para Lauren e quero ter a chance de retomar as rédeas da minha vida, de trazer de volta a parte de mim que Natália levou consigo. Quero ser bom para esta garota no meu colo, quero ser bom para os filhos que tenho com ela e quero ser o velho Mattia para a minha família porque já os preocupei demais com essa minha fase de tristeza.

— Eu prometo — repito, com um sussurro e a beijo de novo.

As panquecas, esquecidas sobre a mesa, esfriam enquanto a cama está pegando fogo.

Capítulo 09



Mattia

Um chorinho atravessa as paredes do quarto escuro. Lauren, de costas para mim e entre meus braços, se remexe, fazendo menção de sair do meu aperto. Eu a mantenho debaixo dos edredons e deixo um beijo na sua nuca.

— Fica, eu vou.

Ela murmura um agradecimento e eu me levanto, enrolando-me em um roupão. Caminho até o quarto dos pequenos e acendo o abajur perto da porta. À meia-luz, vejo Lavínia em pé dentro do berço, resmungando baixinho. Assim que me vê, ela estica os bracinhos e abre e fecha as mãos, chamando-me. Eu me aproximo e a pego no colo.

— Ei, princesinha, por que o choro? — Ela funga e pisca lentamente, os longos cílios molhados de lágrimas. Seco seus olhos e beijo seu rostinho quente. — Está com fome?

Lavínia assente e suspira, deitando a cabeça no meu ombro.

— Mamãe.

— Mamãe está descansando, amorzinho. — Eu a enrolo em uma manta a levo até a cozinha. — Vai ter que se contentar com o papai. Pode ser? — Ela se afasta de mim e me olha nos olhos, balançando a cabeça em negativo.

— Mamãe.

Solto uma risadinha baixa e acaricio seu rosto pequeno. Apesar de ter me contrariado, ela não chora pela mãe. Tenho a impressão de que as crianças ainda relacionam “papai” à imagem de Bruno, e talvez por isso ela tenha me negado. Há cerca de três semanas que estamos trabalhando para que eu seja visto como a figura paterna deles e estou sendo bem paciente.

Preparo uma mamadeira de fórmula enquanto a água aquece no micro-ondas. Até tento colocar Lavínia no cadeirão, mas ela chora demais ao sair do meu colo, então eu me desdubro para conciliar segurá-la nos meus braços e preparar o leite. Testo a temperatura no dorso da mão antes de

entregar para ela. No sofá da sala, a pequena deita sobre minhas pernas, os olhinhos fixos em mim, e mama sua refeição da madrugada.

Desde que voltamos daquele final de semana na casa de campo, eu tenho passado algum tempo aqui na casa de Lauren. Tudo bem, talvez eu tenha passado *muito tempo* aqui. Para ficar mais pertos dos três, e confesso que para ficar mais perto da mãe deles também, praticamente me mudei para cá. Depois de cada plantão, venho e fico com eles o máximo possível até o próximo, o que obriga Lauren a dividir a cama comigo muitas vezes. Vou para minha casa em raras ocasiões, às vezes só para buscar roupa.

Nós dois estamos em uma relação diferente, uma que nunca tive em uma vida. Sei que nosso relacionamento há muito tempo transcendeu sexo casual, mas também não tenho muita certeza se estamos em um namoro sério. Ela não se opôs que eu passasse mais tempo aqui, que trouxesse alguns pares de roupa que ocuparam parte do seu armário, ou da minha escova de dentes ao lado da sua na pia do banheiro. Talvez esteja subentendido que é uma relação amorosa exclusiva e, por enquanto, vou deixar as coisas como estão.

Nos últimos dias, muita coisa aconteceu. Lauren voltou a trabalhar, então eu me revezo com a babá para ficar com os três. Eu e a mãe deles já combinamos que vamos procurar uma creche, ainda estamos discutindo se pagamos uma escola ou procuramos vaga na rede pública. Eu conheci os pais dela na semana passada, em um almoço de família de domingo. A mãe dela foi mais simpática que o pai, mas Lauren me garantiu que ele nunca gostou de nenhum dos caras que um dia ela apresentou, por melhores que fossem. O meu caso foi bem diferente contudo. Ela apresentava outros caras como namorados. Nessa ocasião, fui apresentado como “o verdadeiro pai dos trigêmeos”, ou seja, só o cara que a engravidou. O velho tem motivo para não simpatizar comigo. De qualquer forma, estou me esforçando para conquistar a confiança dele.

Volto ao mundo real quando sinto um toque quente e macio no meu rosto. Baixo os olhos para Lavínia, que segura a mamadeira com uma mão e brinca com minha barba com a outra, seus olhinhos castanhos atentos em mim. Eu me inclino, deixo um beijo na sua testa e ela abre um sorriso gostoso. Coloco minha mão sobre a sua no meu rosto e deixo o contato criar nossa ligação. A bebê começa a fechar os olhinhos quando a fórmula está quase acabando e ela já está dormindo de novo ao final. Eu a levo para o

quarto e antes de devolvê-la ao berço, troco sua fralda que está cheia apenas de xixi.

— Era fome? — Lauren pergunta quando estou de volta.

— Fralda também. — Eu me deito ao seu lado e a encaixo entre meus braços de novo. Ela suspira e se esfrega em mim, mas não acho que esteja me provocando. Ou talvez esteja. — Já cuidei de tudo, não se preocupa.

Lauren se remexe até estar de frente para mim, uma mão no meu rosto, sua boca na minha.

— Falta muito para amanhecer? — pergunta, com um sussurro, sua mão descendo perigosamente pelo meu corpo.

— São três e meia — respondo, conferindo as horas no relógio de pulso. — Você ainda tem mais algumas horas de sono antes de ir para o trabalho. Aproveita.

Lauren assente e se ajeita sobre meu tórax. A manhã seguinte é uma loucura. Ela levanta primeiro que todo mundo, se troca e começa a preparar o café da manhã. Eu levanto alguns minutos mais tarde e fico encarregado de trocar as crianças e, depois, mantê-las sentados no cadeirão. Ambas tarefas são um verdadeiro desafio.

— Te encontro às onze no cartório? — Lauren pergunta. Ela está encostada na pia tomando uma xícara de café e comendo um pedaço de pão. *Engolindo* seria uma palavra mais exata, porque ela mal mastiga a massa, apressada para sair. Confirmo, meus olhos atentos nos pequenos se lambuzando com o mamão. — Se por acaso eu atrasar, te ligo — diz, vindo até mim e me dando um beijo rápido nos lábios. — Estou atrasada. Tenho que escovar os dentes antes de ir. Vai mesmo ficar bem?

— Claro que vou — respondo, um falso tom de ofendido. Ela está preocupada porque vou ficar o dia todo com eles hoje, sozinho, sem a babá. — Ninguém mais sabe lidar com criança que não um pediatra.

— São três de uma vez só, Mattia.

— Eu cuido de uma ala inteira cheia delas, esqueceu?

— Você tem uma equipe de enfermeiros e internos que...

Dou um tapa na sua bunda.

— Vai trabalhar.

Ela ri, me dá um último beijo e então se vai.



A manhã com os pequenos é bem desafiadora. Eu me desdobro para conseguir limpar a cozinha do café da manhã, organizar a sala e os quartos e mantê-los fora de encrencas. A televisão em um desenho infantil qualquer, alguns brinquedos e o cercado delimitando um espaço maior que o chiqueirinho ajudam por algum tempo. Antes de sairmos em direção ao cartório, a loucura recomeça: aprontá-los, separar a bolsa com roupas extras, mamadeiras de água e fraldas de pano.

É muito mais fácil cuidar de uma ala pediátrica inteira de um hospital do que cuidar de três crianças sozinho. Acho que nunca mais vou dispensar a ajuda da babá. Tudo pronto, crianças presas nos bebês-conforto, rumamos para o cartório. Lauren já está aqui quando chegamos e me ajuda a tirá-los do carro e a colocá-los no carrinho de bebê triplo. Quando prendo o último bebê e me levanto, sou surpreendido por um beijo suave nos lábios.

— Oi, *atrasildo*.

— Sou um pai com três filhos pequenos. Me dê um desconto.

Lauren ri e abraça minha cintura, virando-se para os pequenos, quietinhos.

— Eles estão tão lindinhos — murmura. — Adorei que você combinou os conjuntinhos.

— Comprei especialmente para o dia de hoje. Vão ser legalmente meus filhos. — Levo a mão ao peito em um gesto teatral. — Estou emocionado.

Ela me olha com alguma paixão nos olhos e ri antes de me convidar para entrarmos no cartório. Na última semana, discutimos como formaríamos os nomes dos bebês e depois de debatermos quais sobrenomes levariam — uma vez que são três sobrenomes, dois meus e um dela — decidimos pelo seguinte: Gabriel Vilanova Massari; Lavínia Ventura Massari e Arthur Massari Neto.

Eu não paro de olhar para as certidões de nascimento assim que deixamos o cartório. Um sorriso ilumina meu rosto e não faço questão nenhuma de esconder. Busco por Lauren, que parou de empurrar o carrinho até o estacionamento para ajustar o cinto de segurança do Arthur. Ela conversa com o pequeno com um sorriso gostoso, os cabelos escuros sobre seus ombros. Engulo em seco quando uma vontade repentina me atravessa. A vontade de voltar lá dentro e sair com outro tipo de certidão.

Viro-me para frente, afastando o pensamento precipitado demais da cabeça. Ela me alcança um segundo depois e colocamos os pequenos de volta aos bebês-conforto, o carrinho triplo indo para o porta-malas.

— Eu vi o Bruno hoje — Lauren comenta quando tomo a avenida. Não sei o que sinto à menção desse nome, mas me esforço para simular indiferença. — Ele foi me procurar na verdade.

Dou uma espiadela rápida em Lauren, incomodado com essa última parte.

— O que ele queria?

— Me cobrar. Disse que pagou meses uma pensão que ele não tinha obrigação nenhuma. — Ela suspira e esfrega os olhos, como se estivesse exausta. Se eu tivesse de cuidar de três crianças, trabalhar fora e ainda aturar um ex escroto, também estaria cansado dessa maneira. — Ele disse que foi conversar amigavelmente comigo, mas que se eu não devolver, vai conversar com o amigo advogado.

Entendo que o sacana se referiu ao Liam.

— Que converse — rebato, com um resmungo. — Não vai dar em nada. Eu já andei pesquisando sobre isso, Lauren. Ele não tem direito a reembolso.

— Eu sei. O máximo que ele pode fazer é pedir indenização por danos morais caso consiga comprovar que a situação lhe causou algum mal. Você acha que o fato de a Paola ter pedido o divórcio pode ser entendido como...?

Balanço a cabeça de um lado a outro, vigorosamente.

— Sou leigo no assunto, mas acredito que não. Olha, não se preocupa com o Bruno, está bem? — Paro em um cruzamento quando o sinal fecha.

Pego-a pelas mãos e a faço olhar para mim. — Se ele vier com historinha de que quer ser restituído, vamos dar um jeito. Nem que eu tire do meu próprio bolso e enfie o dinheiro na bun...

Ela arregala os olhos e indica os meninos no banco de trás.

Pigarreio, dando-me conta do palavreado.

— Só não se preocupa.

Ela assente e se inclina para me dar outro beijo nos lábios.

— Tem um restaurante não muito longe daqui — digo, quando o sinal é liberado. — Vou levar você e as crianças para almoçarem fora hoje.

Lauren sorri e assente. Quinze minutos depois, já estamos acomodados em uma mesa, os três, por incrível que pareça, comportados nas cadeiras altas, distraídos com um brinquedinho de borracha que eu trouxe na bolsa deles. Lauren está me contando sobre sua semana de trabalho para o diretor geral do Conecta Mídia, “meio ranzinza quando quer, mas um bom chefe”, quando uma atendente vem à nossa mesa.

— Lauren, é você? — a moça loira a chama.

As duas se reconhecem e trocam beijos, abraços e conversas rápidas — “Meu deus, quanto tempo”, “Você está linda!”, “Não sabia que estava trabalhando aqui!”.

— São seus? — a atendente pergunta, logo depois dos primeiros segundos de reencontro, apontando para os três pestinhas que foram atraídos pelas duas mulheres felizes. — Os três?

— São, sim. Gabriel, Lavínia e Arthur — Lauren apresenta cada um deles orgulhosamente. — E aquele ali — aponta para mim, e eu cumprimento sua amiga com um movimento breve de mão — é o Mattia. É pai das crianças e meu namorado.

Meu olhar vai direto para Lauren, distraída o suficiente com a amiga para não notar a surpresa em mim. Fico atônito só por um segundo e então estou sorrindo, feliz que, finalmente, nossa relação tenha sido rotulada. Namorados. É bom que nada fique implícito ou subentendido entre nós. Eu pretendia falar com ela em algum momento, talvez até fazer um pedido formal. Será mais fácil agora.

— Mattia, essa é a Pâmela. É uma amiga da época do colégio.

Sussurro um “Muito prazer”, que ela devolve antes de voltar toda sua atenção aos bebês e conversar com eles. Passada a emoção do reencontro, Pâmela finalmente pega nossos pedidos.

— Sentávamos juntas — Lauren diz, toda sorridente — nos fundos da sala.

— Sabe a fama que o fundão tem, não sabe?

— Eu nunca disse que era uma boa aluna.

Rio, fazendo Gabriel rir junto comigo. Eu pego o brinquedinho de sua mão e passo suavemente no seu rosto, brincando com ele. O menino ri mais, e os outros dois parecem ficar com ciúmes porque querem a brincadeira.

— Não a via desde a formatura do ensino médio. Isso tem bem uns...

— Lauren pensa e, enquanto isso, estou esfregando o brinquedo no rosto de Lavínia e Arthur, que gargalham alto e atraem olhares dos demais clientes.

— Nove anos mais ou menos.

Então, nossa conversa gira em torno das nossas vidas escolares no passado. As escolas que estudamos, os professores mais amados e os mais detestados. Até descobrimos que tivemos aula com alguns mesmos professores. Durante a refeição, o assunto muda e estamos fazendo planos para o aniversário dos trigêmeos dentro de poucas semanas. Lauren não tinha pretensões de fazer nada extravagante — claro, porque ela estava desempregada até algum tempo atrás e ainda vai demorar um pouco até se estabilizar financeiramente —, mas eu insisti para fazermos, ao menos, uma festa que dê para chamar as duas famílias, incluindo os filhos pequenos dos meus primos por parte de pai.

Quando terminamos, eu a levo de volta à sede da Conecta Mídia.

— Te vejo em casa mais tarde — ela se despede, me dando um beijo cheio de promessas. — Namorado.

Rio contra seus lábios, sabendo que ela está me provocando por eu, em momento nenhum, ter tocado nesse assunto.

— Vou deixar o jantar pronto, namorada. Tenta não se atrasar porque eu tenho plantão.

Seus olhos brilham diante dos meus e ela faz um biquinho.

— Vou dormir sem você hoje.

— Ossos do ofício.

Ela ri um pouquinho, me dá um último beijo, desce do carro, e eu sigo para casa. As crianças precisam de um banho uma vez que estão sujas de comida, e, mais uma vez, o desafio que enfrento é bem grande. Escalar o Everest deve ser mais fácil. Às três da tarde, eles estão dormindo na minha cama.

Pisco duas vezes, notando o pensamento.

Estão dormindo na cama de Lauren quero dizer.

Protejo a beirada esquerda com um protetor que comprei esses dias, me deito ao lado direito e me acomodo melhor perto deles, sentindo o cansaço avançar sobre mim. Abraço todos os três ao mesmo tempo e fecho os olhos.

Vou cochilar só por dez minutos.



Coloco Lavínia dentro do cercado junto com os irmãos, depois do lanche da tarde, quando Lauren chega. As crianças ficam agitadas ao ver a mãe. Esticam bracinhos e pedem colo. Ela vem até mim e me dá um beijo rápido antes de voltar toda sua atenção aos projetos de gente.

— Como foi o dia com o papai? — pergunta aos três, mantendo-os no espaço limitado. Sei que deve estar morrendo de vontade de pegá-los no colo, mas não vai fazer isso enquanto não tomar um banho. — Pelo que estou vendo — ela olha na minha direção, como se me avaliando — deram muito trabalho. Tem até um fio de cabelo branco nele.

Passo rapidamente a mão pelos meus fios, um pouco desesperado, e Lauren explode em uma gargalhada gostosa. Reviro os olhos, só agora entendendo que foi uma piada.

— Fica tranquilo. Eu gosto dos grisalhos. — Lauren se aproxima, segurando-me pela gola da camisa.

— Ah, é? Bom saber. Não vou deixar um só fio branco na minha cabeça.

Ela ri de novo, se volta para os filhos, dando-lhes mais um pouco de carinho e atenção, e pergunta como foi o restante da tarde. Deixo-a informada sobre tudo o que precisa saber: já estão de banho tomado, fralda limpa, jantaram e, de sobremesa, acabaram de comer banana com aveia. O jantar dela está no congelador para quando sentir fome, mas também tem um lanche pronto caso queira forrar o estômago antes da refeição principal.

— Fiz o seu favorito, sanduíche de frango. — Penso um pouco, conferindo se não esqueci de informar alguma coisa. — A lavanderia está lotada de roupa. Eu deveria ter aproveitado quando eles dormiram para separar e colocar para lavar, mas eu estava tão cansado. Depois que acordaram, não consegui fazer mais nada.

— Não tem problema — acalenta, virando-se para mim. — Eu dou um jeito na roupa depois do jantar. Você já está de saída? — indaga, avaliando-me mais uma vez: camisa azul, jeans e blazer.

Olho no meu relógio de pulso. Seis e quinze. Já tem algumas semanas que minha escala mudou e começo o plantão às sete da noite.

— Estou, sim. Falo com você quando puder. — Beijo seus lábios suavemente e afago sua bochecha. — Sua mãe deve chegar em uns dez minutos. Aí você toma seu banho sossegada, está bem?

Vou até as crianças e as chamo pelos seus nomes. Eles vêm correndo até mim, alegriños, e eu os amasso em um abraço de despedida.

— Papai está saindo para o trabalho. Se comportem, viu? Vejo vocês amanhã à noite. Beijinho aqui — peço, indicando o lado direito do meu rosto.

O primeiro a vir é Gabriel, atropelando os irmãos e os derrubando porque é o mais apegado a mim e o mais ciumento. Ele estrala os lábios na minha bochecha ao menos três vezes e preciso afastá-lo para dar espaço aos outros. Arthur beija o lado esquerdo do meu rosto e me dá um abraço sem jeito pelo pescoço. Minha princesinha vem por último, dando um estralo rápido e gostoso, e então acena um “tchau” para mim. Ela arrisca dizer alguma coisa, um som parecido com “papa” e fico na expectativa que vá

dizer “papai”. Mas fica só nisso mesmo, apenas como se fosse um estalar de lábios, um silabar aleatório qualquer, sem nenhum significado.

— Logo eles vão dizer — Lauren sussurra às minhas costas. — Seja paciente.

— Não tem ninguém impaciente aqui. — Giro nos calcanhares. — Vou esperar o tempo deles.

Lauren me abraça uma última vez e eu vou para o trabalho.



— A água está quase boa — Lauren grita do banheiro.

Os três estão na cama do quarto dela, prontos para um banho antes de irem para a cama. Esfrego os olhos, sentindo meu corpo cobrando o plantão, e puxo Lavínia pelo tornozelo, ela que já estava engatinhando para a beirada do colchão. Minha namorada aparece em seguida e apoia a mão no meu ombro, um sorriso bonito iluminando seu rosto que também dá sinais de cansaço.

— Essa aqui já pode ir para a banheira. — Entrego a menininha para a mãe.

Enquanto Lauren leva a filha para o banheiro, eu termino de despir os meninos. Por algum milagre que só Deus explica, Gabriel está entretido com um patinho de borracha, então consigo tirar a roupa do irmão dele sem me preocupar muito em impedi-lo de sair engatinhando pela cama. Assim que desprendo a fralda, um jato de xixi me atinge.

Pego pela surpresa, eu me afasto um passo e grito, protegendo o rosto com as mãos. Uma gargalhada escapa de Arthur e eu olho para o meliante que se diverte às minhas custas. O xixi parou, assim como a risada. Eu me aproximo dele.

— Você fez xixi em mim?! — Arthur ri e, no momento da sua risada, outro jato vem na minha direção. — Arthur! — protesto, o que arranca outra risada sonora do menino. Cada vez que ele ri, é um esguicho de urina. Me apresso a recolocar a fralda nele e impedir que continue me marcando como se eu fosse um poste. — Seu pestinha.

O sorriso aumenta e ele bate as perninhas.

— O que está havendo? — Lauren grita.

— O Arthur fez xixi em mim!

Agora, é ela que gargalha da minha cara. A risada dela chega até Arthur e Gabriel, que começam a rir gostoso. Como risada de bebê é extremamente contagiante, é claro que me junto a eles.

— Agradeça por eu não ter o seu tamanho para te fazer pagar — digo para ele, tirando a fralda com cuidado. Ao que parece, o bonito fechou a torneirinha.

Com alguma manobra habilidosa, vigio o Mijão e dispo Gabriel. Pego os dois peladinhos no colo e os levo para o banho. Coloco-os na companhia da irmã, que brinca com a água enquanto a mãe termina de lavá-la.

— Me deixa aqui com eles. — Agacho-me na altura dos trigêmeos. — Enquanto isso, você aquece as mamadeiras. Ah, e pode trocar a roupa de cama? Esse Mijão aqui — dou um peteleco no nariz dele — fez xixi para todo lado.

Ela assente com uma risada e logo deixa o banheiro. Com cuidado, eu vou lavando um por um. Os cabelinhos, os rostinhos, as dobrinhas de braços e pernas, as barrigas.

— Papai vai tocar aqui só para lavar, *tá bom?* — sussurro para eles quando preciso tocar nas partes íntimas.

Meus pais sempre me avisavam quando iam tocar em mim porque era necessário: higiene ou exames. Aprendi desde cedo sobre consentimento e abuso, como eu poderia identificar um toque carinhoso de um toque com outras intenções, as partes do meu corpo que eram permitidas e proibidas de serem tocadas. Vou orientar meus pequenos da mesma maneira.

A água está quase fria e os três estão bem limpinhos quando decido que posso tirá-los. Pego uma toalha grande o suficiente e enrolo os três juntos. De volta ao quarto, Lauren está terminando de colocar lençóis limpos e as mamadeiras já estão na cômoda, à espera dos pequenos. Ela me ajuda com os três e todo o processo de vesti-los: secar, passar pomada, talco, colocar fraldas e, por fim, colocar o pijama. Dessa vez, a tarefa é um pouco

mais difícil, mesmo com ajuda, porque eles notam as mamadeiras e ficam agitados. É quase impossível passar um os bracinhos pelas mangas do macacão quando a criança não para de girar de um lado a outro nem por um segundo.

Uma vez vestidos, os três se ajeitam no meu colo enquanto a mãe distribui as mamadeiras. Meus filhos ficam quietinhos entre minhas pernas, encolhidos sob a coberta que Lauren prepara amorosamente.

— Vai você tomar um banho agora — murmuro. Eles mal começaram a mamar e já estão quase pegando no sono. — Depois que eles dormirem, tomo o meu.

— Vou preparar algo para comermos antes. Estou morta de fome. — Lauren vem até mim, deixa um beijo rápido na minha boca e um carinho suave no meu rosto. — Algo em especial que queira comer?

— Estou com tanta fome que se fizer sopa de pedra eu como.

Ela ri e assente.

Meia hora depois, os três já terminaram de mamar e estão dormindo. Cautelosamente, tiro as mamadeiras que ainda estão entre suas mãozinhas e deixo tudo na mesinha ao lado da cama para levá-las assim que for para a cozinha. Ajeito-os sobre o colchão e me levanto com o mesmo cuidado rotineiro. Um pai que consegue fazer seus três bebês dormirem não quer guerra com ninguém e nem que eles acordem. Protejo as beiradas e vou até a cozinha, onde a comida já está pronta. Nós comemos enquanto eu falo sobre meu plantão no hospital e alguns casos que já vi durante minha vida de pediatria: de situações engraçadas a preocupantes.

Depois de comermos, ela fica encarregada de limpar a cozinha, e eu vou colocar os pequenos nos berços, levando um por um. Deixo um beijo de boa-noite em cada um deles e saio do quarto, encostando a porta. Praticamente, me arrasto até o da Lauren, sentindo meu corpo massacrado. Estou nessa vida de plantão de vinte e quatro horas desde muito antes da residência — o internato acabava por exigir isso de mim —, então, de alguma maneira, estou acostumado. Com frequência, eu tinha de lidar apenas com a extensa jornada de trabalho, e por mais cansado que eu estivesse, nada se compara às últimas semanas. Não estou reclamando. Deus, longe de mim. Esses três pestinhas me guiaram no caminho de volta e eu não poderia

amá-los menos. Eu os amo de todo coração, mas... meu Deus, que trabalho eles dão.

Tomo um banho rápido e quando saio para o quarto, Lauren já está aqui, terminando de esticar os edredons para dormirmos. Eu me jogo no colchão, exausto, e fecho os olhos por um minuto. Talvez dez, porque é tempo suficiente para que ela tenha ido tomar seu banho e já está de volta cheirando a lavanda e se deitando sobre meu peito.

— Tive que separar uma briga feia entre Gabriel e Lavínia hoje — ela sussurra, brincando com a pele do meu abdômen. — Arthur está quase andando sozinho, e os outros dois já conseguem andar apoiados nos móveis.

Abro um sorriso pequeno, ainda de olhos fechados, gostando de ouvir sobre os pequenos. É então que me lembro: já faz alguns dias que venho pensando nisso e acredito que agora seja o momento certo. Acaricio seus cabelos e suspiro.

— Estava pensando... Por que não vem morar comigo? — Sinto-a erguer os olhos para mim e a encaro de volta. — Eu sei que parece um pedido precipitado demais. Mas eu praticamente me mudei para cá, Lauren. Não tem necessidade de você pagar aluguel quando eu tenho a minha casa.

— Eu não sei, Mattia — ela diz, hesitante.

Entendo o medo que sente. Apesar da nossa relação muito súbita, não dá para prever o dia de amanhã. As coisas entre nós podem mudar, podemos romper o namoro, e ela vai ter que procurar outro lugar.

— É uma decisão importante — digo, acariciando seu rosto. — Por isso, pensa com carinho, está bem? Não tem que me dar uma resposta agora, mas saiba que se preferir ficar como estamos, eu vou continuar frequentando essa casa com a mesma regularidade de sempre.

Ela ri e se aconchega melhor no meu peito.

— Nesse caso, vou precisar cobrar seu aluguel.

Aperto-a mais contra meu corpo, o desejo tomando posse de mim. Estou cansado depois de trabalhar vinte e quatro horas, mas acho que tenho alguma reserva de energia. Procuo pelos seus lábios, que não me negam. Em um segundo, ela está montada em mim, abaixando minha cueca. Sua mão de veludo me contorna em um carinho leve e provocante. Quando menos

espero, estou entre seus lábios, ela indo até o fundo da garganta e voltando. Afundo no colchão e jogo a cabeça para trás, meu organismo quase entrando em colapso por causa dela.

Porra, como ela é boa com essa boca. Estou quase chegando lá — até entreabro os lábios para avisar que se afaste —, mas Lauren se distancia de mim, causando-me uma onda de frustração inigualável. Ela estica o corpo até a mesinha de cabeceira, puxa uma gaveta e tira um pacote de preservativos, revestindo-me em seguida.

Ela se senta sobre mim e desce devagar. Não trocamos de posição por todos os dez minutos de sexo. Lauren goza cavalgando em mim. Eu gozo com ela cavalgando em mim, explodindo dentro dela e sentindo um alívio instantâneo. Minha namorada me abraça forte e esconde o rosto na curva do meu pescoço, recuperando o fôlego.

— O treino de pernas na academia está em dia, hein — provoco, acariciando suas costas.

— Academia? — devolve, no mesmo humor. — Eu tenho três filhos pequenos, não tenho tempo nem pique para academia, Mattia. Mas confesso que as inúmeras vezes que agacho durante o dia por causa deles ajuda.

Rio e a afasto para um beijo rápido antes de seguirmos para outro banho. De volta à cama, eu me rendo ao sono muito antes de Lauren e acabo por fazer isso nos braços dela.

Capítulo 10



Mattia

Tenho consulta com o terapeuta no fim da manhã do dia seguinte, e o doutor Fagundes fica feliz e surpreso que eu tenha decidido voltar ao tratamento. Eu prometi a Lauren que cuidaria de mim para ser bom para ela e para as crianças e não pretendo falhar nisso. Levou alguns dias até eu conseguir um horário com ele que batesse com a minha folga, e aqui estamos.

Encerrada a consulta, que cutucou minhas feridas mais profundas, passo no supermercado comprar algumas coisas que Lauren me pediu. Ela me liga quando estou na fila dos caixas, querendo saber se vou chegar a tempo de almoçarmos juntos, como o combinado. Digo que sim e que já estou a caminho. Ao chegar, cerca de meia hora depois, noto a casa silenciosa demais. Uma casa com três crianças nunca é silenciosa demais. Entro com algum cuidado, estranhando a quietude tão incomum. A sala está vazia e arrumada.

— Lauren? — chamo-a. Vou até a cozinha, onde o arroz está cozinhando e o feijão borbulha para engrossar o caldo. Coloco as sacolas na mesa e, sobre a superfície, um envelope de depósito recheado capta minha atenção.

Tomo-o entre os dedos e o avalio melhor. Travo o maxilar quando vejo, ao lado, um pequeno pedaço de papel escrito na caligrafia de Lauren com agência, conta bancária e o nome completo de Bruno. Então, entendo tudo. Deixo-o no mesmo lugar e vou à procura da minha namorada. Eu a encontro assim que chego à sala, vindo dos corredores do quarto e carregando um cesto de roupas.

— Cadê as crianças? — pergunto, aproximando-me dela e pegando o cesto das suas mãos que com certeza vão para a lavanderia.

— Seu pai e seu irmão apareceram logo depois que te liguei e sequestraram os três. — Ela me segue até a cozinha. Eu continuo o percurso até a lavanderia e ela fica no fogão, conferindo se o arroz está no ponto — Disseram que iam levá-los para almoçar fora, passear no parque e tomar sorvete de frutas. — Eu franzo um pouco o cenho, meu lado pediatra não

aprovando muito a ideia. Como se entendesse meu silêncio, ela explica: — Sua mãe fez sorvetinho de banana e mamão e sem açúcar. Seu Arthur garantiu que voltam lá pelas seis.

Sorrio um pouco, aliviado por eles acatarem minhas orientações em relação à alimentação dos meus filhos, e retorno da lavanderia depois de colocar as roupas na máquina. Fico tentado a perguntar do envelope, mas decido que vou resolver isso sozinho.

— Meu pai vai passear com os netos no meio da semana? — devolvo, com uma pitada de humor, recolhendo as sacolas e guardando os produtos no lugar. — Seu Arthur não trabalha mais, não?

Ela ri um pouquinho e faz dois pratos para nós.

— Ele se aposentou há dois anos e é dono do próprio negócio. Ele pode.

— Meta de vida — brinco, aceitando o prato que me entrega.

Nós conversamos enquanto comemos, Lauren contando como está gostando de trabalhar na Conecta Mídia.

— Tenho que ir — ela diz ao meu lado. Estamos no banheiro terminando de escovar os dentes, e ela olha no relógio de pulso. — Meu horário de almoço está no fim.

— Levo você. Tenho mesmo que ir resolver um assunto e depois vou correr um pouco.

Deixo Lauren no trabalho e desvio o percurso, primeiro até o banco, depois até a sede da empresa onde Bruno trabalha. A recepcionista me informa que ele saiu para o horário de almoço e que costuma comer em um restaurante na esquina. Eu o encontro com facilidade em uma mesa logo na entrada. Ele está acompanhado de um amigo em comum, mas não me importo de ser rude quando o abordo.

— Aqui está. — Jogo um envelope recheado de dinheiro sobre a mesa.

Bruno direciona um olhar assustado para mim, o garfo e a faca a meio centímetro da borda do prato. Nosso amigo em comum, Liam, pigarreia um instante, mas eu o ignoro.

— A Lauren disse que ia depositar.

Fecho os punhos com força.

— Não é dinheiro dela, é meu. E ela não sabe disso. Ao menos, não por enquanto. — Aponto para o dinheiro. — Entendo que esteja precisando. — Direciono meu olhar para seu acompanhante. — Contratou o melhor advogado familiar da cidade, e os honorários não são baratos. Tire mesmo cada centavo desse sacana, Liam.

Estou para sair do restaurante, mas ele me impede.

— Me entenderia se estivesse no meu lugar. Não estaria com tanta raiva de mim se fosse com você. Por meses, paguei uma pensão que não tinha obrigação nenhuma. Ela sabia que eles não eram meus, mentiu para mim, agiu de má-fé. É justo me reembolsar, Mattia.

Balanço a cabeça de um lado a outro.

— Acha que estou irritado assim por causa da porra do dinheiro, Bruno? Por pelo menos cinco meses, você achou que aquelas crianças eram seus filhos. Agora que sabe que não são seus, tudo com que se importou foi com a porra do seu dinheiro. Não ficou sentido porque criou uma ligação afetiva e teve de se afastar, não se preocupou se por acaso eles estavam sentindo sua falta. Só se preocupou com a merda do dinheiro. Estou irritado porque foi um pai de merda pelo pouco tempo que foi pai deles, e um marido de merda para minha irmã durante todo o tempo. É por isso que estou irritado.

Não espero por qualquer resposta sua e vou embora.



Peso bem as palavras ao lado de Lauren. Ela está terminando de desfiar um peito de frango para o jantar, enquanto eu termino de picar os tomates para a salada, e quero contar para ela sobre o dinheiro. Sei que ainda não depositou a quantia para Bruno porque vi o envelope no armário assim que voltei para cá depois do rápido encontro com ele.

— Pode dar uma olhadinha neles para mim? — pede, concentrada na sua tarefa.

Corro até o limiar entre a cozinha e a sala e dou uma espiada nos três pestinhas. Eles estão no centro da sala brincando com alguns brinquedos e distraídos com a televisão. O cercado de PVC no entorno delimita o espaço deles e impede que se metam em lugares perigosos e proibidos.

— Tudo em ordem — digo, ao voltar para o seu lado.

Ela assente e sorri. Um minuto de silêncio até ela dizer:

— Eu já sei que foi dar o dinheiro para o Bruno. — Seu olhar sobre mim não é de mágoa, raiva ou decepção. É só... um olhar. — Ele me ligou e disse que você tinha entregado a quantia, então eu não precisava depositar. Ao menos nisso ele foi honesto.

— Eu ia te contar.

— Sei que ia. — Lauren lava as mãos e as seca em um pano de prato antes de vir até mim. Ela me abraça e deixa um beijo rápido nos meus lábios. — Não estou brava por causa disso. Acho que tenho até que te agradecer.

Movo a cabeça de um lado a outro.

— Claro que não. Mas sabe que por mim, eu não teria devolvido de forma alguma. Tudo bem que não são os filhos dele, mas seria justo por tudo que fez a você, à minha irmã e sabe Deus com quantas mulheres mais.

— Eu sei. — Lauren suspira. — Eu só estava tentando evitar uma dor de cabeça com Bruno. Ele ainda estava me perturbando e...

Deixo meus tomates de lado, limpo as mãos com o papel-toalha e seguro seu rosto, trazendo-a para um beijo.

— Está tudo resolvido agora — sussurro, contra seus lábios. — Ele não vai voltar a te perturbar. Acabou, Lauren.

Ela fecha os olhos e exaspera de alívio.

— Estive pensando na sua proposta de ontem à noite. Pensei nisso o dia todo. E eu acho que é cedo demais, precipitado demais para...

Calo-a com um beijo suave.

— Tudo bem, não tem que se explicar.

— Me deixa terminar de falar — protesta, dando-me um beliscão perto do mamilo. Eu reclamo de dor e levo a mão ao local. Rimos um instante antes de ela continuar: — Eu acho que é um passo muito precipitado, mas... você é meu namorado, é pai dos meninos e praticamente está morando aqui há um mês *pra* ficar mais tempo e mais perto deles...

— ... e de você.

— E de mim — sussurra, os olhos nos meus lábios. — Então, eu quero ser como um alpinista prestes a escalar o Everest.

Ergo uma sobrancelha, curioso com a analogia.

— Você sabe que é perigoso, conhece os riscos, está ciente de que pode dar alguma coisa errada no meio do caminho, mas ainda assim, você arrisca porque vale a pena arriscar.

Sorrio e a beijo, feliz com sua decisão. O beijo dura só um segundo porque um *resmunginho* vindo da sala atrapalha o momento.

— É a Lavínia — constato.

— Que ouvido treinado. Eu vou lá ver o que está acontecendo.

Ela deixa a cozinha e eu volto para a minha tarefa de picar os tomates. Só passa um segundo quando ela grita:

— Ah, meu Deus, Mattia! Vem aqui!

Eu jogo tudo que tenho em mãos e corro para lá. Praticamente, derrapo quando chego à sala e entendo porque ela gritou. Só noto agora que não era um grito de desespero, mas de alegria.

— Ah, meu Deus — eu mesmo murmuro e um sorriso vai surgindo em mim.

Arthur está no meio da sala, em pé sem nenhum tipo de apoio dando os primeiros passinhos cambaleantes. Eu me apresso e tiro um dos módulos do cercado para que ele venha até mim. Ajoelho a uma distância considerável dele e o chamo.

— Vem, Arthur. Vem com o papai.

Ele ergue os olhos na minha direção e abre um sorriso enorme. Lauren se agacha ao meu lado um pouco mais atrás, retira o celular do bolso e começa a gravar o momento, também o incentivando. O menino vem

devagar na nossa direção, os bracinhos levemente erguidos para manter o equilíbrio.

— Isso, vem filho. — Eu vibro a cada passo dele, uma emoção diferente tomando conta de mim. — Vem com o papai.

— Papa... Papai — ele diz e, finalmente, me alcança, caindo entre meus braços.

Meu coração explode no peito e eu o aperto forte contra meu tórax. Beijo seu rostinho e seu cabelo, sem conseguir conter a felicidade dentro de mim. Eu o solto, e Arthur termina de caminhar até a mãe, que também o recebe com um abraço. Lavínia e Gabriel vêm engatinhando até nós, enciumados com a troca de carinho. Eu abraço os dois, inalando o cheirinho gostoso deles. Meu coração, que por muito tempo estava carregado e aflito, agora está calmo e leve.

O homem que fui um dia finalmente encontrou o caminho de volta.



Durante os próximos quatro dias, nós organizamos a mudança. Primeiro de tudo, adapto minha casa para receber três crianças pequenas: tampo tomadas, coloco portões nos acessos da escada e nas portas de acesso ao exterior, tiro objetos perigosos do alcance deles e faço uma pequena reforma no quarto que, antigamente, era do Filippo e que agora vai acolher os pequenos Massari. As paredes escuras que denunciavam a fase *heavy metal* do meu irmão ganharam um lindo e fofo papel de parede de ursinhos.

O meu quarto também precisa de alguma atenção. Lauren compra roupas de cama novas, cortina, abajures e mesinhas de cabeceira para nós dois. Eu retiro lembranças de uma vida passada e guardo tudo em uma caixa. Ela vem da cozinha e me pega com o costumeiro retrato meu com Natália na Argentina numa mão, a caixa debaixo dos meus braços e apoiada no quadril. Ela apoia uma mão no meu ombro e eu desvio o olhar na sua direção.

— Pode deixar aí se quiser. Eu não me importo. Ela fez parte da sua vida, você a perdeu de um modo muito brusco e ainda está curando suas

feridas. Sei que talvez ainda não esteja preparado para desapegar, talvez nunca seja capaz disso, e está tudo bem, Mattia.

Antes que eu tenha tempo de dar qualquer resposta, ela deixa um beijo no meu rosto, pega o cesto de roupa de cama que tiramos para lavar e me deixa sozinho outra vez. Eu fico um longo tempo segurando o retrato, pensando se o coloco na caixa junto com outros objetos da minha antiga vida ou se sigo o conselho de Lauren. Acho que ela está certa. Ainda não sou capaz de me desapegar. Não sei se vou ser capaz de me desapegar.

Olho para a porta, como se pudesse visualizá-la lá embaixo, e depois volto-me para o retrato outra vez. Eu gosto de Lauren e tenho medo de magoá-la caso não me desfaça das minhas lembranças que envolvem a Natália, mas também não consigo simplesmente me livrar delas, como se cinco anos da minha vida ao lado da Naty não tivessem existido. Eu ainda amo, uma parte de mim sempre vai amá-la, e não acho justo colocar todas as nossas lembranças dentro de uma caixa para empoeirar em cima do forro. Ainda não sou capaz de me desapegar assim e está tudo bem. Inspiro fundo e devolvo o retrato ao seu lugar de origem.

Depois da adaptação da casa, nós nos mudamos. É a parte mais difícil e a que mais gera bagunça. Lauren vendeu a maioria dos móveis que tinha, então tudo o que trouxe foi praticamente roupa. Caixas e caixas de roupas, toda sorte de itens de bebês — tudo em triplo — e uma pequena coleção de livros. Leva ao menos mais sete dias para deixar tudo em ordem e no lugar. Estou sobre o forro organizando a bagunça aqui em cima quando encontro uma caixa que aperta meu coração. Por longos segundos, eu fico congelado, apenas encarando o conteúdo ali dentro.

— Mattia? — Lauren chama. Engulo em seco e sinto meus batimentos cardíacos aumentarem. — Está tudo bem aí? Ficou quieto de repente.

Tomando alguma coragem, pego a caixa e a arrasto para fora.

— Me ajuda aqui — peço e estico a caixa para ela. Lauren a pega e eu termino de descer a escada.

Com a caixa apoiada no chão, Lauren avalia seu conteúdo. Óculos de esqui, bastão de trilha, mosquetão, cordas, capacete, cadeirinha, um par de *crampons* e *piolet* — uma espécie de picareta específica para escaladas na neve.

— São equipamentos de escalada — ela diz, tomando um mosquetão em mãos. — O que vai fazer com isso tudo?

Dou de ombros, embora eu não esteja tão indiferente assim à minha decisão.

— Entregar tudo para Filippo. Aparentemente, estão em bom estado e podem ser usados.

— Você não pensa em um dia...? — Sua frase fica no ar e não preciso que termine.

Movo a cabeça de um lado a outro.

— Acho que não. Não sei. Sinto falta, mas... não consigo. — Eu me agacho e pego o par de *crampons*. O equipamento com pontas afiadas é preso à bota do alpinista para auxiliá-lo na neve. — Alguns meses depois do acidente, eu tentei voltar aos poucos. Comecei com paredão de escalada. — Ela assente, entendendo a que me refiro. — Não consegui. No meio do caminho eu me lembrava, me lembrava... — Suspiro. — E entrava em pânico.

Lauren afaga meus ombros e se inclina para deixar um beijo suave no meu rosto.

— Doutor Fagundes começou a tratar isso, sabe? — continuo, devolvendo o equipamento à caixa. — Mas eu abandonei o tratamento pela metade quando fui morar um tempo em outra cidade, então...

— Entendo. Agora que voltou à terapia, acha que vai conseguir? Não digo voltar a escalar montanhas de cinco mil metros de altura, mas... — Seu olhar se desvia para a caixa por um momento. — Escalar paredões artificiais de quinze metros não é tão perigoso e você pode ter seu hobby de volta. Ao menos, uma parte dele.

— Espero que sim — murmuro e me levanto.

Lauren me abraça pela nuca e me beija nos lábios.

— Seja qual for sua decisão, eu apoio.

— Se minha mãe te ouve falar uma coisa dessas, ela te dá uma coça.

Lauren ri e apoia a cabeça no meu tórax.

— Eu imagino a preocupação que você e Filippo já não causaram naqueles dois.

— Eu parei, então é uma preocupação a menos. Mas Filippo... ele vai morrer fazendo isso, Lauren. Tenho certeza.

— Não duvido.

Assim que a mudança está completa, reunimos a família para um jantar. Papai traz vinho, Filippo traz uma travessa de lasanha, mamãe traz a sobremesa, e Paola o refrigerante. Ela sempre fica com o refrigerante. Não importa a ocasião. Não importa que quase ninguém tome refrigerante.

Eles estão felizes por mim, embora não tenham dito, mas vejo nos olhares deles, em como sorriem e acolhem Lauren e os meninos. Depois de comermos, mamãe me ajuda a tirar a mesa e a levar tudo para a pia enquanto meu pai, meus irmãos e Lauren ficam conversando e tomando conta dos três.

Dona Louise começa a limpar os pratos e a empilhar dentro da pia — ela sempre organiza a louça suja antes de lavar — e eu limpo fogão e bancadas.

— Achei que vocês iam organizar um chá de cozinha para a mudança.

— Ainda se faz isso hoje em dia? — brinco.

— Se importaria se eu trouxesse uma espécie de presente para vocês?

Termino de limpar a bancada e me viro para minha mãe.

— Presente?

— É. Vão morar juntos, então... considere como um presente de casamento.

Rio um instante.

— Não é um casamento, mãe.

Ela se vira para mim, secando a mão em um pano de prato.

— Vocês vão morar juntos, vão compartilhar a mesma cama, o mesmo banheiro, terão intimidade. É como um casamento.

Decido não discutir terminologia com minha mãe e assinto.

— Pode trazer o que quiser, mãe.

Uma risada alta e exagerada do meu pai atravessa a casa inteira. Nós dois olhamos em direção à sala e lá está ele fazendo todo mundo rir ao seu redor. As crianças, meus irmãos, Lauren. É o efeito que meu pai tem sobre qualquer pessoa. Filippo acabou por puxar esse lado do meu pai e é tão bem-humorado quanto.

— O papai adora a Lauren, né?

Minha mãe ri baixinho e volta para a pia.

— Seu pai adorou todas as namoradas que levou para a casa, Mattia.

— Isso é verdade — concordo, com uma risada.

Assim que terminamos de limpar a cozinha, minha mãe vem até mim e me segura pelas mãos. Seus olhos encontram os meus, amorosos e maternos.

— Estou feliz e triste porque não vou precisar mais vir aqui fazer café e conferir se está tudo bem com você.

— Mãe... sabe que não precisava disso antes.

— Precisava, sim.

Suspiro e, mais uma vez, decido que não vou entrar em uma discussão com dona Louise. Até porque, dessa vez, ela está certa.

— Estou feliz por você, Mattia. Encontrou uma boa garota, o que não é nenhuma surpresa porque você sabe escolher bem, tem três filhos lindos e cuida deles com todo amor. E o mais importante: está contente como nos velhos tempos. — Ela aperta minhas bochechas. — É bom te ver feliz, querido.

Beijo seu rosto e retribuo o abraço que me dá.

É bom ser aquele cara de novo.

— Pensando melhor — mamãe diz, afastando-se de mim e com um sorriso peralta. — Posso continuar vindo com alguma frequência para ajudar vocês no café da manhã. Eu ainda tenho um motivo para vir: meus netos!

Tomo-a em outro abraço.

— Será sempre bem-vinda, mãe. Sempre.

Capítulo 11



Mattia

— *É comida o suficiente*, Mattia? — Lauren pergunta, avaliando os aperitivos de estoque na cozinha. — A sua família é tão grande...

Eu rio e coloco a última coxinha na bandeja que vai lá para fora servir os convidados. Paola aparece como se adivinhasse que preciso dela, pega os salgadinhos e sai logo em seguida.

— É comida o suficiente, sim. Não se preocupa. O bolo é enorme, tem muitos docinhos e garanti que os aperitivos fossem o suficiente para dar conta da família Massari.

Ela olha lá para fora, cheio de gente no quintal, através da janela da cozinha. Meus pais, meus irmãos, meu tio Santiago e a tia Carol, os filhos deles, noras e netos, alguns amigos da família, os pais da Lauren, a melhor amiga dela, Bianca. As crianças maiores correm para lá e para cá, se divertem nos brinquedos alugados, e os aniversariantes do dia — Gabriel, Lavínia e Arthur — são o centro das atenções. Passam de colo em colo e gargalham para qualquer um. O jardim está enfeitado com balões e faixas de “feliz aniversário”, mesas espalhadas com os convidados, a mesa do bolo cheia de docinhos e todo tipo de adornos temáticos que combinam entre si. E as canções... Deus, as canções. É incrível que eu saiba cantar toda maldita música infantil que sai do sistema de som.

— Acho que estou me preocupando à toa.

— Está, sim.

Lauren se vira para mim e me abraça pela nuca, um sorriso gostoso nos lábios.

— Eles estão adorando a festa. Os trigêmeos. Nunca os vi tão felizes. — Ela engole em seco e molha o lábio inferior, de repente pensativa, os olhos fixos nos meus.

— O que foi?

— Nada. — Ela balança a cabeça. — Esquece.

Abraço sua cintura e a puxo para mais perto.

— Não me deixa curioso.

Lauren suspira e nega com um gesto novamente.

— É bobagem. — Seus lábios alcançam os meus.

Assinto, respeitando sua decisão, e a beijo outra vez. Eu termino de ajudá-la a organizar os aperitivos e vamos lá para fora em seguida. Filippo, segurando a Lavínia, deixa a mocinha com meu pai e vem até mim. Ele apoia a mão no meu braço e pergunta se pode falar um instante comigo. Vamos para um canto mais reservado.

— O que é? Segredo de Estado? — brinco.

Filippo suspira e parece escolher bem as palavras.

— Queria te pedir uma coisa. — Anuo, esperando-o terminar. — Me promete que não vai surtar. Eu só preciso de “sim” ou “não”. E se for “não”, tudo bem. Vou sofrer um pouco, mas... nada que eu não possa superar.

— Não, Filippo, eu não posso te dar um dos meus filhos. Sei que são adoráveis, mas...

Ele ri e balança a cabeça de um lado a outro. Coloco a mão na cintura e inclino a cabeça um pouco para o lado, esperando-o dizer o que realmente quer.

— Sabe quem foi Scott Fischer? — pergunta.

O questionamento me parece um pouco aleatório.

— Foi um alpinista. Morreu em uma expedição no Everest durante uma nevasca. Por que isso agora?

Filippo suspira bem devagar e olha para trás. Pela porta aberta, dá para ver nosso pai com Lavínia, a Paola com Gabriel e o meu sogro com Arthur. Os três estão entretidos e gargalhando, sem sentir a falta dos pais.

— Li em algum lugar uma vez que... os filhos, depois que ele morreu, telefonavam para casa e esperavam a ligação cair na secretária eletrônica só para ouvirem a voz do pai. — A informação cai com peso em mim e eu sinto uma dor forte no peito. — É pesado, não é? E entendo, Mattia, de verdade que as crianças e a Lauren são seu lar agora. Você finalmente tem para onde voltar, e vou entender se disser não.

— Filippo, do que está falando?

— Uma última escalada. — O pedido me acerta como se fosse uma pedra pesada. Estou abrindo a boca para listar os diversos motivos pelos quais eu não faria uma loucura dessas, mas ele me interrompe: — Uma escalada de despedida e te deixo em paz. Sei que já disse que não vai voltar, mas... irmão, não pode deixar que a última vez que tenha escalado com você tenha sido logo antes de um acidente fatal.

Afago o rosto, o pânico ameaçando tomar cada célula do meu corpo. Inspiro e expiro mais de uma vez e lanço um olhar lá para fora. Meus filhos, minha namorada. Eu tenho para onde voltar agora. O perigo das aventuras nas montanhas e rochas não vale a pena se vou preocupar Lauren e se corro o risco de deixar três crianças pequenas órfãs de pai.

— A gente escala o que você quiser — Filippo se adianta a falar. — O Monte Everest ou um paredão artificial de dez metros de altura. O que você quiser, Mattia. Só me dá uma chance de nos despedirmos da nossa vida radical de uma maneira justa. Não deixe que a memória da nossa última aventura seja... seja a da Serra da Mantiqueira. Por favor.

Baixo os olhos para meus pés, pensativo. Filippo me garantiu que eu poderia dizer não, mas eu...

— Me dá um ano. — Ergo os olhos para ele. — Um ano para entrar em forma física de novo e para preparar meu psicológico. A última coisa que você precisa é que eu tenha uma crise de pânico durante a escalada.

Filippo abre um sorriso enorme e me dá um abraço apertado.

— O que vai ser?

— Matterhorn. — Ele me olha, curioso. — Tenho assuntos inacabados com aquela montanha.



A família toda se reúne para os “Parabéns” no fim da tarde. Eu quero segurar dois nos meus braços atrás da mesa, enquanto Lauren segura o terceiro, mas quem disse que posso? Filippo e Paola discutem e tiram par ou ímpar para saber quem segura o Arthur, mas mesmo assim não entram em um

acordo. No final das contas, minha mãe é quem pega o pequeno, dando fim à discussão. Palmas, assovios e cantoria animada sobem ao ar. As crianças ficam agitadas nos nossos colos, batendo palminhas e rindo da algazarra em torno de nós. Ajudamos os três no momento de apagar as velas e posamos para fotos, que meu pai ficou encarregado de tirar.

— Já decidiram para quem vai o primeiro pedaço? — Paola pergunta. Ela está mais ao fundo, gravando o momento com o celular, entre Liam e Filippo.

Eu pego Lavínia do colo da Lauren para que ela possa cortar os pedaços que serão distribuídos.

— Em comum acordo — digo em voz alta —, decidimos que o primeiro pedaço de bolo vai para... — Lá nos fundos, Filippo finge rufar os tambores. — Seu Arthur Massari!

Todo mundo grita nesse instante, e meu pai ergue os olhos para nós, claramente surpreso. Mamãe pega o pedaço de bolo que Lauren acabou de cortar e leva para ele. Papai a recebe com um beijo amoroso e um sorriso.

— Ah, que emoção — ele diz, com uma pitada de humor e drama. — Nunca recebi o primeiro pedaço de bolo.

— Você sempre recebeu o primeiro pedaço de bolo, Arthur! — minha tia Carolina grita. — No seu aniversário, quando era criança, você se dava o primeiro pedaço de bolo, seu velho convencido!

Todo mundo ri, o que contagia os trigêmeos. No meu colo, Lavínia e Gabriel gargalham gostoso. Beijo cada um deles, contaminado pela alegria tão pura dos meus filhos.

— Ora, amor-próprio é tudo! — rebate, dando uma garfada no bolo.

— Eu me lembro muito bem que em todos os aniversários das crianças, elas te davam o primeiro pedaço — mamãe argumenta, demonstrando uma pitada de ciúme.

Ele ri jogando a cabeça para trás e deixa outro beijo na esposa.

— Não me culpe por ser um pai adorável.

Enquanto Lauren e mamãe distribuem os próximos pedaços, Paola me ajuda a levar os pequenos até a cozinha, onde tem um bolo especialmente para eles, feito sem farinha branca, sem ovos e adoçado naturalmente com

frutas — uma preocupação que tivemos quando decidimos pela festa. Açúcar só depois dos dois anos de idade.

— Fica bem com eles? — minha irmã pergunta, terminando de amarrar Gabriel no cadeirão. — Preciso ir ao banheiro.

— Claro, vai lá.

Ela se retira em seguida, e eu fico com a missão de supervisionar os pequenos. Eles comem o bolo fazendo a maior bagunça — tem farelo por toda superfície do cadeirão — e eu me sinto bobo em vê-los se deliciando com a comida. Parece que estão degustando a coisa mais gostosa do mundo. Gabriel oferece um pedaço esmigalhado para mim e pisca lentamente.

— Papai. Papai — balbucia, a mãozinha ainda esticada na minha direção.

Prendo a respiração, meu coração dando uma cambalhota dentro do peito. Eu me aproximo dele e afago seu rostinho corado, não contendo um sorriso de felicidade. Arthur foi o primeiro a me chamar de pai, e a emoção que me assaltou naquele momento assistindo-o balbuciar a palavra e andar na minha direção foi indescritível. Agora, ouvindo Gabriel me reconhecer como figura paterna, o sentimento parece potencializado. É diferente, mas igualmente grande e inexplicável, o suficiente para me dar um nó na garganta e marejar meus olhos.

— Papai — Gabriel balbucia de novo, insistindo em me oferecer o bolo.

Eu aceito o pedaço — ou o que resta dele — e deixo um beijo na sua bochecha antes de mastigar a massa.

— O papai está tão feliz, Gabe... — murmuro, acariciando seu cabelinho. Ele abre um sorriso enorme e bate as mãozinhas na mesa.

— Mais. Mais — pede, indicando o bolo atrás de mim. — Mais, papai. Mais.

Estou prestes a atender seu pedido, mas meu pai aparece.

— Eu pego.

O velho Arthur caminha até a mesa, corta um pedaço de bolo e o entrega ao neto. Não sem antes fazer uma gracinha típica dele, que arranca uma gargalhada do pequeno.

— Eu me lembro do seu primeiro aniversário — meu pai menciona, virando-se para mim. — Me lembro de todas as suas primeiras vezes, Mattia.

Sorrio um pouco, sabendo que é verdade. Meu pai foi o melhor que ele pôde para mim e para meus irmãos. Ele nos fazia rir com suas palhaçadas, nos dava bronca quando precisávamos, e vez ou outra, encobria as traquinagens que Filippo e eu aprontávamos para que não levássemos bronca da mamãe. Papai sempre trabalhou muito, mas ele se esforçava ao máximo para estar presente nos momentos mais importantes das nossas vidas e também nos triviais.

Ele esteve lá em muitas “primeiras vezes”. Não me lembro de muitas delas, mas as que sou capaz de recordar, guardo com muito carinho. A primeira queda de bicicleta, a primeira nota ruim, o primeiro dia na escola nova, a primeira namorada, o primeiro beijo, a primeira transa, a primeira decepção amorosa, o primeiro emprego, a formatura, a primeira escalada, o primeiro plantão. Deus, eu me lembro de chegar em casa depois de vinte e quatro horas trabalhando e ele estava lá, esperando-me em frente à porta de casa para me dar um beijo, um abraço e dizer que tinha muito orgulho de mim. Ele esteve aqui para mim no primeiro luto. Eu quero ser para meus filhos pelo menos um terço do que meu pai foi para mim, Paola e Filippo.

— Confesso que — ele continua, trazendo-me de volta ao mundo real — ter me chamado de pai pela primeira vez é a que mais me marcou. — Ele faz uma pausa pequena e reflexiva. — Não sei por que é tão especial assim, mas provavelmente é porque me senti vitorioso. Você não disse “mamãe” primeiro, apesar de passar muito mais tempo com ela do que comigo. Eu provocava a Louise sem parar com isso.

Eu rio junto com ele. Meu pai é esse tipo de pessoa, a que faz piada em qualquer situação.

— A emoção de te ouvir balbuciar cinco letrinhas foi tudo para mim, filho, mas tem outro momento que supera esse. Ah, com toda certeza tem.

Inclino a cabeça um pouco para o lado, preso na conversa, curioso em saber mais.

— Qual é?

Ele se aproxima mais e apoia uma mão no meu ombro.

— Ter você de volta. — Minha respiração falha por um breve instante, entendendo o que meu pai quis dizer. — Sei que estive muito mal pela Natália, e te ver mal por ela me deixava mal também.

— Pai...

— Você me preocupou. — Ele não me deixa continuar e desvia os olhos para os pequenos, incrivelmente quietos e distraídos com o bolo. Papai faz um afago no neto que carrega seu nome, abrindo um sorriso leve e amoroso. — Pela primeira vez na vida, eu me senti impotente, sem saber exatamente como te ajudar. Como seu pai, eu deveria saber, não deveria? Mas eu não sabia e isso me fez questionar se eu era mesmo um bom pai *pra* você.

— É um bom pai até hoje, seu Arthur — sussurro de volta. — É o melhor pai do mundo. Eu é quem estava perdido demais, sem conseguir encontrar o caminho de volta.

Ele assente.

— O que quero dizer é que você está bem. — Ele segura meu rosto e me acaricia devagar. — Vejo nos seus olhos que está feliz, embora ainda tenha feridas que precisam de tempo para cicatrizar. Tem um lar agora, uma família... — Papai ri. — Teve, de uma vez só, o que eu levei alguns anos *pra* ter com sua mãe. — Rio com ele. — Mattia, nada no mundo me deixa mais feliz e emocionado do que te ver bem outra vez. — Seu polegar acaricia meu rosto. — Do que te ver sorrindo.

Meu pai deixa um beijo amoroso no meu rosto, um sorriso de orgulho cortando seu rosto.

— Eu te amo, meu velho. Obrigado por tudo.

Ele abana a mão em um gesto de desdém.

— Nada que me deixar sequestrar meus netos no próximo final de semana não resolve.

Ele ri do seu jeito que conquista qualquer um ao seu redor, fazendo as crianças rirem. Lavínia e Arthur exigem mais um pedaço de bolo, que o avô amorosamente corta e entrega. Papai fica aqui comigo rodeando as crianças e as divertindo.

— Vá comer um pedaço de bolo, Mattia — manda, limpando a boquinha suja de Gabriel. — Eu fico aqui com eles. Vai. Vai. — Movimenta as mãos em direção à saída. — Vá antes que acabe.

Antes de ir lá fora buscar um pedaço para mim, desvio o percurso até o banheiro. Tento abrir a porta, mas está trancada.

— *Está ocupado!* — A voz da Paola atravessa a porta. Parece um pouco assustada e ofegante.

Franzo o cenho, estranhando. Já faz algum tempo que ela disse que viria usar o banheiro.

— Está tudo bem, Paola?

Um instante de silêncio esquisito paira no ar. Tenho a impressão de ouvir algo estranho lá dentro. Talvez sussurros, braguilha de calça sendo fechada — mas ela está de vestido o que não faz sentido algum.

— *E-está sim. Eu já estou saindo.*

— Não demora. Preciso usar também.

— *Tem outro banheiro, Mattia! O do seu quarto. Use o de lá.*

Cruzo os braços e me encosto à parede.

— Quero usar o lavabo social — digo, virando o rosto um pouco para a porta. Abro um sorriso divertido, lembrando-me que eu adorava provocar e contrariar minha irmã quando éramos pequenos. — Estou esperando — assovio, esticando a última letra.

Algo como “mas que droga” sai de lá de dentro e eu rio baixinho. Leva mais um minuto até a porta se abrir. Paola sai primeiro, cara de quem viu a loira do banheiro em pessoa. Cabelos um pouco bagunçados, vestido um pouco fora do lugar, o batom vermelho — antes forte e vivo — agora é só um tom fraco nos seus lábios. Um instante depois, logo atrás dela, Liam surge. Diferente da minha irmã, ele não parece nada envergonhado ou deslocado. Os cabelos castanho-claros também estão bagunçados, e tem resquícios do batom vermelho da Paola na sua boca.

Oh.

— Jesus Cristo.

Paola gesticula com as duas mãos, pedindo:

— Mattia, eu...

Balanço a cabeça de um lado a outro e fecho os olhos, preferindo não imaginar a cena.

— Não poderiam ter se segurado um pouco? Eu nunca mais vou conseguir entrar nesse banheiro.

Paola aperta os lábios, como se segurasse uma risada. Ela está em uma situação constrangedora e vergonhosa e está se segurando para não rir da minha cara de desespero. Pelo amor de Deus.

— Foi inadequado. — Liam toma a palavra, pronunciando devagar. Quando está para terminar de se justificar, eu abano a mão no ar e o interrompo:

— Não. Sem explicações. Só não façam mais isso no meu lavabo social. E parem de se pegar pelas costas do Filippo.

Eu os deixo para trás e vou usar o banheiro do meu quarto, ainda tentando afastar as imagens da minha cabeça. Lá fora, os dois estão mais discretos, distantes um do outro, e Lauren vem me entregar um pratinho de bolo.

— Foi um dia incrível — minha namorada diz, apoiando a cabeça no meu ombro.

Dou uma garfada no bolo e concordo, olhando ao redor. Filippo está com os três agora, estirado no meu gramado e brincando com eles. Os sobrinhos estão encantados com o tio, divertindo-se e gargalhando. Minha mãe divide outro pedaço de bolo com papai, os olhos dele, com um brilho de orgulho e felicidade, na direção dos netos.

— Foi sim. Todo mundo se divertiu muito, não é?

— As crianças principalmente — concorda.

Os convidados começam a ir embora e vêm se despedir de nós. Meus pais e meus irmãos ficam para ajudar com a bagunça. Mamãe e Filippo cuidam de dar banho nos pequenos e colocá-los para descansar; Lauren e papai se encarregam de recolher o lixo da cozinha e guardar a comida que sobrou; e Paola e eu ficamos com a missão de limpar o quintal.

— Há quanto tempo isso está acontecendo? — pergunto, jogando copos descartáveis em um saco de lixo.

Não muito longe de mim, fazendo o mesmo, Paola suspira e responde:

— Pouco tempo. Desde a noite em que decidi que ia pedir o divórcio. — Ela dá de ombros. — Eu sou uma mulher adulta, então, nada de sermões.

Ergo as mãos em sinal de rendição e depois joga uma pilha de pratinhos de plástico no saco.

— Tudo bem, mas... tinha que ser justamente com o advogado do seu ex-marido e melhor amigo do Filippo, Paola? Você perdeu o juízo.

— É por isso que se chama “sexo de vingança”, Mattia. Precisava ser com alguém perto daquele cretino. Aproveitei que o Liam sempre teve uma queda por mim e... bom, aconteceu.

— E quantas vezes pretende se vingar do Bruno dormindo com o Liam? — Fico mais perto dela agora, passando para outra mesa. — Por que pelo que entendi, estão se vendo com frequência.

Paola solta um suspiro pequeno, quase de agonia, e fecha os olhos.

— Era para ter sido só uma *veizinha* — diz, tornando a recolher o lixo da mesa do bolo. — Eu deixei bem claro isso, ele aceitou os termos, e eu nem esperava que fosse bom, só que... Mattia, ele é bom demais. Eu não consigo ficar perto daquele homem sem pensar em arrancar a roupa dele.

Engasgo com minha própria saliva, e a danada ri da minha cara. Deixo meu saco de lixo em um canto qualquer e vou até Paola.

— Não estou preocupado com quem dorme ou com quem deixa de dormir, Paola. É sua vida e não vou interferir. Mas me preocupa que tenha se precipitado assim. Seu divórcio ainda nem saiu e você já está mergulhando...

Ela nega com um gesto vigoroso de cabeça.

— Não é sério, Mattia. É só diversão. Olha, eu passei cinco anos tendo sexo mediano que eu achava que era bom, e o Liam me mostrou o que é sexo bom e incrível de verdade, me ofereceu algo maravilhoso, quase transcendental. Só estou me divertindo e aproveitando. Não vai rolar sentimentos.

Dou uma risadinha e suspiro em seguida.

— Da sua parte pode ser que não, mas... você mesma disse que o Liam sempre teve uma queda por você. Essa relação pode magoá-lo, Paola. Além do mais, o Filippo não sabe disso. É o melhor amigo dele, e não disseram nada para nosso irmão. Ele vai ficar furioso e magoado quando souber.

Paola assente devagar.

— Eu sei. Filippo se preocupa demais — diz, com um tom de desdém. — Vou contar para ele e pensar no que me disse sobre o Liam. A última coisa de que preciso é magoá-lo. Mas ainda não estou disposta a entrar em um relacionamento nem abrir mão do sexo incrível que ele me oferece. Vou ter que achar um meio-termo.

— Dá *pra* parar de falar em fazer sexo com o Liam na minha frente, Paola? Ainda te vejo como minha irmãzinha.

Ela ri e se joga nos meus braços.

— Guarda esse segredo para mim, não é?

Suspiro e assinto.

— Se resolva logo ou vai acabar virando uma bola de neve, Paola. Vai ser terrível quando o Bruno souber que está dormindo com o amigo e advogado dele, vai ser terrível quando Filippo souber que nós mentimos para ele. Está só se metendo em encrencas, garota, e está me levando junto.

Paola deixa um beijo suave no meu rosto e volta à sua tarefa.

— Vou resolver isso tudo, não se preocupa.

Abano a cabeça de um lado a outro.

Ela não vai resolver nada disso.

Capítulo 12



Lauren

Eu sinto a cama afundar ao meu lado e, em um segundo, o calor do corpo úmido dele agarrando o meu. Um beijo suave estrala atrás da minha orelha e sorrio para mim mesma, sonolenta.

— Voltou logo da corrida — murmuro, ajeitando-me melhor entre seus braços. — Como você aguenta? Mal são oito da manhã, Mattia.

Queria ter a energia e o ânimo que esse homem tem de levantar cedo e sair para se exercitar, mas não tenho. Não sei como ele *ainda tem* energia e ânimo com aqueles três mais o trabalho no hospital. Eu durmo exausta e acordo cansada todo santo dia. Ele tem me convencido a fazer uma coisa ou outra, mas normalmente, eu estou cansada demais para qualquer exercício físico. Não ele. Mesmo após um plantão, mesmo após lidar com os pequenos terroristas, ele ainda tem uma reserva de energia. Li em algum lugar uma vez que corredores se cansam menos. Isso deve explicar.

— Sempre fui um cara matutino. Devo ter puxado isso da mamãe porque meu pai sempre detestou acordar antes das dez. Ele é o único velho que eu conheço que não levanta cedo para varrer a calçada, não julga quem acorda tarde e não dorme a tarde toda. — Eu rio um pouquinho. — Já fiz meu percurso — continua, sua mão atrevida subindo por meu abdômen —, deixei o café pronto e tomei banho. Por que não levanta e vem comer uma panqueca de banana e chocolate que eu fiz? Estão uma delícia.

— Você e suas panquecas de banana e chocolate — sussurro, virando-me na sua direção. Abro os olhos devagar e me deparo com seus olhos claros, o rosto apoiado na mão, o cotovelo contra o colchão. — E os pequenos?

— Por incrível que pareça, ainda estão dormindo. Pelo jeito, o sábado com os avós rendeu muito. — Rio um pouco. Seu Arthur e dona Louise ficaram o dia todo com os netos ontem e se bem conheço a anarquia que aprontam quando estão juntos, isso explica que estejam dormindo até agora. — Aproveita para tomar um café mais tranquila. Sabe que quando eles acordarem, o sossego acaba.

Assinto e corro até o banheiro para tirar o pijama. Na cozinha, Mattia coloca um prato com as panquecas e uma xícara de café na minha frente e se senta ao meu lado. Nós conversamos amenidades enquanto comemos e fazemos planos para o domingo. Decidimos fazer um piquenique mais tarde no parque da cidade, aproveitar que o dia vai ser ensolarado.

Estamos terminando de comer quando o chorinho dos três ecoa pela babá eletrônica. Ele me acompanha até o quarto para me ajudar com os pequenos. Os três já estão em pé no berço, Arthur esfrega os olhinhos de sono, Lavínia está resmungando e Gabriel é o mais escandaloso de todos e, assim que vê o pai, fica animado. Ele dá pulinhos no colchão e resmunga em uma mistura de risos e lágrimas. Mattia vai direto para ele e o pega no colo. Em seguida, tira Arthur do berço. Depois de trocarmos as fraldas, voltamos para a cozinha. Como Lavínia e Gabriel só andam se estiverem apoiados em alguma coisa e para incentivá-los, pacientemente, Mattia os auxilia no caminhar lento e cambaleante, segurando cada um em uma mão. Eu sigo na frente com Arthur, que está mais ligeiro e confiante. Uma vez acomodados nos cadeirões, eles comem frutas com aveia sendo supervisionados pelo pai.

— Ainda vamos sair à noite? — pergunto, lavando a louça que usamos.

— Vamos — responde concentrado nos pequenos. — O Filippo vai ficar com eles.

Viro-me na sua direção ensaboando um copo.

— Só que eu já pedi para a Bianca vir.

— Eu sei e tentei argumentar isso com o Filippo. Mas na terça, ele tem uma expedição e quer ver os sobrinhos antes porque vai ficar uns dias fora. Olha, vai ser bom para ele dividir a responsabilidade com sua amiga e ela não fica tão sobrecarregada.

Assinto e termino de lavar a louça.

— Tudo bem. Vou confirmar com ela antes e avisar que seu irmão vem para cá.

Depois que os pequenos já comeram, eu fico encarregada de arrumar a bagunça. Mattia vai colocar uma roupa limpa nas crianças e preparar as malas para nosso passeio. Perto do meio-dia, está tudo pronto para nosso piquenique e podemos partir. Vamos até uma reserva ambiental da cidade

que é aberta à visitação e encontramos um lugarzinho para as crianças brincarem e para nosso momento. Ele cuida dos filhos enquanto eu ajeito tudo sobre uma toalha de mesa. Ao longe, observo os quatro brincarem no escorrega. Pacientemente, o pai pega um por um, coloca no alto do brinquedo — que não é muito alto — e os solta. Eles gargalham gostoso cada vez que caem de bunda na caixa de areia.

— V lte aqui, seu fujão! — Mattia exclama, pegando Arthur pelas costas que conseguiu sair da área delimitada nas suas perninhas cambaleantes.

Arthur ri delirantemente assim que   iado no ar. O pai ri junto com ele e planta um beijo no rostinho do menino. Meu coração se enche de alegria nesse momento, mais do que já encheu um dia. Pouco mais de dois meses atrás, quando nos reencontramos, eu disse a Mattia que as crianças precisavam de um pai de verdade e se ele não estivesse disposto a assumir as responsabilidades, preferia que não nos enchesse de esperança. Confesso que ele está superando todas as minhas expectativas. Não esperava nem mesmo que entr ssemos em uma relação amorosa e ele fosse um namorado tão incrível quanto   um pai incrível.

— Tudo pronto? Estamos esfomeados — ele pergunta, aproximando-se com os pequenos. Sorrio para a imagem   minha frente. Lavínia e Gabriel caminham ao lado do pai, segurando na mão dele, a passos vagarosos e hesitantes, e Arthur segura na mãozinha de Lavínia, já que ele está mais firme em suas pernas. Tem algumas poucas semanas que começou a andar sem se apoiar a nada e fez um belo progresso.

— Tudo pronto. Venham.

As crianças ficam comportadas enquanto comem, o que é um milagre. Normalmente, elas não param um segundo.

— Preciso te contar uma coisa — Mattia diz, o olhar sobre Lavínia com uma mamadeira de água na mão. Ele dá uma mordida em um sanduíche de pasta de amendoim e então det m sua atenção sobre mim. — Vou fazer uma última escalada com Filippo.

Entreabro os lábios, surpresa com a informação. Mattia disse que não tinha intenção de voltar para essa vida, e se ele tiver pronto para isso,

não vou me opor, mas confesso que não gosto do sentimento de preocupação que invade meu corpo ao imaginar que ele queira voltar a se arriscar.

Bom, mas ele disse *última escalada*. O que significa...

— Ele insistiu — continua. — Quer se despedir da nossa vida de aventuras. A última vez que escalamos juntos foi na ocasião que a Naty morreu.

Assinto.

— Entendo. Está preparado para isso?

Ele nega.

— Vou me preparar. Pedi um ano. — Mattia segura minhas mãos e me olha atentamente. — Eu sinto que preciso fazer isso também, sabe? Pelo Filippo e por mim. Prometo que vou tomar todo o cuidado do mundo.

Engulo em seco e tento ignorar a aflição que aperta meu coração.

— Sei que vai. Já decidiu qual montanha vão escalar?

Mattia fica em silêncio por um segundo ou dois, os olhos nos filhos.

— Matterhorn — sussurra.

— Deve isso a ela — sussurro de volta.

— Devo. — Assente com um gesto de cabeça. — Espero que me entenda.

Puxo seu queixo, trazendo seus olhos para mim.

— Pode me trazer um Toblerone diretamente de lá?

Ele ri um pouquinho e me beija suavemente.

— Vou trazer uma mala cheia deles — murmura, contra meus lábios.

— A alfândega vai te barrar dessa maneira — aponto, com uma risada.

Nós nos divertimos o restante da tarde. As crianças brincam no escorregador, no balanço e na gangorra; brincam em uma caixa de areia, e Mattia e eu constantemente precisamos impedir que mãozinhas sujas vão à boca. Depois, passeamos nos arredores. Visitamos quedas de cachoeiras,

vemos os peixes nadar nos lagos e até flagramos alguns esquilos atravessando a trilha e correndo pelos troncos das árvores.

Antes de irmos para casa, fazemos outra refeição com o que sobrou do piquenique mais cedo. Estou terminando de juntar tudo para colocarmos no porta-malas do carro e irmos embora quando ouço a voz de Mattia toda eufórica.

— Lauren, olha isso! — Eu me viro na sua direção, tentando entender sua euforia, e vejo Lavínia e Gabe de mãos dadas andando, meio hesitantes, na direção do pai, que está agachado a uma distância segura o suficiente deles.

— Estão andando sem apoio! — digo e, nesse instante, os dois caem nos braços de Mattia, às gargalhadas.

Ele se afasta mais um pouco e os chama. Pego meu telefone do bolso e gravo o momento em que, mais uma vez, Lavínia e Gabriel dão três passinhos bobos para frente, caindo novamente entre os braços do pai. Continuo gravando no momento em que Arthur, que até então estava sentado, distraído com um dos brinquedos que trouxemos, se levanta e vai em direção a Mattia, juntando-se aos irmãos no abraço. O pai enche os três de beijos e mordidinhas leves que arrancam risadas gostosas das crianças.

Paro a gravação e me ajoelho um pouco atrás de Mattia, chamando pelos pequenos. Lavínia é a primeira a vir, parando vez ou outra para se equilibrar. Arthur chega em seguida e Gabriel vem por último. Eu os tomo em um abraço apertado e beijo suas bochechinhas. Estão fedidinhos por causa do dia incrível que tivemos, mas nada tira a magia desse momento tão especial.



— Então, o leão rugiu alto — Mattia diz, voz elevada, imitando o som do animal.

Ele está no sofá da sala, os três acomodados em seu colo, e ele com um livrinho infantil, distraindo os três para que eu possa aquecer as mamadeiras. Depois que chegamos do parque, as crianças tomaram um

banho e dormiram um pouco, exaustos do dia que tivemos. Aproveitamos o momento para namorar indecentemente debaixo do chuveiro e também descansar um pouquinho. Os trigêmeos acordaram não tem muito tempo, esfomeados, e o pai ficou com a missão de distrai-los enquanto preparo a fórmula.

— E espantou os ratinhos que correram por todo lado com suas patinhas, assim — continua a história e nessa parte, ele faz cócegas nas barrigas dos filhos. As crianças riem de chorar, e eu não me contenho, rindo junto.

— Quem está com fome? — pergunto, chegando com as mamadeiras.

Já acostumados a esse momento, os três se ajeitam sobre as pernas do pai — dois na perna esquerda, um na perna direita — e agarram as mamadeiras como se suas vidas dependessem disso. Eles mamam calmamente, Mattia acariciando cada um deles.

— Ainda vamos sair ou está cansado demais? — Ligo a televisão e coloco o desenho infantil que eles assistem o dia inteiro e que eu já decorei as músicas. — Tudo bem se quiser ficar e ter uma noite boa de sono. Amanhã você entra cedo no plantão, não é?

Ele assente, sem desviar os olhos dos filhos. Mattia parece venerar os pequenos cada vez que está com eles. Perto da televisão, eu pego o álbum de fotos do aniversário das crianças. Seu Arthur, muito bom com a câmera, se encarregou de fotografar cada momento. Ele nos entregou as fotos três dias atrás e não me canso de olhar uma por uma. Todos os dias.

— Entro, mas eu mereço um momento com a minha namorada. — Seus olhos claros encontram os meus. — Hoje, vamos ao lugar onde tudo começou, Lauren.

Eu me sento ao seu lado, um sorriso pequeno nos meus lábios.

— Vai ser tão incrível como foi naquela noite?

— Se prometer que não vai me deixar logo de manhã... — argumenta, bem-humorado.

Eu rio e apoio a cabeça no seu ombro, passando as fotos devagar. Gabriel termina de mamar e sobe no meu colo para ver as fotos comigo. Ele bate seu indicador gordinho sobre a imagem de seu Arthur e diz:

— Vovô.

Lavínia e Arthur ficam curiosos e se sentam no colo do pai. Mattia toma o álbum das minhas mãos para facilitar que as crianças vejam. Gabriel segue sua saga de reconhecer as pessoas na foto. Ele aponta para dona Louise e balbucia “vovó”. Indica Filippo e diz “lipo”. Mattia vira a próxima página do álbum, que revela uma foto em que estamos nós cinco atrás da mesa, um momento antes dos “Parabéns”. Gabriel perdeu o interesse nas pessoas e está indicando todo o resto ao redor, balbuciando palavras que não têm muito sentido. Lavínia é quem aponta para as pessoas agora.

— Neném — diz, indicando Gabriel.

— Gabriel — Mattia fala. — E esse? — pergunta, apontando para Arthur.

— Neném — Lavínia responde.

— Arthur. E quem é essa? — Mattia aponta para minha imagem.

— Mamãe.

— Mamãe. Muito bem. E esse, Lavínia, quem é? — Ao perguntar, ele apoia o indicador sobre si mesmo.

Mattia olha para a filha com alguma expectativa. Arthur e Gabriel já o reconhecem como pai e expressam isso constantemente. Desde que aprenderam a chamá-lo de “papai”, o chamam o tempo inteiro. Confesso que até fico com um pouco de ciúmes. Outro dia estávamos brincando e quando eu pedia para dizerem “mamãe”, os dois pimentinhas me contrariavam e diziam “papai” rindo da minha cara!

A garotinha fica um tempinho quieta, talvez um ou dois segundos, mas parece uma eternidade. Então, ela solta uma gargalhada alta e gostosa e bate as duas mãozinhas na fotografia, dizendo:

— Papai!

Isso é o mundo para Mattia, que a aperta em um abraço forte e a enche de beijos.

— Isso mesmo. Papai!

— Papai! — a menina repete, batendo o indicador com força sobre a fotografia. — Mamãe, papai!

Depois disso, Mattia está ainda mais radiante. Ele passa os próximos minutos com os três folheando o álbum de fotos até Bianca e Filippo chegarem. É vendo-o com os filhos no centro do tapete da sala, os quatro debruçados sobre as fotos, que eu chego à conclusão que amo esse homem.



Eu o sinto se aproximar por trás, devagar e sedutor. Fecho os olhos, na expectativa pela nossa noite. Como prometido, Mattia me trouxe no motel onde estivemos juntos pela primeira vez mais de um ano e meio atrás. Ele apoia a mão nos meus ombros e deixa um beijo quente na curva do meu pescoço, o que causa um arrepio delicioso no meu corpo inteiro. Mattia baixa uma das alças do meu vestido e morde delicadamente minha pele, suas mãos massageando meus seios.

Ele dá atenção ao meu outro ombro, e leva só mais cinco segundos para meu vestido estar nas minhas canelas, formando uma poça de seda. Mattia vai descendo os lábios pelas minhas costas até a altura da minha coluna. Quando chega ali, ele empurra minhas costas e me faz inclinar. Espalmo contra a parede e separo mais apernas. Seus dedos afundam na minha bunda e, um instante depois, sua boca está em mim, fazendo um trabalho incrível. Ele é dedicado quando me suga com vontade, apertando minha carne, enfiando o rosto entre minhas nádegas, sua língua indo e vindo dentro de mim.

Antes que eu espere, Mattia me gira na sua direção e afunda o rosto entre minhas pernas mais uma vez, a barba roçando minha pele, a ponta de sua língua maravilhosa ora no meu canal, ora no meu feixe de nervos. Jogo a cabeça contra a parede, mordendo o lábio inferior, e gemo contra seu toque.

Ele sobe passando pelo meu abdômen, chega ao vale dos seios e fica algum tempo aqui, dando atenção e prazer aos meus mamilos até terminar o percurso e acabar na minha boca. Eu recepciono seu beijo rude e desesperado, seu corpo prensado no meu. Minhas pernas contornam a cintura dele quando sou içada no seu colo. Ele me pressa contra a parede com mais força por um minuto inteiro, devorando-me com um beijo exigente e cheio de luxúria até eu ser conduzida ao colchão. Tenho sua boca incrível entre

minhas pernas mais uma vez. Ele é dedicado e devasso e eu amo quando agarra minhas coxas e afunda mais o rosto em mim. Mattia não me deixa enquanto não chego ao primeiro orgasmo.

Todo meu organismo ainda está em êxtase quando ele desliza para dentro de mim sem qualquer esforço e captura meus lábios em um beijo profundo. Eu me entrego com facilidade e, com a mesma facilidade, meu corpo incendeia outra vez. Basta alguns segundos e o estou desejando de novo com força, intensidade e paixão. Porque é esse o efeito que Mattia sempre tem sobre meu corpo.

— Vem comigo — ele sussurra, contra meus lábios, erguendo meus braços acima da minha cabeça. — Goza de novo. Dessa vez comigo. — Sabendo que gosto dessa posição, ele ergue minhas pernas até seus ombros e depois se inclina um pouco na minha direção, indo muito profundamente dentro de mim.

Antes que eu possa me dar conta, estou gozando de novo, ouvindo o gemido baixo e rouco dele ao alcançar o mesmo pico de prazer. Ficamos conectados um ao outro por mais alguns segundos, recuperando o fôlego, até que ele rola de cima de mim e descarta a camisinha. Arrasto-me para o seu lado e apoio a cabeça no seu peito suado.

— Mattia — chamo-o, com algum cuidado. Ele ronrona um “hum?” e acaricia meus cabelos. — Eu amo você.

Um silêncio ronda nós dois e isso me faz encará-lo. Mattia está de olhos fechados e um sorriso gostoso nos lábios. De repente, seus braços me apertam e, nesse gesto, sinto que tem todo o amor do mundo. Por fim, ele se vira para mim, os olhos claros com um brilho diferente.

— Também amo você. Acho que te amo desde aquela noite. Parece tão... improvável e impossível, mas é o que eu sinto, Lauren.

Acaricio seu rosto barbado e alcanço seus lábios para um beijo delicado. Descansamos cinco minutos e começamos tudo de novo.



É por volta de uma da manhã quando chegamos em casa. Agarrada no seu braço para me aquecer do frio da madrugada, rio de alguma piadinha indecente que Mattia fez. Tudo está silencioso assim que entramos na sala. Luzes apagadas, silêncio total. Era de se esperar que ao menos Bianca estivesse por aqui, mas nem ela nem meu cunhado estão.

— Filippo? — Mattia chama, acendendo a luz do cômodo.

— Bianca? — Eu também tento, mas não obtemos resposta de nenhum dos dois.

Mattia se esgueira mais para dentro da casa e levo um segundo para notar que ele segue um pequeno feixe de luz que vem de um dos corredores mais ao fundo. Eu o sigo e, conforme me aproximo, começo a entender o que está acontecendo. Meu namorado para frente à porta do lavabo social, de onde saem ruídos comprometedores, e soca a porta com o punho fechado.

— Filippo!

— *Porra!* — o irmão exclama, completamente desesperado.

— Ah, mas não é possível! — Mattia resmunga e logo atrás dele eu levo a mão à boca, contendo uma risadinha.

Trinta segundos depois, Filippo sai do banheiro. Rosto marcado por batom, cabelos desgrenhados, olhar assustado. Bianca vem logo atrás, a aparência nem um pouco melhor. O irmão está abrindo a boca para se explicar, mas o mais velho não deixa:

— Vou ter que interditar esse banheiro quando estiverem por aqui? Não bastasse a Paola, agora você também?

Filippo pisca diversas vezes e move a cabeça de um lado a outro.

— Espera. A Paola...?

Mattia se dá conta de que falou demais — ele comentou comigo o flagra que deu na irmã junto do melhor amigo de Filippo — e tenta se livrar dessa:

— Não muda de assunto. — Aponta para minha amiga e para o irmão. — Vocês dois... Isso lá é lugar para suas sacanagens?!

Eu me aproximo e tento amenizar a situação.

— As crianças deram trabalho?

— Foram um amor — Filippo responde. — Juro que os colocamos para dormir cedo.

— E você se aproveitou, não é, seu ordinário? — Filippo solta uma risada esganiçada, o que irrita ainda mais o Mattia. — Olha, dá o fora daqui antes que eu aperte o seu pescoço!

Ele e Bianca se apressam a sair de perto dele, e eu os acompanho até a saída. Quero chamar alguém para levar minha amiga embora, mas Filippo garante que vai deixá-la em casa em segurança. Assim que eles se vão, eu volto para Mattia, que está no quarto das crianças, velando o sono deles à meia-luz do abajur da entrada. Eu chego por trás e o abraço, encostando o rosto contra suas costas.

— Como pode, não é mesmo? — sussurra.

— O quê?

— Essas crianças... elas nos dão um trabalho danado, geram um gasto exorbitante, cansam tanto a gente que nos fazem duvidar de nossa resistência física, causam uma preocupação imensa, destroem tudo que veem pela frente, não nos deixam dormir, nem comer, nem ter privacidade e ainda assim são chamadas de anjinhos.

Rio um pouco e ele me acompanha.

— Apesar de tudo isso — continua —, eu os amo demais. Amo tanto essas crianças, Lauren, que nem sei... nem sei explicar direito. — Assinto e o aperto mais contra meus braços, compartilhando do mesmo sentimento. Mattia se vira e ergue meu queixo, direcionando um olhar apaixonado para mim. — E amo a mãe deles na mesma medida. — Ele vasculha meus olhos por um instante antes de continuar: — Sabe, mais de um ano atrás, eu estava perdido.

Pisco devagar, atenta às suas palavras e ao carinho suave do seu polegar na minha bochecha.

— Encontrou o caminho de volta?

— Encontrei — responde, aproximando-se lentamente de mim. — Ainda não venci o percurso todo e sei que tenho um longo caminho a percorrer até eu estar bem outra vez, Lauren. Estou consciente de que a jornada não vai ser fácil, talvez até seja dolorosa, mas acontece que agora eu

tenho uma motivação para voltar para casa. Você e as crianças são meu lar. O motivo de eu continuar caminhando de volta. Não vou parar até ser o namorado que você merece e o pai que eles merecem.

Ele me beija lentamente e, aos poucos, me conduz para fora do quarto.

— Já é isso tudo, Mattia. O namorado que eu mereço e o pai que nossos filhos merecem.

Ele balança a cabeça em negativo.

— Minhas feridas ainda estão aqui — sussurra, as duas mãos no meu rosto. — Vou curá-las do jeito certo e não vai ser usando você e as crianças de centro de reabilitação. — Abro um sorriso gostoso contra seus lábios, contagiada pelo seu humor. — Acredito que certas cicatrizes são profundas demais para que o amor baste. Meu amor por vocês é a motivação, Lauren, não a cura.

— É bom te ouvir dizendo isso. Se fosse sua terapeuta, estaria orgulhosa.

Mattia ri e me beija de novo.

— Estou no caminho de volta — murmura bem baixinho. — Por você e pelos nossos filhos.

Suspiro e me delicio com o carinho dele no meu rosto.

— Estaremos sempre aqui te esperando. Leve o tempo que precisar.

Epílogo



Mattia

Uma emoção diferente e incrível vai tomando conta de mim conforme eu caminho, a passos lentos, até o pico do Monte Cervino. Conhecida também como Matterhorn, eu tenho uma grande pendência como essa montanha, e agora estou prestes a quitá-la. Filippo vai logo à frente, conduzindo o caminho junto com um guia da região. Fecho meus dedos com mais força na corda-guia fixada pelo percurso e inspiro fundo. Meus pulmões ardem por conta do ar rarefeito e pelo cansaço, e preciso respirar um pouco do oxigênio que carrego comigo. Aperto mais as alças da mochila em minhas costas e sigo caminho. Agora falta muito pouco.

Eu preparei meu físico e meu psicológico por mais de um ano. Eu estava certo de que me garantiria na parte física. Voltei a ficar em forma e tinha certeza de que daria conta de escalar os mais de quatro mil metros de altura e enfrentar as temperaturas negativas da montanha. Já com meu psicológico, eu tinha minhas dúvidas. Apesar de ter seguido o tratamento com o doutor Fagundes, não estava muito seguro, e meu irmão garantiu que a qualquer mínimo sinal de que eu teria uma crise de pânico, nós desceríamos, não importando em que parte do caminho estivéssemos.

Agora, faltando menos de quinhentos metros para o topo, uma sensação de vitória e superação começa a me assaltar. Duvidei de mim mesmo e saber que sou capaz de vencer meus próprios limites gera um sentimento indescritível. Ergo os olhos para a montanha à minha frente e tomo outra respiração longa com auxílio do cilindro de oxigênio. A escalada até aqui foi desafiadora e alcançar o cume não é fácil. A rota que fizemos, pelo lado italiano da montanha, chamada Cresta del Leone, é de alta dificuldade e exige muito do alpinista. Para mim, ainda envolve o fator emocional. Mas estamos quase lá.

Quase lá.

Preciso de um minuto de descanso e dou um grito para meu irmão me esperar. Nas duas primeiras vezes em que estive aqui, precisei voltar a menos de quatrocentos metros do topo. O clima naquelas ocasiões tirou de mim a oportunidade de vencer a montanha. Então, eu sei que por mais perto

que eu esteja do meu objetivo, alguma coisa pode acontecer e serei obrigado a voltar. Não vou me esforçar além dos meus limites, mas preciso de um instante antes de continuar. O guia ao meu lado me oferece um chá que traz consigo em uma garrafa térmica na mochila, mas eu declino, inspiro fundo e continuo.

Muitos minutos depois, exausto do percurso que começou quase sete horas atrás, eu dou os últimos passos até o topo. Filippo estica sua mão para mim, que eu aceito, e sou puxado para cima. Ele logo me traz para um abraço apertado e cheio de emoção. Retiro os óculos de proteção e observo a vista daqui de cima. Volto na primeira vez que alcancei o cume do Matterhorn, no mesmo dia que conheci a Naty, e deixo que a emoção transborde. Meu irmão apoia a mão no meu ombro e pergunta se estou bem. Eu me recupero do meu pequeno momento e assinto. Estou ótimo. Seco as últimas lágrimas e confiro as horas no relógio de pulso. Pouco depois das dez da manhã.

— Conseguimos, Mattia.

— Conseguimos — digo, ofegante. — Nem acredito.

Ele ri e joga os braços por sobre meus ombros.

— Eu ainda quero fazer uma escalada livre nessa montanha — menciona, com um sorriso enorme.

— Não diga a isso a mamãe ou você vai infartá-la. — Filippo ri baixinho e concorda. A escalada livre consiste em subir a montanha sem qualquer equipamento que auxilie o alpinista na sua aventura. Apenas mãos e pés. Filippo é completamente doido se quer mesmo fazer isso.

Nós contemplamos o cume por cerca de uma hora. Aproveitamos o momento para recuperar as energias para a descida, que é tão complicada quanto a subida, e bater muitas fotos. Poucos minutos antes de começarmos a descer, eu preciso fazer uma última coisa. Reviro minha mochila até encontrar uma foto da Natália junto comigo. É uma polaroide que estava guardada em casa desde então. O topo do Matterhorn tem diversos vestígios dos escaladores que por aqui passaram e eu colocarei mais um. Ajoelho-me no solo, faço um pequeno sulco e deposito a foto ali, recolando a neve para que ela fique fixada. Naty queria ter alcançado o cume novamente comigo e não teve a oportunidade. Aos poucos, estou me livrando dessa culpa. Trazer

uma fotografia nossa para cá é meu modo simbólico de realizar o último desejo dela.

— Vamos? Ainda temos uma jornada para descer — Filippo diz atrás de mim. — Precisamos ir logo para evitarmos o anoitecer.

Assinto e me levanto. Recoloco os óculos, ajusto a touca na cabeça, confiro meus equipamentos, e começamos a descer.



A família inteira está nos esperando no aeroporto internacional quando desembarcamos. Meus pais, Paola de mãos dadas com Liam, e Bianca. Meus três pequenos são os primeiros a vir correndo na minha direção, gritando por mim, sob os protestos da mãe, que os segue prontamente. Eu me agacho da melhor forma que consigo com toda bagagem e parafernalia, abro os braços para recepcioná-los e aperto-os contra meu corpo, cheio de saudades. Foram pelo menos sete dias longe de casa, o que pareceu uma eternidade. Fecho os olhos e inspiro fundo o cheiro deles, ignorando as frases que dizem simultaneamente.

— Que saudade tive de vocês, seus pestinhas — digo, afastando-os de mim. — Se comportaram na minha ausência?

— Mamãe disse que você traria chocolate — Gabriel aponta, dando saltinhos. Rio e me levanto para receber minha noiva com um beijo suave.

— Você trouxe o chocolate, papai? — Lavínia insiste, puxando minha calça para chamar minha atenção.

— É, você trouxe chocolate, papai? — Arthur imita a irmã.

— Eu trouxe muitos chocolates — exclamo, abaixando-me novamente na altura dos três. Enquanto isso, Filippo troca um beijo com Bianca, a garota que conseguiu laçar o coração do mulherengo, e um abraço com meus pais. — Estão aqui na minha bolsa, mas só vamos comer quando chegarmos em casa e depois do jantar, tudo bem?

Eles assentem e ficam eufóricos. Dito isso, posso finalmente cumprimentar a mãe deles de forma decente e depois trocar abraços com meus pais, minha irmã e Liam, que agora é meu cunhado. Depois da breve

recepção, nós voltamos para casa. Mamãe preparou um jantar especial e, em torno da mesa, todo mundo quer ouvir como foi a escalada. Ficamos horas contando sobre nossa aventura, e Filippo segue obstinado a se preparar para o Everest. Parece até que já está organizando uma expedição para a próxima temporada. Minha mãe é que mais fica preocupada, claro, e papai, apesar do temor que percorre seus olhos por causa da vida que o filho do meio leva, o apoia em sua aventura.

Depois do jantar, nós nos reunimos na sala da casa dos meus pais e matemos a conversa animada. Eu fico em silêncio por um minuto, apenas observando todos eles interagirem. Os trigêmeos estão em um cantinho brincando e comendo os chocolates que trouxe. Paola fala dos planos que tem para seu consultório, e, ao seu lado, Liam a olha com alguma veneração e orgulho; Filippo quer iniciar Bianca em suas aventuras, mas a namorada é medrosa demais para escalar um paredão artificial de cinco metros de altura; meu pai comenta sobre uma viagem com minha mãe no próximo aniversário de casamento; e Lauren está feliz com uma promoção que ganhou na semana passada na Conecta Mídia. Sorrio para mim mesmo e sinto meu coração repleto de felicidade pela família da qual faço parte.

— Depois dessa semana — Lauren murmura no meu ouvido —, pretende voltar definitivamente a escalar? — Seus dedos se fecham contra os meus em um ato amoroso. Eu me viro na sua direção.

— Não. Vou ser sincero, durante a escalada eu pensei seriamente em voltar a me aventurar. A adrenalina, as dificuldades, a superação... Isso é viciante e juro que fiquei muito tentado. Escalar foi minha maior paixão por anos, não dá para simplesmente arrancar isso de mim, dá? — Ela move a cabeça de um lado a outro vagarosamente. — Mas eu pensei melhor. Pensei em você, nas crianças, nos meus pais.

Olho para nossos dedos juntos e aperto mais sua mão na minha. Brinco com a aliança de noivado no dedo dela e sorrio um pouquinho, lembrando-me do pedido, cinco meses atrás.

— A vida é um sopro, é o que dizem. Pessoas morrem por muito e morrem por pouco. Eu posso morrer fazendo algo trivial, mas enfrentar o perigo do alpinismo eleva as chances. — Encontro seus olhos e deixo um beijo suave no canto da sua boca. — Definitivamente, não pretendo me

arriscar mais. Tenho um lar para onde voltar agora, Lauren. Não quero deixar vocês esperando.

— Fico feliz em ouvir isso. Sabe que te apoiaria se decidisse voltar para essa vida louca, mas... me alivia que não queira. Dói só de pensar que poderia te perder a qualquer momento durante uma expedição. Te amo demais, Mattia. Não sabe como eu fiquei aflita durante essa semana, te imaginando lá.

— Eu sei, amor. Foi a última vez. Talvez eu volte a praticar outros esportes menos perigosos porque é o que eu amo, mas nada tão radical como escalar. Já estou pensando em levar vocês para esquiarmos juntos na Argentina ou nos Alpes Suíços. O que acha?

Ela ri e balança a cabeça de um lado a outro.

— Você não tem jeito.

Eu sorrio um pouquinho e a beijo de novo. Enfio a mão no bolso do meu moletom, tiro um chocolate Toblerone e entrego para ela. Lauren solta uma risada gostosa e aceita o chocolate.

— Você realmente trouxe um Toblerone para mim. Trouxe direto da Suíça ou comprou por aqui mesmo?

Rio e tiro outro chocolate do meu bolso, entregando-lhe.

— Diretamente de Zermatt, na Suíça, em uma lojinha bem perto do Matterhorn.

Lauren se joga nos meus braços e me aperta forte contra seu corpo. Eu retribuo o abraço e fecho os olhos, deixando que a emoção tome conta de mim. Inspiro seu cheiro de amêndoas e sinto sua pele macia que até hoje mexe com todo meu organismo. Um instante depois, Arthur, Lavínia e Gabriel se juntam ao abraço, enciumados com a troca de afeto entre mim e a mãe. Eu os envolvo em meus braços e deixo um beijo em cada um deles.

O homem que fui um dia não só encontrou o caminho de volta. Ele, finalmente, está em casa.



Operação Bebê a Bordo



Conheça a história de Louise e Arthur, os pais de Mattia.

Disponível: <https://bit.ly/OperacaoBebeaBordo>

Sinopse:

O maior sonho de Louise Ventura sempre foi ser mãe. Fugindo de relacionamentos e preferindo não conceber um bebê por vias não-convencionais, ela arrisca engravidar de um desconhecido qualquer cuidadosamente escolhido em um site de relacionamentos, se dedicando à maternidade solo e ao seu trabalho no ramo de multimídia.

A vida de Arthur Massari sempre foi focada em trabalho, com pretensões ambiciosas de fazer seu negócio em produção de multimídia crescer cada vez mais. Ao fundir sua empresa com outra, ele reencontra a garota fogosa com quem dormiu meses antes. Para sua surpresa, ela está grávida. Ter um filho fora do atual noivado era a última coisa que ele esperava, mas é exatamente o que acontece quando descobre que o filho é seu. Ele pretende fazer seu papel de pai, mesmo que isso signifique ter de lidar com uma noiva abusiva e comprometer seu noivado.

Acompanhando o pré-natal, um sentimento de carinho, amor, amizade e cumplicidade nasce entre os dois e fica cada vez mais impossível resistir a um iminente romance.



CAPÍTULO 1

Momentos desesperados pedem medidas desesperadas.

Engravidar de um completo estranho que ainda vou conhecer pessoalmente é uma medida muito desesperada? Talvez. Mas é o que temos

para hoje.

Mordo a pontinha do dedo indicador, meus olhos fixos na tela do celular — “Arthur está digitando...” — enquanto penso na loucura que estou prestes a cometer e o espero responder à minha mensagem. Eu o escolhi a dedo semanas atrás. Alto, cabelos castanhos e ondulados, barba não muito cheia, mas também não muito rala, e olhos âmbar. Pelas fotos dele sem camisa do aplicativo de namoro, mantém a academia em dia. Abençoada seja a sua genética porque é com ele que vou fazer um filho.

Sempre quis ser mãe, como sempre repeli relacionamentos. Então, uma coisa puxou a outra, e aqui estou. Perto de entrar na casa dos trinta anos, já com a vida estabilizada, é hora de ter um bebê. De uma forma um pouco mais tradicional, isso acabaria por exigir que eu tivesse um homem a tiracolo. A maternidade solo existe mesmo na vida de mulheres casadas, mas se é para ser mãe solo, prefiro ser sem ter um marmanjo como brinde desagradável.

Eu poderia optar por uma inseminação artificial, mas a probabilidade de uma gestação gemelar é de quinze por cento contra um por cento de chance por vias naturais. Vou ficar satisfeita e muito feliz em ter apenas um bebê; por isso, prefiro não arriscar. Além do mais, já tem alguns meses desde a última vez em que estive com um cara. Vou juntar o útil ao agradável.

“Estou ansioso para te conhecer. Duro só de pensar nas coisas que vamos fazer no motel”.

Sorrio um pouco, digitando uma resposta. Nós temos flertado desde que demos *match* no *app*. Arthur não foi acanhado na nossa primeira troca de mensagens e já começou com baixaria. Não nego, amei. Ele não fez nada que eu não tenha dado liberdade para fazer e, por isso, ganhou um pontinho positivo comigo. Durante as semanas em que fomos nos conhecendo até eu me decidir se ele seria ou não o pai do meu filho, trocamos todo tipo de mensagens. Das mais picantes às mais banais, e de alguma forma, ele conquistou meu carisma. O homem aparenta ser bacana. Não me falou muito da sua vida pessoal ou profissional, tudo o que sei é que trabalha em uma empresa importante (em que cargo, fica o mistério), tem trinta e dois anos e vem de uma família de classe alta. Eu também não falei muito de mim para ele — ora, se o moço quer fazer suspense, também vou fazer — e comentei

apenas o básico, o que, de qualquer forma, pareceu o suficiente para decidirmos marcar um encontro. A intenção é só dar uma trepada. Desnecessário saber qualquer coisa além do básico.

“*Cê tá* muito seguro de si. Vamos ver se é isso tudo”.

“O que ganho se eu for ‘isso tudo’?”.

É impossível não sorrir. Ele não me parece do tipo egocêntrico convencido com mania de grandeza. Talvez seja muito seguro de si ou é só um cara com um humor contagiante.

“Se quiser, mais encontros”.

Mordo o ponta do dedo indicador, esperando pela sua resposta. Quero garantir que vou engravidar desse homem. Por isso, planejei minuciosamente que eu o encontre mais algumas vezes durante meu período fértil. Depois, dou uma pausa até confirmar que engravidei e, confirmado, sumo do mapa. Não tenho pretensões nenhuma de contar para ele sobre a gravidez.

“Prometo que vou ser um menino bem empenhado, nesse caso. Nem te experimentei, mas já quero repetir a dose”.

Balanço a cabeça de um lado a outro porque, estranhamente, gosto do humor de Arthur. Mesmo que ainda não o tenha conhecido frente a frente, ele desperta algo diferente em mim. Eu envio:

“E se *eu* não for isso tudo?”

“Não duvido que seja um mulherão da porra na cama e fora dela. Confie no seu potencial. E que potencial, hein?!”, responde e, junto, manda um *print* de uma foto minha que ele deve ter achado no meu álbum de fotos do Facebook. A fotografia em questão tem três anos e eu estava no litoral, ao pôr do sol, de costas para o fotógrafo e com os braços estendidos.

“*Stalkeando* minhas redes?”

“Lógico. Uma gata que nem tu e eu não ia te perseguir ciberneticamente?”

“Besta. Vou me arrumar, Arthur. Te vejo em breve. Beijos.”

Deixo o celular de lado e me levanto, correndo para o banheiro tomar um banho. Escolho uma lingerie sexy, me perfume mais do que o

comum e faço uma maquiagem básica. Confiro se estou com todos meus pertences — carteira, documentos, dinheiro, celular, carregador e camisinhas. Camisinha todas furadas. Comprei meia dúzia delas e violei a embalagem com um alfinete. Ele nem vai desconfiar.

Como não sou nenhuma irresponsável de furar camisinhas e correr o risco de pegar uma DST, inventei qualquer desculpa que eu poderia querer sexo oral entre nós, mas que detestava fazer com preservativos. É como chupar bala com a embalagem. Então, combinamos de fazer exames das principais IST, incluindo a HPV que merece um exame específico. Ele me mandou os dele dois dias atrás tudo bonitinho: seu nome completo no exame, a data de que foi feito naquela semana, clínica conhecida na cidade, carimbo do médico que avaliou os resultados com CRM, que, claro, fui procurar.

Confiro as horas. Quase sete da noite. Preferia que a gente se encontrasse mais tarde, mas acabou que nós dois temos compromissos. Eu combinei de encontrar umas amigas em um barzinho não muito longe do motel onde vamos estar (escolhi um logo nas redondezas para não me atrasar muito), e ele não especificou que compromisso tem, mas disse que tem. Combinamos que vamos ficar juntos por, no máximo, uma hora. Em uma próxima oportunidade — que garanti que seria amanhã — vamos nos ver de novo e fazer “direito”. Podíamos ter deixado para o dia seguinte e aproveitarmos melhor, mas não quero perder o primeiro dia do meu período fértil e também porque essas semanas todas de flertes e trocas de mensagens safadas mexeram com todos meus hormônios e estou que não me aguento para dar para ele.

Chamo um Uber e, no trajeto, compartilho minha localização com Arthur por segurança. O percurso é rápido e, quando chego, ele está me esperando na porta do motel, em um carro esportivo como indicativo que ele realmente trabalha em uma empresa importante em um cargo alto. Talvez muito alto. Prendo o ar conforme avanço na sua direção. O homem é tão bonito que deveria ser pecado capital e crime contra a humanidade. Se Deus fez coisa melhor, guardou só para ele. Encostado ao Ford Mustang branco, Arthur usa um terno casual azul-royal e sapatos que devem custar meu salário do mês. O sorriso nele ilumina toda a noite e faz minhas pernas bambearem por um instante. Bonito, rico, carismático. Se for bom de cama, é capaz de eu me apaixonar.

Mentira. Não vou me apaixonar, não. Por mais bonito, rico, carismático e bom de que cama ele possa ser. Risca isso da lista porque essas qualidades também são sinônimos de encrenca. Longe de mim me amarrar a homem que vai me dar dor de cabeça.

— Você é ainda mais linda pessoalmente — Arthur diz, desencostando-se do carro e vindo na minha direção.

Solto o ar que estava preso até agora e sorrio, um pouco sem jeito com o elogio. Avalio-o dos pés à cabeça e preciso concordar com a mesma coisa. Ele é ainda mais bonito em carne e osso. Sequer tenho tempo de retribuir o elogio porque, no instante seguinte, sua mão direita está na minha cintura e sua boca está vindo para a minha. Ele me puxa com força de encontro ao seu tórax duro — Deus, e que tórax duro! — e me dá um beijo exigente, cheio de pegada. Fico sem ar conforme me devora, intenso, lascivo, quente e apaixonante. Se o homem é bom assim apenas com um beijo, vou ficar devastada na cama. Adoro.

— Acho que já perdemos tempo demais, não acha, Louise? — Meu nome na sua boca faz minhas coxas apertarem. É sexy e gostoso de ouvir.

Com apenas um aceno, ele me leva para seu Mustang, abre a porta do passageiro e contorna o veículo. Avançamos motel adentro, e ele resmunga alguma coisa sobre preferir ter ido me buscar. Dou uma desculpa de que não queria incomodá-lo, mas a verdade é que não quero que saiba meu endereço. Se ele gostar da fruta, Deus me livre ir me procurar e descobrir que estou grávida. Pode ser que ele faça como quase seis por cento dos homens brasileiros e não assuma a criança, mas pode ser daqueles que quer assumir, estar presente, por mais raro que seja. Prefiro me prevenir.

Cinco minutos depois, estamos no quarto. Arthur reservou uma suíte bem luxuosa, com uma cama redonda bem no meio do ambiente, espelho no teto e banheiro com hidromassagem. Ele entra primeiro e fecha a porta. Ainda estou observando tudo à minha volta quando o homem me puxa pelo punho e vem na minha direção. Preparo-me para o impacto da sua boca na minha, que vem como um tsunami. Arthur é exigente. Ele segura na minha cintura com força, aperta-me e depois começa a desabotoar minha camisa cambraia.

Não ofereço nenhum tipo de resistência e me entrego. Sou conduzida até a cama, ele vindo por cima do meu corpo. Seus beijos se espalham por

toda minha pele, começando ao pé do ouvido e descendo até meu colo exposto agora pela camisa aberta. Ergue o olhar para mim quando se depara com o sutiã de renda e brinca um instante com a peça antes de enfiar o rosto entre meus peitos e puxá-los para fora, circulando a língua nos meus mamilos endurecidos. Suspiro, gostando do choque que seus dentes causam nessa parte sensível.

— Vamos mesmo fazer sexo oral? — pergunta, esfregando lentamente sua virilha na minha. Sinto sua ereção em mim e dou uma olhadinha para baixo. Parece ter um tamanho considerável.

— Eu ponderei e tudo mais, só que...

— Só que...? — Ele me olha, sua boca ainda presa ao meu seio esquerdo.

— Podemos ir com calma? Achei que estivesse confiante o suficiente, mas não me sinto à vontade ainda para fazermos isso.

— Não deu tempo de deixar a depilação em dia? — sussurra, resvalando o nariz pelo meu pescoço. — Se for isso, eu não me importo. Não tem que se importar também.

Rio um pouco, impressionada com a falta de filtro desse homem.

— A depilação está em dia, sim. Só não estou preparada como achei que estaria. Mais especificamente, não me sinto preparada para fazer *com* você.

Não é mentira. Eu não consigo me sentir bem em receber ou fazer sexo oral com um cara que não tenho certa intimidade. Arthur é só uma trepada casual que, assim espero, não vai durar mais que uma semana. Pretendo repetir a dose durante meus dias férteis, mas não vou procurá-lo mais a ponto de pegarmos intimidade para que possamos nos proporcionar esse tipo de prazer.

— Tudo bem. Quem está perdendo uma linguada deliciosa na boceta não sou eu.

Estapeio seu ombro e gargalho por um momento, sua risada rouca e grave me acompanhando. Até a risada desse homem é perfeita. Universo, me ajuda aqui, por favor? Manda só um defeitinho. Um assim, de nada, que eu

possa usar como pretexto para não querer mais vê-lo nunca mais. Porque confesso que está difícil.

— Vamos parar de falar tanto e ir ao que interessa? Por que ainda está vestido, para começo de conversa? Tira logo essa roupa que eu quero te usar.

Ele dá outra daquela risada gostosa e se ajoelha na cama, passando a se despir. Arthur tem um aroma gostoso que, convenhamos, não sou capaz de descrever porque sou uma capivara para perfumes masculinos. Mas é um cheiro forte, inebriante e delicioso. Tem cheiro de perfume importado e caro — isso sou capaz de reconhecer. Sento-me na cama, apreciando o espetáculo que se desenrola na minha frente. Primeiro, ele tira o blazer. Depois, sem desfazer nosso contato visual, ele desabotoa a camisa branca.

— Nesse tanquinho, eu lavava roupa todo dia — brinco, mordendo a pontinha do lábio inferior.

— O tanquinho não faz nada sem uma boa torneira, não concorda? — devolve, em um tom que é uma linha tênue entre o bom humor e a malícia.

Maneio a cabeça concordando, ansiosa pela parte mais interessante e esperada desse show particular. Lentamente, o homem tira a calça. A boxer preta bem colada nos quadris marca sua ereção. Passo a língua pelos lábios, admirando seus atributos. Ele sorri daquele jeito convencido e baixa a cueca. Seu pau pula para fora, completamente ereto. Não é nenhum vinte e cinco centímetros — e Deus me livre que fosse porque gosto de fazer sexo, não de procurar petróleo no meu útero —, mas tem um tamanho satisfatório. Dezesseis. Dezesete. No máximo, dezoito. Do tamanho que gosto. É fácil de acomodar e, se um dia acontecer, fácil de engolir.

— Quer sentir o estrago que ele faz, Louise? — Arthur pergunta, envolvendo as mãos em torno do membro pulsante.

Abro outro sorriso. Que autoestima da porra.

— Você *tá* fazendo promessas demais, Arthur — sussurro, subindo minha saia e me expondo para ele. — Não prometa o que não pode cumprir. — Pego minha bolsa sobre a cama, retiro o primeiro pacotinho de camisinha e jogo nele.

O homem pega no ar e enrola o látex em sua extensão. Ele vem para mim, tomando-me em um beijo quente, suas mãos voando para o meio das

minhas pernas.

— Vai ver que sou homem de palavra. Eu prometo, eu cumpro, Louise.

Derreto-me nesse momento. Derreto-me com seu toque na minha boceta, sua boca no meu pescoço, e meu nome nos seus lábios. Ele não precisa de muito para me deixar completamente entregue e excitada. Não sei se é a abstinência ou se ele que é bom demais com sua língua e dedos, mas a facilidade com que fico molhada é impressionante. Rebolo nos seus dedos, que brincam comigo e com a minha sanidade. Nem me importo com o sorrisinho convencido que dá enquanto circula meu clitóris, sabendo que estou totalmente entregue e que ele é completamente incrível.

— Vem sentir o estrago, Louise — diz, ajoelhando na cama e me puxando para si. Ergue minha perna esquerda até seu ombro e mantém a direita em torno da sua cintura.

Segurando o pau, ele o direciona para minha boceta e me penetra devagar. Agarro nos lençóis, gostando da sensação que me acomete quando o tenho dentro de mim. O homem mal começou a me comer e sei que está certo. Ele vai fazer estrago. Arthur se move devagar, mas a lentidão dura pouco tempo. Em um minuto ou menos, ele está me comendo tão vigorosamente que a cama sai do lugar.

Arthur promete e cumpre.

O estrago é delicioso.



Pulo do Uber depois de pagar a corrida e caminho para o bar. Minhas amigas já estão aqui, animadas em uma conversa. Junto-me a elas na mesa, que me recebem com beijos e abraços. Peço alguns aperitivos e cerveja e, por algum tempo, jogamos conversa fora e conto sobre meu encontro, poupando-as da parte de que estou tentando engravidar. Laura vai embora cerca de meia hora depois que chego, precisando ir levar o jantar para o irmão, que ela comprou por ali mesmo. Só nós duas, Bianca quer

saber como andam meus projetos na Conecta, e conto uma coisa ou outra porque não quero saber de trabalho agora. Não muito tempo depois, ela também precisa ir.

Aceno e me despeço com um beijo. Fico na mesa, terminando minha cerveja e meu aperitivo sozinha. Confiro meu celular e tem uma mensagem dele.

“Gostou do estrago?”

Rio um pouquinho e respondo:

“Acho que preciso de mais uma demonstração para ter certeza”.

“Seu pedido é uma ordem. Amanhã, às 22h?”

Mordo a pontinha do lábio inferior, meus olhos fixos na sua foto de perfil do aplicativo de mensagem. Se o filho que fizer em mim tiver um terço dessa beleza vai ser de bom tamanho.

“Amanhã, às 22h., no mesmo motel.”



Fique por dentro de todas as novidades.

Instagram: @acnunesautora (<https://www.instagram.com/acnunesautora/>)